

UNIVERSIDADE DO GRANDE RIO - UNIGRANRIO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESCOLA DE CIÊNCIAS, EDUCAÇÃO, LETRAS, ARTES E HUMANIDADES
Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes - PPGHCA
Mestrado Acadêmico em Humanidades, Culturas e Artes

Sara Souza da Silva

**MEMÓRIA E LETRAMENTO NO JARDIM GRAMACHO:
PARA LER E ESCREVER UMA OUTRA HISTÓRIA**

Duque de Caxias

2018

Sara Souza da Silva

**MEMÓRIA E LETRAMENTO NO JARDIM GRAMACHO:
PARA LER E ESCREVER UMA OUTRA HISTÓRIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes da Universidade do Grande Rio - “Professor José de Souza Herdy”.

Área de concentração: Representação da Historicidade, Memória e Discurso.

Orientadora: Prof.^a Cleonice Puggian.

Duque de Caxias

2018

Sara Souza da Silva

**MEMÓRIA E LETRAMENTO NO JARDIM GRAMACHO:
PARA LER E ESCREVER UMA OUTRA HISTÓRIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes da Universidade do Grande Rio - "Professor José de Souza Herdy".

Aprovado em ___ de _____ de 2018.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Cleonice Puggian
Universidade do Grande Rio – UNIGRANRIO – (orientadora)

Profa. Dra. Jacqueline de Cassia Pinheiro Lima
Universidade do Grande Rio – UNIGRANRIO

Prof. Dr. Marcio Luiz Correa Vilaça
Universidade do Grande Rio – UNIGRANRIO

Profa. Dra. Andrea Serpa Albuquerque
Universidade Federal Fluminense – UFF

Profa. Dra. Glaucia Campos Guimarães
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus.

Agradeço a meu marido, minha mãe e a todos os familiares.

Agradeço também a minha orientadora, que sempre acreditou e apoiou esta pesquisa, e ao corpo docente do Programa de Pós-graduação em Humanidades, Culturas e Artes.

Agradeço à banca, pelas valiosas contribuições.

Agradeço aos colegas do mestrado, que foram grandes companheiros de jornada.

Agradeço às moradoras do Jardim Gramacho, que me contaram uma outra história.

Agradeço às professoras e equipes pedagógicas das escolas onde conduzimos a pesquisa.

Agradeço, em especial, aos alunos e alunas das escolas do Jardim Gramacho, por serem sinal de esperança, construindo uma nova narrativa.

RESUMO

Esta dissertação apresenta os resultados de uma pesquisa qualitativa, de viés colaborativo, sobre as relações entre memória e letramento. O objetivo foi investigar como as memórias de moradoras antigas poderiam integrar-se ao processo de letramento de crianças de três escolas públicas do Jardim Gramacho, em Duque de Caxias. Elegemos como participantes cinco moradoras e três professoras alfabetizadoras, assim como suas respectivas turmas do ciclo de alfabetização. Adotamos um referencial teórico de caráter interdisciplinar, explorando as relações entre memória e letramento na perspectiva da educação libertadora de Paulo Freire, em que a leitura de mundo precede a leitura da palavra. A pesquisa foi realizada em quatro etapas. Na primeira conduzimos entrevistas com cinco moradoras do bairro, apoiando-nos nas orientações da história oral de vida de caráter híbrido. Nestas entrevistas exploramos a história dessas mulheres e a história do próprio bairro, antes e depois da instalação do aterro sanitário. Na segunda etapa, buscamos conhecer os processos de letramento adotados pelas professoras alfabetizadoras. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas e observação das práticas em sala de aula. A partir do diálogo com moradoras e professoras, na terceira etapa, elaboramos colaborativamente uma proposta de letramento, que materializou-se na forma de uma história infantil sobre o bairro. Na quarta etapa, implementamos o projeto, quando a história infantil foi lida, interpretada e ilustrada pelas crianças. Registramos também o desdobramento desta atividade em uma das escolas, que decidiu envolver toda a comunidade. Os resultados indicam que a narrativa de moradoras antigas pode permitir acesso a um lugar quase sem registro, que vai muito além das injustiças ligadas ao Aterro Metropolitano e às dificuldades do trabalho de quem depende do lixo. Foi possível conhecer um Jardim Gramacho de poucos habitantes, com grande biodiversidade, onde predominavam a riqueza do manguezal e da baía de Guanabara. Percebemos também que a abordagem didático pedagógica do processo de alfabetização nas escolas voltava-se principalmente para o desenvolvimento de técnicas de leitura e escrita, distanciando-se da memória local. Apesar de todas as docentes terem afirmado a importância do letramento nas práticas de alfabetização, esses dois processos estavam dissociados. Concluímos que um processo de letramento associado à memória local pode dar um novo sentido à escrita, permitindo que a criança assuma uma posição de protagonista na leitura e registro da história de si e do seu lugar.

Palavras-chave: Memória. Letramento. Jardim Gramacho.

ABSTRACT

This dissertation presents the results of a qualitative and collaborative research on the relationship between memory and literacy. The goal was to investigate how the memories of old residents could be integrated into a literacy proposal for children in three public schools in Jardim Gramacho, Duque de Caxias. Five residents and three literacy teachers were selected as research participants. The investigation adopted an interdisciplinary theoretical framework, exploring the connections between memory and literacy in the perspective of Paulo Freire's liberating education, in which the reading of the world precedes the reading of the word. Data was collected in four stages. The first was dedicated to interviews with five residents, based on the guidelines of oral history. In the second stage, we investigated the processes adopted by literacy teachers in three schools. Semi-structured interviews and classroom practices were carried out. From the dialogue with residents, in the third stage, we elaborated a pedagogical proposal, in the form of a children's storybook. In the fourth stage, we implemented the project, when first year students read, interpreted and illustrated the storybook. We also followed the unfolding of this activity in one of the schools, which decided to involve the whole school community in the project. Research results indicate that the narrative of old residents can allow access to a place in memory often unknown. In the case of Jardim Gramacho, it was a place well beyond the injustices linked to the Metropolitan Landfill and to the difficulties of the work of those who depended on garbage collection. It was possible to get to know a place of few inhabitants, with great biodiversity, where the richness of the mangrove and the bay of Guanabara prevailed. We also noticed that the didactic pedagogical approach of the literacy process in schools was mainly focused on the development of reading and writing techniques, distancing itself from local memory. Although all teachers affirmed the importance of literacy practices, these two processes were dissociated. We conclude that literacy initiatives linked to local memory may give a new meaning to writing, allowing children to take a leading role in reading and writing their own stories and the story of their own neighborhoods.

Keywords: Memory. Literature. Jardim Gramacho.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 MEMÓRIA E LETRAMENTO: APROXIMAÇÕES POSSÍVEIS	16
1.1 Alfabetização e letramento: diálogos e convergências	16
1.2 Memória e história: caminhos entrecruzados.....	24
2 JARDIM GRAMACHO E SUAS HISTÓRIAS: REVELANDO UM OUTRO OLHAR 28	
2.1 Jardim Gramacho: lugares de memória e outras narrativas	35
2.1.1 Manguezal.....	35
2.1.2 Porto.....	38
2.1.3 Ruas	40
2.1.4 Comércio	42
2.1.5 Escolas	44
2.1.6 Energia elétrica	47
2.1.7 Aterro	48
2.1.8 Praças	50
2.1.9 Movimentos populares	54
3 LENDO E ESCRIVENDO UMA OUTRA HISTÓRIA: UM PROJETO DE LETRAMENTO COM PROFESSORAS ALFABETIZADORAS DE TRÊS ESCOLAS MUNICIPAIS DO BAIRRO JARDIM GRAMACHO	56
3.4 Elaboração e desenvolvimento do projeto de letramento em diálogo com a memória local.....	68
3.4.1 Escola Municipal Jardim Gramacho	69
3.4.2 Escola Municipal José Medeiros Cabral	70
3.4.3 Escola Municipal Mauro de Castro	71
4 DESDOBRAMENTO DO PROJETO DE LETRAMENTO	99
CONSIDERAÇÕES	109
REFERÊNCIAS	113
APÊNDICE A - Roteiro de entrevistas para as professoras	117
APÊNDICE B – Roteiro de entrevistas com moradoras.	118
APÊNDICE C – Termo de consentimento livre e esclarecido as professoras....	119
APÊNDICE D – Termo de consentimento livre e esclarecido às moradoras.	120
APÊNDICE E – Carta de Anuência.	121
APÊNDICE F – Mapa do bairro Jardim Gramacho	122
APÊNDICE G – Transcrições	123
Márcia.....	123
Neusa.....	131
Valéria.....	137
Helena.....	140
Denise.....	143

INTRODUÇÃO

Meu encantamento pela escola começou aos dois anos, quando todos os dias acompanhava minha mãe e irmão ao jardim da infância (como a pré-escola era chamada naquela época). Até hoje lembro da cena: nós duas paradas em frente ao portão da escola, meu irmão entrando e uma tristeza imensa me corroendo, pois eu ainda não tinha idade para acompanhá-lo. Quando voltávamos para casa, eu ficava em meu mundinho imaginando o que poderia estar acontecendo naquele lugar mágico. Fui alfabetizada aos cinco anos e andava com minha mãe e meu irmão lendo todos os letreiros e cartazes que via pelas ruas. Um livro infantil chamado “O menino que aprendeu a ver”, de Ana Maria Machado, que conheci somente depois de adulta, faz-me lembrar daqueles momentos tão especiais.

Aos oito anos, quando já estava na 3ª série (hoje 4º ano), conheci Dona Érica, que era uma professora competente e carinhosa. Às vezes eu achava que ela até podia adivinhar em que eu estava pensando. Sempre desejei ser como ela. Lembro-me de uma vez em que ela estava ditando e eu errei a palavra paralelepípedo. Os professores normalmente corrigem e entregam, mas a professora Érica fez diferente. Ela disse que eu tinha pensado certo, que eu sabia escrever a palavra, mas que eu tinha me confundido ao colocar uma sílaba a mais. Fiquei tão feliz ao ouvir isso da professora, que logo me recuperei da frustração de receber uma estrelinha prateada no caderno, que até então só tinha estrelinhas douradas. Durante o ensino fundamental também sonhava em ser escritora. Lembro de ter escrito e ilustrado alguns livros, porém não recebi incentivo para continuar e acabei me desfazendo das histórias que já havia produzido e aos poucos fui abandonando esse hábito.

Continuei estudando e os anos foram se passando. No ensino médio eu pensava no curso de formação de professores, que era a opção indicada pela minha mãe, mas como eu era muito tímida, achava que não conseguiria ser professora. Acabei escolhendo o curso técnico em processamento de dados (informática), então percebi que até gostava de computadores, porém não de consertá-los.

Passado mais algum tempo, em 2001, chegou a hora de escolher o curso de graduação. Prestei vestibular para o curso de Pedagogia, na Universidade do

Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Escolhi estes cursos por influência da minha mãe. Hoje sei que ela estava certa desde o início.

Em 2002 iniciei o curso de Pedagogia na UERJ, com habilitação em Licenciatura Plena das Séries Iniciais e Educação Infantil. Fiquei encantada com as descobertas que fazia em decorrência do que era ensinado pelos professores. Passei a fazer parte de um grupo de pesquisa, inicialmente como voluntária, e depois como bolsista de Iniciação Científica. Como bolsista desenvolvi vários trabalhos apresentando-os em congressos, seminários e colóquios, o que despertou em mim a vontade de prosseguir com os estudos.

Conclui o curso em dezembro de 2005 e em 2006 iniciei a Pós-Graduação em Organização Curricular do Trabalho Pedagógico, na UERJ. Terminei a pós-graduação *lato sensu* em 2008, sem pôr em prática o que havia aprendido. Isto me frustrava, porque exercia um cargo em uma empresa de telefonia que não necessitava da minha qualificação. Cheguei a sentir vergonha de dizer que era formada e pós-graduada na UERJ, pois desempenhava o mesmo trabalho de pessoas que sequer tinham terminado o Ensino Médio.

Novamente, devido ao incentivo da minha mãe, decidi estudar com afinco para passar num concurso público. Minha mãe dizia que se eu tive capacidade para passar no vestibular, eu teria para passar num concurso. Logo fui aprovada e convocada para os municípios de Niterói e São Gonçalo, para o cargo de Professor II. Com o tempo, percebi que poderia trabalhar mais perto de casa, já que moro no município de Duque de Caxias. No início da minha atividade como professora ainda precisei vencer a timidez, que inicialmente me impedia de abraçar esta profissão. Aprendi que precisamos perseverar e não desistir diante dos obstáculos da vida.

Em 2011 consegui a aprovação para o município de Belford Roxo. A convocação foi rápida e passei a procurar alguém para fazer uma permuta para qualquer município da Baixada Fluminense. Então encontrei uma professora que morava em Niterói e trabalhava em Nova Iguaçu. Ela estava disposta a permutar. Fiquei com receio por não conhecer Nova Iguaçu, mas aceitei. Desta forma, o desejo de trabalhar mais perto de casa se tornou realidade.

No ano de 2012, com o apoio do meu marido, iniciei o meu segundo curso de pós-graduação em Gestão do Trabalho Pedagógico: Administração,

Orientação e Supervisão, na Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO). Resolvi fazer este curso porque a habilitação da minha formação inicial foi somente em licenciatura e senti a necessidade de complementar meus estudos.

Com o tempo, passei a ter outro sonho: ter uma matrícula em Nova Iguaçu e não precisar de alguém para permutar, já que isto não dependia só de mim. Quando abriu o concurso para Professor II do município de Nova Iguaçu, passei a estudar ainda mais, o que gerou uma classificação que eu não imaginava: 1º lugar. Depois tive a oportunidade de trabalhar com turmas do segundo segmento do ensino fundamental e ensino médio e atualmente leciono na formação inicial de professoras e professores em nível médio no quarto distrito de Duque de Caxias. Também participei de formações continuadas ofertadas pelas várias redes de ensino onde atuo.

Percebo que a escolha do magistério como profissão e a formação continuada representam uma reconciliação com a produção escrita que havia deixado há tantos anos. Prosseguindo com o desejo de aprender, iniciei o curso de mestrado na UNIGRANRIO com o intuito de pesquisar sobre letramento. Já na primeira conversa com minha orientadora, cujo trabalho se apoia nas ideias de Paulo Freire, foi plantada a semente que se desenvolve nesse texto de qualificação e caracteriza-se por investigar a “leitura de mundo” e a “leitura da palavra” das crianças que vivem no Jardim Gramacho.

O interesse pelo processo de letramento surgiu em virtude do meu trabalho como professora alfabetizadora e também pela atuação no curso de formação de professores no nível médio. Percebo a fundamental importância do letramento não somente para a alfabetização, mas também para as práticas sociais visando a formação de cidadãos. Diariamente noto a dificuldade de muitas pessoas ao desempenharem funções simples, como a que vivenciei certa vez em uma igreja do bairro, em que o pastor estava desenvolvendo sua pregação e propôs uma dinâmica explicando que após uma fala dele as pessoas deveriam dizer cada uma o seu próprio nome e prosseguir com uma frase. Ele iniciou, mas os membros demonstraram não terem entendido e repetiram o que ele disse. O pastor tentou novamente, realizando mais ou menos cinco tentativas, mas todas foram em vão e ele desistiu dizendo que não deu certo porque eles não entenderam.

Na local em que trabalho também percebo que a maioria dos alunos e alunas demonstram dificuldades em situações que envolvem tanto a linguagem oral quanto a escrita. Em conversas com colegas de profissão, alguns deles afirmam que a causa dessas dificuldades encontra-se nas séries iniciais do ensino fundamental, mais precisamente no professor. Também percebo que os processos de letramento costumam se distanciar da realidade vivida pelas crianças.

Cabe assinalar que sou moradora do Jardim Gramacho desde o ano de 2011. Neste período nunca ouvi os moradores falarem bem do local, exceto quando algum relato remonta a um passado distante como, por exemplo, ao período anterior ao asfaltamento das ruas ou à implantação do Aterro Metropolitano. Neste caso, ouço expressões como “O Jardim Gramacho não era assim”.

Em conversas rápidas no mercado ou farmácia, pode-se notar esse preconceito, pois os próprios moradores fazem comparações com lugares próximos. Nessas falas os outros bairros parecem melhor do que o Jardim Gramacho, começando pelo aroma, mas incluindo o comportamento das pessoas, o ensino oferecido pelas escolas e até produtos vendidos nos mercados ou farmácias.

Durante dois anos ouvi uma colega de trabalho se queixando de lecionar no Jardim Gramacho, demonstrando um pesar em sua fala, como se carregasse um fardo e a ida até lá fosse mais do que uma obrigação, um sacrifício. Quando converso com uma pessoa que reside em outro local e digo o nome do bairro que moro, imediatamente ouço alguma frase relacionada ao Aterro Metropolitano, entretanto o Jardim Gramacho é muito mais do que isso. Sua história não se resume somente aos problemas ambientais resultantes dessa exploração que sofreu e ainda sofre.

Todos os locais possuem uma memória coletiva que pode ser exaltada ou ignorada de acordo com as práticas sociais. Esse estudo se configura como uma oportunidade de trazer à tona a memória coletiva do bairro Jardim Gramacho, que até hoje parece ser ignorada e até negada.

É interessante destacar que há poucos estudos sobre letramento e memória, especialmente quando se trata de comunidades impactadas por problemas ambientais. Há alguns estudos que abordam a importância da

memória para o processo de letramento e, nesta pesquisa, investimos na possibilidade de desenvolver em colaboração com professoras alfabetizadoras um projeto de letramento a partir da memória local do bairro. Baseamo-nos em projetos de letramento, utilizando o conceito de Kleiman (2000, p. 238), para quem estes projetos são:

um conjunto de atividades que se origina de um interesse real na vida dos alunos e cuja realização envolve o uso da escrita, isto é, a leitura de textos que, de fato, circulam na sociedade e a produção de textos que serão realmente lidos, em um trabalho coletivo de alunos e professor, cada um segundo sua capacidade.

Defendemos que propostas de alfabetização na perspectiva do letramento devem debruçar-se sobre o que se refere ao aluno, levando em consideração o que o rodeia, englobando sua história de vida e a história de sua comunidade. Assim, a alfabetização é compreendida como a reflexão a respeito do “encontro das consciências” (FREIRE, 1967, p.142). Trata-se de uma concepção de educação como prática de liberdade, capaz de fazer o educando refletir sobre si mesmo e o mundo. Nessa perspectiva, se evidencia a importância fundamental da comunidade em que a criança está inserida bem como as práticas sociais existentes no processo de letramento.

A obra de Paulo Freire inspirou o início desse estudo devido ao enfoque dado à ampliação do conceito de alfabetização e letramento para além dos muros da escola quando o autor nos traz o conceito de leitura de mundo e educação para libertação. Freire nos mostra a possibilidade de uma alfabetização e educação num sentido maior quando afirma que a “leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele” (1989, p.9). Assim, podemos afirmar a partir de Paulo Freire que fica evidenciada a importância da realidade em que o aluno está inserido para a alfabetização, mas não apenas para a imersão dele na leitura e na escrita, e tão pouco se resume somente ao processo educacional, já que engloba toda a sua vida.

Partimos do pressuposto de que a memória desempenha papel fundamental no letramento, já que abrange as subjetividades dos que fazem parte da comunidade local.

[...] a vida da criança mergulha mais do que se imagina nos meios sociais pelos quais ela entra em contato com um passado mais ou menos distanciado, que é como o contexto em que são guardadas as lembranças mais pessoais. É neste passado vivido, bem mais do que no passado apreendido pela história escrita, em que se apoiará mais tarde a sua memória. (HALBWACHS, 2003, p.90)

A partir de Halbwachs, podemos compreender que a memória da criança será construída a partir da memória local. Dessa forma, podemos refletir que à escola cabe considerar a memória local no desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem. Idealizamos um projeto de letramento que se concentre no aluno levando em consideração o que o rodeia, como práticas culturais da localidade e seu contexto familiar. Assim, compreendemos que o desenvolvimento de um projeto de letramento deve estar embasado na memória local. Atualmente, se tornou comum o termo letramento, mas é importante pensar em como esse letramento está acontecendo e o que ele tem privilegiado.

O desenho da pesquisa dividiu-se em quatro etapas. Na primeira realizamos entrevistas para conhecer a história oral de vida (MEIHY, 2005) de cinco moradoras antigas do Jardim Gramacho, que ainda sofre com os danos ambientais causados pelo Aterro Metropolitano que funcionou de 1978 a 2012. Adotamos o conceito de história oral segundo Meihy que consiste em “um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com a definição de um grupo de pessoas a serem entrevistadas” (2011, p.12). De acordo com Meihy “uma das características originais dos projetos de história oral é sua capacidade de gerar documentos novos” (2011, p.15). Assim, partir dessas entrevistas, deu-se início a um pequeno banco de histórias, definidos por Meihy como “acervos projetados a fim de possibilitar análises de grupos sociais ou de comunidades de trabalho” (2011, p.97).

Inspirados pela metodologia de história de oral de vida proposta por Meihy (2005), localizamos o “ponto zero”, ou seja, a primeira pessoa a ser entrevistada, que indicou outros colaboradores, formando o que o autor denomina de rede de colaboradores. O critério utilizado para selecionar os moradores consistia no tempo de residência no bairro, sendo trinta anos ou mais.

Depois da coleta das histórias de vida, ocorreu a análise com base no tratamento dos dados, que se iniciou com a transcrição, seguida da textualização e finalizada com a transcrição das entrevistas com as cinco moradoras. Para a transcrição das entrevistas considerou-se que, de acordo com Sá Júnior (2010, p.122) “a passagem do vocal para o escrito é repleta de confrontações, tensões, oposições conflitivas e muitas vezes contraditórias; é mais do que transcrição, é transcrição”. Na transcrição “está contida a ideia de estabelecer uma cópia escrita perfeita e fiel da gravação – *ipsis litteris*”. (MEIHY, 2011, p. 107). “Uma segunda etapa desses procedimentos refere-se à textualização” em que o “texto permanece em primeira pessoa e é reorganizado a partir de indicações cronológicas e/ou temáticas” (MEIHY, 2011, p. 108 e 109). A última etapa da análise de dados culmina com a transcrição que, de acordo com Meihy (2011, p. 110), consiste na “elaboração de um texto recriado em sua plenitude” representando a “transformação final da oralidade em escrita, recriando-se a performance da entrevista, procurando trazer ao leitor as sensações provocadas pelo contato”.

Na segunda etapa, ocorreram visitas às escolas para a realização das entrevistas, buscando dialogar com as professoras alfabetizadoras sobre o processo de letramento desenvolvido por elas e a memória local. Assim, foram realizadas entrevistas com quatro professoras do 1º ano do ensino fundamental das três escolas municipais do bairro Jardim Gramacho. A análise das entrevistas com as professoras foi realizada por meio da tematização.

Na terceira etapa, em parceria com as professoras alfabetizadoras, desenvolvemos um projeto de letramento considerando a memória local na elaboração de um livrinho infantil contando a história do bairro Jardim Gramacho. A última etapa se caracteriza pelo desenvolvimento desse projeto que ocorreu por meio da leitura, reflexão e ilustração da história, bem como o seu desdobramento ocorrido em uma escola do bairro, que culminou em um projeto implementado envolvendo diversas turmas.

Torna-se necessário salientar que, segundo Meihy (2011), há três tipos de história oral: instrumental, plena e híbrida. Durante a pesquisa optou-se por utilizar a história oral híbrida, que se diferencia das demais

[...] por ir além do uso exclusivo de entrevistas, além das gravações, e por promover a mescla de análises derivadas das entrevistas cruzadas com outros documentos. Nesse caso somam-se às entrevistas documentos cartoriais, memórias escritas, dados estatísticos, literatura, reportagens, produtos historiográficos. (MEIHY, 2011, p.16)

Os procedimentos éticos adotados incluíram a obtenção do consentimento dos participantes, a garantia de que não haveria discriminação na seleção deles e de que a privacidade seria preservada. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNIGRANRIO.

A presente dissertação se encontra dividida em introdução, quatro capítulos, considerações, referências e apêndices. O primeiro capítulo intitulado “Letramento e memória: aproximações possíveis”, apresenta alguns conceitos que apoiaram o desenvolvimento do trabalho e alicerçaram a pesquisa. O segundo capítulo, “Jardim Gramacho e suas histórias: revelando um outro olhar”, contém algumas informações sobre o bairro e os relatos de cinco moradoras que residem há mais de trinta anos na localidade. O terceiro capítulo, “Jardim Gramacho lugares de memória e outras narrativas”, trata dos tons vitais presentes nas narrativas, relacionando-os aos conceitos de memória. O quarto capítulo, “Lendo e escrevendo uma outra história: um projeto de letramento com professoras alfabetizadoras de três escolas municipais do bairro Jardim Gramacho”, explora, a partir da narrativa dos docentes e dos moradores, formas de contextualizar o processo de alfabetização utilizando o banco de histórias iniciado para novas experiências de leitura e escrita. Encerramos com algumas considerações.

1 MEMÓRIA E LETRAMENTO: APROXIMAÇÕES POSSÍVEIS

Neste capítulo apresentaremos alguns conceitos que apoiaram tanto a construção do banco de histórias com moradoras do Jardim Gramacho quanto o projeto de letramento a partir da memória local. São ideias que orientaram a pesquisa e ajudaram a dar consistência às aprendizagens que fizemos ao longo do estudo. Iniciaremos explorando os possíveis diálogos e convergências entre os conceitos de alfabetização e letramento. Na seção seguinte, traremos algumas perspectivas sobre a relação entre memória e história. Finalizaremos destacando que as narrativas sobre lugares de memória podem ser fontes ricas para projetos de letramento, em especial em comunidades atingidas por graves problemas ambientais, como é o caso do Jardim Gramacho.

1.1 Alfabetização e letramento: diálogos e convergências

Torna-se necessário iniciarmos uma reflexão sobre o letramento, assinalando que se trata de um termo relativamente novo na língua portuguesa, que estabelece estreita relação com a alfabetização.

O termo *literacy* surgiu, na língua inglesa, no final do século XIX, ecoando também em nosso país e de acordo com Soares (2007) foi dicionarizado em 2001 pelo Dicionário Houaiss. Atualmente outros dicionários apresentam definições para o letramento, como no trecho a seguir:

A condição que se tem, uma vez alfabetizado, de usar a leitura e a escrita como meios de adquirir conhecimentos, cultura etc., e estes como instrumentos de aperfeiçoamento individual e social.

Conjunto de práticas que indicam a capacidade de uso de vários tipos de material escrito. (CAUDAS AULETE DIGITAL)

Podemos notar que coexistem duas definições para o letramento, tendo a primeira a alfabetização operando como um pré-requisito enquanto a segunda se refere ao uso do material escrito sem informar se esse uso seria feito por pessoas alfabetizadas ou analfabetas. Esse último conceito permeia essa pesquisa e aproxima-se da definição de alfabetização de Paulo Freire, ainda que o termo letramento não tenha sido utilizado pelo autor, podemos verificar que

está presente na perspectiva de ensino e aprendizagem da língua defendido por ele e, de acordo com Rojo (2010), o conceito de alfabetização freiriano possui maior similitude com letramento do que com alfabetização.

Segundo Freire:

(...) alfabetização é mais do que o simples domínio psicológico e mecânico de técnicas de escrever e de ler. É o domínio dessas técnicas, em termos conscientes. É entender o que se lê e escrever o que se entende. É comunicar-se graficamente. É uma incorporação. Implica, não uma memorização visual e mecânica de sentenças, de palavras, de sílabas, desgarradas de um universo existencial — coisas mortas ou semimortas — mas numa atitude de criação e recriação. Implica numa autoformação de que possa resultar uma postura interferente do homem sobre seu contexto. Daí que o papel do educador seja fundamentalmente dialogar com o analfabeto, sobre situações concretas, oferecendo-lhe simplesmente os instrumentos com que ele se alfabetiza. (FREIRE, 1967, p. 110)

Assim, torna-se possível compreender que técnicas de leitura e escrita são inerentes ao processo de alfabetização. E nesse momento, a memória local apresentará situações concretas por meio do diálogo entre professor e aluno, fornecendo subsídios para que seja possível aos educadores conhecer o a realidade vivenciada pelas crianças e também suas expectativas para o futuro.

Não podemos deixar de levar em consideração as condições materiais desfavoráveis que muitos alunos de escolas da periferia da cidade experimentam. A precariedade de suas habitações, a deficiência de sua alimentação, a falta em seu cotidiano de atividades de leitura da palavra, de estudo escolar, a convivência com a violência, com a morte de que se tornam quase sempre íntimos. Tudo isso é, de modo geral, pouco levado em consideração não apenas pela escola básica, de primeiro grau, em que essas crianças estudam, mas também nas escolas de formação para o magistério. Tudo isso, porém, tem enorme papel na vida dos Carlos, das Marias, das Carmens. Tudo isso marca, inegavelmente, a maneira cultural de estar sendo dessas crianças. (FREIRE, 1997, p. 70)

Toda a realidade de vida dos alunos se configura como parte integrante da identidade deles. Defendemos, conforme Freire, que não “é possível a realização de um tal trabalho em que o contexto teórico se separa de tal modo da experiência dos educandos no seu contexto concreto” (FREIRE, 1997, p. 65).

Assim, compreendemos que os conteúdos dos currículos escolares devem dialogar com as vivências locais das crianças, tornando significativas as aprendizagens.

No livro *Professora sim, tia não*, Paulo Freire relata uma situação que justifica um projeto de letramento.

Tenho na memória, agora, a cara de espanto, de surpresa, de interesse, de curiosidade da enorme maioria de mães e de pais de todas as escolas que mantínhamos quando, durante sessões de nossos círculos de pais e professoras, lhes pedi que me dissessem se conheciam alguma criança que tivesse começado a falar dizendo F, L, M.

Depois de algum silêncio, cortado por sorrisos indecisos, depois de alguns movimentos de cotovelos golpeando de leve o braço do vizinho como quem dissesse “sai dessa!”, um deles, com a anuência dos demais, falou: “Eu, pelo menos, já vi muito menino começar a falar, mas nunca vi nenhum deles começar dizendo letras. Sempre dizendo mamãe, pão, não, quero.”

Gostaria então que pensássemos no seguinte: w mulheres e homens, quando criancinhas, começaram a falar não dizendo letras, e sim palavras que valem frases – quando o neném chora e diz “mamã”, o neném estará querendo dizer: “Mamãe, tenho fome” ou “mamãe, estou molhado”. Estas palavras com que os bebês começam a falar se chamam “frases mono-palábricas”, isto é, frases de ou com uma só palavra. Pois bem, se é assim que todos nós começamos a falar, como, então, no momento de aprender a escrever e a ler, devemos começar através de decoração das letras?

Ninguém rigorosamente ensina ninguém a falar. A gente aprende no mundo, na casa da gente, na sociedade, na rua, no bairro, na escola. A fala, a linguagem da gente, é uma aquisição. A gente adquire a fala socialmente. A fala vem muito antes da escrita, assim como uma certa “escrita” ou o anúncio dela vem muito antes do que a gente chama escrita. E assim como é preciso falar para falar, é preciso escrever para escrever. Ninguém escreve se não escreve, assim como ninguém aprende a andar se não andar. (FREIRE, 1997, p. 72 e 73)

Freire esclarece sobre uma função da escrita, que é a representação gráfica da oralidade, chamando atenção para a contextualização do ensino. Podemos perceber, dessa maneira, que o processo de alfabetização demanda o reconhecimento da função social da escrita e, utilizando o termo que escolhemos, o letramento. Assim, é possível, que o ensino da escrita ocorra sem a utilização de cartilhas, que, muitas vezes, investem na repetição de letras isoladas e até frases pouco ou nada significativas para aquele grupo de alunos.

Na verdade, somente com muita paciência é possível tolerar, após as durezas de um dia de trabalho ou de um dia sem “trabalho”, lições que falam de ASA — “Pedro viu a Asa” — “A Asa é da Ave”. Lições que falam de Evas e de uvas a homens que às vezes conhecem poucas Evas e nunca comeram uvas. “Eva viu a uva”. (FREIRE, 1967, p. 104)

Dessa forma, podemos afirmar, de acordo com o pensamento freiriano, que conhecer o modo de pensar dos alunos em seu cotidiano é inerente ao processo de ensino e aprendizagem. Essa prática educativa tem a possibilidade de fortalecer os saberes dos alunos potencializando o processo educacional. A partir disso, eles poderão “saber melhor o que já sabem, de um lado e, de outro, para, a partir daí, ensinar-lhes o que ainda não sabem” (FREIRE, 1997, p. 70). Essa perspectiva desenvolvida por Freire coaduna com a obra de Emília Ferreiro.

A minha contribuição foi encontrar uma explicação, segundo a qual, por trás da mão que pega o lápis, dos olhos que olham, dos ouvidos que escutam, há uma criança que pensa. Essa criança não pode se reduzir a um par de olhos, de ouvidos e a uma mão que pega o lápis. Ela pensa também a propósito da língua escrita e os componentes conceituais desta aprendizagem precisam ser compreendidos. (FERREIRO, 1985, p. 14 apud MENDONÇA, 1993 p. 87).

Assim, podemos inferir que a criança não é um ser passivo no processo de ensino da escrita, portanto e não faz nenhum sentido pensar numa prática voltada para uma simples cópia de “Eva viu a uva” sem relativizar as relações sociais e conceituais que se estabelecem e, principalmente, refletir sobre a criança, que é o sujeito da aprendizagem. Dessa forma, podemos afirmar, de acordo com Soares (2004, p. 122), que Paulo Freire “criou e, de certa forma, inaugurou uma nova concepção de alfabetização que revolucionou as concepções até então em circulação”.

Entre os autores encontramos posturas divergentes no que tange ao letramento e, dessa forma, não podemos negar que a alfabetização e o letramento são campos de conflito.

Tfouni (2006) apresenta diversas falas de professores originadas de pesquisas que realizou em que o termo letramento confunde-se com alfabetização, conhecimento e cultura.

Soares (2004, p.32) também cita a definição do que vem a ser alguém alfabetizado elaborada pela UNESCO, em 1958, na qual consta que uma pessoa alfabetizada é aquela “capaz de ler e escrever com compreensão um enunciado curto e simples sobre a vida cotidiana”. A partir dessa definição podemos perceber a prevalência da dimensão individual do letramento, uma vez que é atribuída ao próprio indivíduo a capacidade de análise sobre a leitura realizada. Já a dimensão social do letramento é evidenciada na perspectiva freiriana originada por meio da progressiva conscientização e possibilidade de transformação de sua realidade.

Aprender a ler, a escrever é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo; compreender seu contexto, localizar-se no espaço social mais amplo, a partir da relação linguagem-realidade. O processo de alfabetização se realiza no movimento dinâmico entre palavra e mundo: a palavra dita flui do mundo carregada de significação existencial: “palavramundo” – a mais perfeita tradução do acontecer humano. (PEREZ, 2005, p.24)

Assim, delineamos mais um conceito de alfabetização, em que desempenha a função de ser um elo entre a realidade (mundo) e a linguagem tanto oral quanto escrita (palavra) na relação da criança. Essa perspectiva implica em reconhecer as vivências das crianças, reconhecendo a alfabetização como “uma das práticas de letramento da nossa sociedade, embora possivelmente a mais importante, até mesmo pelo fato de ser realizada pela também mais importante agência de letramento, a instituição escolar” (KLEIMAN (2007, p.2). A partir de Perez (2005) torna-se possível constatar que a experiência vivida pelos alunos desempenha uma função basilar numa concepção de educação como prática de liberdade. Neste sentido, o processo de alfabetização mediado pela relação entre palavra e mundo favorece a criação e a recriação da cultura numa prática transformadora da realidade. Assim, um processo de alfabetização na perspectiva do letramento demanda o desenvolvimento de um trabalho baseado na leitura de mundo.

É importante salientar que a tarefa de aliar alfabetização e cidadania não pertence somente aos professores alfabetizadores, mas a todos que se colocam a serviço da educação. Dessa forma, engloba todos que compõem a comunidade escolar como professores, equipe diretiva e pedagógica, demais funcionários da unidade, alunos e suas famílias e também a comunidade do entorno da escola. Tem se tornado urgente que todos esses agentes da educação estejam em conjunto refletindo e buscando melhorias para que a alfabetização atinja seu objetivo, que não é apenas dotar as crianças da capacidade de ler e escrever, mas compreender que isso representa um canal que os direcionará para a construção de uma sociedade mais democrática.

Educadores que se empenham no desenvolvimento do letramento pactuam com a utopia de que não existe “mudança sem sonho; assim, como não há sonho sem esperança” (PEREZ, 2001, p.114). À educação cabe a função de permitir às classes populares sonhar, ter esperança e principalmente lutar para a transformação da realidade.

Acredito que é na escola, agência de letramento por excelência de nossa sociedade, que devem ser criados espaços para experimentar formas de participação nas práticas sociais letradas e, portanto, acredito também na pertinência de assumir o letramento, ou melhor, os múltiplos letramentos da vida social, como o objetivo estruturante do trabalho escolar. (KLEIMAN, 2007, p.4)

Podemos perceber que a escola é a instituição que deve proporcionar à sociedade reflexão e experimentação a respeito das práticas sociais letradas a partir da assunção de seu compromisso com o letramento. Segundo Marcuschi, o letramento:

envolve as mais diversas práticas de escrita (nas suas variadas formas) na sociedade e pode ir desde uma apropriação mínima da escrita, tal como o indivíduo que é analfabeto, mas letrado na medida em que identifica o valor do dinheiro, identifica o ônibus que deve tomar, consegue fazer cálculos complexos, sabe distinguir as mercadorias pelas marcas etc., mas não escreve cartas nem lê jornal regularmente, até uma apropriação profunda, como no caso do indivíduo que desenvolve tratados de Filosofia ou Matemática ou escreve romances. (MARCUSCHI, 2001, p. 25 e 26)

Assim, torna-se possível afirmar que o letramento não necessita de nenhum pré-requisito para ser desenvolvido já que inclui tanto por pessoas alfabetizadas quanto as que ainda não são e envolve todos os tipos de práticas sociais de escrita. Atualmente os estudos sobre letramento abrangem o conceito de letramentos múltiplos ou múltiplos letramentos ou ainda multiletramentos que, de acordo com Rojo (2009), envolvem todos os tipos de práticas de letramento que ocorrem em cada cultura e sociedade. A partir desta perspectiva, as práticas de letramento representam situações da vida social que se diferenciam das práticas de letramento escolar que valorizam capacidades individuais como, por exemplo, “soletrar, ler em voz alta, responder perguntas oralmente ou por escrito, escrever uma redação, fazer um ditado, analisar uma oração, fazer uma pesquisa” (KLEIMAN, 2007, p.5). Soares apresenta essa distinção em duas dimensões sendo uma individual, que se assemelha às práticas de letramento escolar apontados por Kleiman e a segunda uma dimensão social, em que o letramento “é visto como um fenômeno cultural, referindo-se a um conjunto de atividades sociais, que envolvem a língua escrita e um conjunto de demandas sociais de uso da língua escrita” (2004, p.30).

Assim, o professor que adotar a prática social como princípio organizador do ensino enfrentará a complexa tarefa de determinar quais são essas práticas significativas e, conseqüentemente, o que é um texto significativo para a comunidade. A atividade é complexa porque ela envolve partir da bagagem cultural diversificada dos alunos que, antes de entrarem na escola, já são participantes de atividades corriqueiras de grupos que, central ou periféricamente, com diferentes graus e modos de participação (mais autônomo, diversificado, prestigiado ou não), já pertencem a uma sociedade tecnologicizada e letrada. (KLEIMAN, 2007, p.9)

Sabendo que não existe um único letramento, mas sim múltiplos letramentos, podemos compreender o papel investigativo a ser desempenhado pelo professor, tornando-se um pesquisador da comunidade em que trabalha visando explorar práticas sociais significativas. Assim, o professor, considerando as transformações ocorridas na sociedade pode desenvolver práticas de leitura e escrita com seus alunos que incluam bilhetes, anúncios, avisos, placas. Essa maneira de realizar o planejamento altera a ordem em que muitos professores apresentavam os conceitos de cada gênero. É importante salientar que em

comunidades pobres ainda há escolas e alunos que não possuem acesso à rede mundial de computadores e não são raras as falas de crianças que afirmam que sequer sabem o que é um museu e que nunca foram ao cinema.

As contribuições de Kleiman (2007) indicam que o projeto de letramento a ser realizado pela comunidade escolar não pode ser algo estanque, demandando flexibilidade e adaptações durante a realização, principalmente contando com a participação e interesse dos alunos sob a coordenação e supervisão dos professores. Assim, em um projeto de letramento, é fundamental que o professor compreenda que ele permeará a aprendizagem, não sendo algo separado do que já é desenvolvido, podendo gerar uma reflexão sobre os conteúdos que serão abordados a partir daquele projeto, assim o letramento servirá para dar significado ao ensino e à aprendizagem.

Soares (2012, p. 47) parece ter encontrado uma maneira de solucionar alguns conflitos esclarecendo a correlação entre alfabetização e letramento ao afirmar que “o ideal seria alfabetizar, letrando, ou seja: ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado”. Essa perspectiva é inerente ao projeto de letramento que desenvolvemos nessa pesquisa, uma vez que se alicerça na leitura e escrita de textos que fazem parte da realidade dos alunos.

Tendo em vista o exposto sobre alfabetização e letramento, optamos pela seguinte conceituação:

Diferentemente da alfabetização, que é temporária e termina assim que o sujeito conclui seus primeiros anos de escolarização, o letramento, na abordagem aqui focalizada, é concebido como um processo constante e dinâmico, visto que, a cada dia, novas agências, novas situações sociocomunicativas surgem e, conseqüentemente, novos eventos, exigindo determinadas práticas letradas, às vezes peculiares, às vezes já conhecidas, apenas atualizadas. (SILVA, 2012, p. 4)

Assim, compreendemos que o letramento pode ter início mesmo antes da alfabetização, que representa uma de suas práticas e que, portanto, é finita, mas que representa um processo que não termina junto com a alfabetização, mas se modifica de acordo com novas exigências que lhe são solicitadas. Gadotti possui

uma concepção divergente, já que para ele “o letramento é apenas uma parte da alfabetização”, porém nem por isso perde sua importância. (2008, p. 77)

Kleiman (2007) afirma que, apesar dos projetos escolares serem elaborados a partir de temas, torna-se necessário enxergá-los como projetos de letramento. Dessa forma, decidimos propor um projeto colaborativo de letramento a partir da memória local do Jardim Gramacho, que desenvolvemos em parceria com professoras alfabetizadoras durante o ano de 2017. Neste processo foi preciso retomar o papel da memória na constituição das subjetividades e da leitura de mundo das crianças, como veremos na próxima seção.

1.2 Memória e história: caminhos entrecruzados

Procurando compreender melhor o papel da memória local no processo de letramento, ao longo do mestrado, dialogamos com as obras de Pierre Nora, Maurice Halbwachs, Michael Pollak e Jacques Le Goff, que são estudiosos da memória. Pierre Nora (1993, p.9) diferencia memória de história afirmando que “memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história [por sua vez, seria] uma representação do passado”. O autor especifica que a memória “emerge de um grupo que ela une” enquanto a história “pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal” (NORA, 1993, p.9).

Le Goff (1990, p. 477) apresenta o conceito de memória avançando mais especificamente para a memória coletiva. Segundo ele, a memória teria a função de conservar e atualizar informações, sendo alimentada pela história e “procura salvar o passado para servir o presente e o futuro”. Ele traz uma contribuição de Pierre Nora, em sua obra “História e memória”, em que a memória coletiva é caracterizada como “o que fica do passado no vivido dos grupos, ou o que os grupos fazem do passado”, sendo assim, é carregada de sentimentos, percepções, conflitos e referências construídas, não a partir da subjetividade, mas das subjetividades. O autor faz um alerta quanto à falta dela e a necessidade de trabalhá-la visando à emancipação das pessoas:

[...] a amnésia é não só uma perturbação no indivíduo, que envolve perturbações mais ou menos graves da presença da personalidade, mas também a falta ou a perda, voluntária ou involuntária, da memória coletiva nos povos e nas nações que pode determinar perturbações graves da identidade coletiva. (LE GOFF, 1990, p. 367)

Dessa forma, quando a amnésia afeta a memória individual traz consequências graves para a personalidade da pessoa. Em contrapartida, quando essa falta ocorre na memória coletiva de um determinado local, as implicações podem ser gravíssimas. Por conseguinte, caracteriza-se a importância e até uma necessidade de trazer à tona a memória coletiva de um povo. Le Goff (1990, p. 476) argumenta que a memória coletiva além de “uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder” que pode ser compreendida como uma “luta pela dominação”. No entanto, não podemos deixar de argumentar sobre os esquecimentos e os silêncios, que são inerentes à memória e “reveladores destes mecanismos de manipulação da memória”.

Halbwachs (2003, p. 29) afirma que a memória individual utiliza a memória coletiva “para reforçar ou enfraquecer e também completar o que sabemos de um evento sobre o qual já temos alguma informação, embora muitas circunstâncias a ele relativas permaneçam obscuras para nós”. O autor (2003, p. 30) esclarece que quando a memória coletiva reforça a lembrança “os fatos passados assumem importância maior e acreditamos revivê-los com maior intensidade, porque não estamos mais sós ao representá-los para nós”.

Bosi (1994) acentua que a perspectiva do grupo “constrói e procura fixar a sua imagem para a história. Este é, como se pode supor, o momento áureo da ideologia com todos os seus estereótipos e mitos”. Por outro lado, na outra ponta, “haveria uma ausência de elaboração grupal em torno de certos acontecimentos ou situações. A rigor, o efeito, nesse caso, seria o de esquecer tudo quanto não fosse “atualmente” significativo para o grupo de convívio da pessoa. Segundo ela isso ocorre quando “os fatos que não foram testemunhados ‘perdem-se’, ‘omitem-se’, porque não costumam ser objeto de conversa e de narração, a não ser excepcionalmente” (BOSI, 1994, p.63).

Lopes (2013, p. 1) define memória como “[...] uma reconstrução psíquica/intelectual, dada a partir de uma seleção do passado em questão, é orientada a partir de um fio condutor, no caso das fontes orais, a entrevista

dirigida a partir de um objeto de pesquisa”. No entanto, a forma como o passado é “selecionado” nas narrativas envolve não apenas as lembranças, mas “também o contexto social, familiar em que o mesmo está ou estava inserido, podendo então, esta memória ser individual e/ou coletiva, sofrendo alterações constantes” (LOPES, 2013, p.1).

Vemos ainda que nos estudos realizados a partir de fontes orais, que a entrevista tem a função de suscitar a memória de algum momento específico. Entretanto, as memórias não são isoladas porque envolvem todos os aspectos da vida do entrevistado. Lopes (2013, p.2) esclarece a interrelação existente entre a memória individual e coletiva. Segundo a autora “[...] a memória da pessoa está vinculada à memória do grupo e a do grupo, à esfera maior da tradição, que é a memória coletiva de cada sociedade, tendo como instrumento socializador a linguagem”.

Compreendemos a importância de registros escritos especificamente sobre o bairro Jardim Gramacho e por isso procuramos, por meio de fontes orais, ampliar esses registros. Lopes (2013, p. 3) ainda esclarece que as entrevistas possibilitam o “acesso a uma realidade definida pelas vivências de cada entrevistado”, mas que “só podem ser interpretadas se relacionadas à vida do indivíduo”.

Ao se falar em memória, é fundamental definir de qual tipo de memória se trata. [...] a memória individual apenas serve para dar sentido às situações sociais, convém supor atenção prevalente à memória grupal, que, contudo, é sempre filtrada pelas narrativas pessoais, uma depende da outra e uma se explica pela outra. Como outros adjetivos, como “cultural”, “social”, “política”, “coletiva a memória de um conjunto de pessoas deve sempre evocar a identidade do grupo que a gerou, para assim se estabelecerem os diálogos entre o pessoal (indivíduo) e o geral (social). Se a memória individual é sempre facilmente reconhecida, a grupal precisa ser cuidadosamente determinada, sob pena de generalizações que podem confundir. (MEIHY, 2002, p.61).

Dessa maneira, a pesquisa se debruça sobre a memória individual, compreendendo-a como uma forma de acesso à memória grupal. Sabendo-se que a memória grupal pode ser denominada de várias formas de acordo com o enfoque do estudo a ser realizado e também do ponto de vista do pesquisador, escolhemos o termo memória coletiva. Assim, não optamos por utilizar memória

social porque “é sempre amplíssima e compreende a memória coletiva, que é relativa a um grupo menor” (MEIHY, 2002, p. 63). Reconhecemos que os moradores do Jardim Gramacho configuram uma “especificidade cultural de um grupo social, mediante alguns eventos capazes de assinalar uma comunidade de destino”, dessa forma “pode-se falar em memória coletiva (daquele grupo ou coletividade com identidade já definida)” (MEIHY, 2002, p. 63).

Segundo Meihy (2002) “comunidade de destino” é o resultado de uma experiência que qualifica um grupo dando-lhe princípios que orientam suas atitudes, de maneira a configurar uma coletividade com base identitária” (2002, p. 63).

Jacques Le Goff (1990, p. 423) afirma que “o conceito de memória é crucial” e, portanto, o define como “a propriedade de conservar certas informações”, uma “propriedade que se refere a um conjunto de funções psíquicas que permite ao indivíduo atualizar impressões ou informações passadas, ou reinterpretadas como passadas”.

Segundo Kessel (2014, p.1), o conceito de memória “vem se modificando e se adequando às funções, às utilizações sociais e à sua importância nas diferentes sociedades humanas”. A autora afirma que os gregos consideravam a memória como “sobrenatural. Um dom a ser exercitado. A deusa Mnemosine, mãe das Musas, protetoras das artes e da história, possibilitava aos poetas lembrar do passado e transmiti-lo aos mortais” (KESSEL, 2014, p.1). Os romanos, concebiam a memória de uma maneira bem diferente, pois para eles era “indispensável à arte retórica, uma arte destinada a convencer e emocionar os ouvintes por meio do uso da linguagem. O orador deveria conhecer as regras e não recorrer aos registros escritos” (KESSEL, 2014, p.2).

Podemos compreender que independentemente da concepção que se tenha “a memória é sempre uma construção feita no presente a partir de vivências/experiências ocorridas no passado” (KESSEL, 2014, p.2). Percebemos que estas construções, em especial em comunidades atingidas por graves problemas ambientais, como é o caso do Jardim Gramacho, podem ser fontes ricas para projetos de letramento em que a leitura do mundo é indissociável da leitura da palavra.

2 JARDIM GRAMACHO E SUAS HISTÓRIAS: REVELANDO UM OUTRO OLHAR

Apenas uma parte do que foi observado no passado é lembrada; apenas uma parte do que foi lembrado é gravada; apenas uma parte do que foi gravado sobrevive; apenas uma parte do que sobrevive chama a atenção dos historiadores; apenas uma pequena parte do que chama a atenção é crível; apenas uma pequena parte que é crível é percebida; apenas uma pequena parte do que é percebido pode ser apreendida ou narrada pelo historiador.

(Louis Gottschalk)

A epígrafe que inicia esse texto tem a função de alertar para o fato de que a memória, construída e revelada a partir das narrativas, não corresponde ao todo que foi vivido pelo narrador, mas ao que por algum motivo pode ser revelado através da linguagem. Segundo Nora (1993, p.25) “a memória pendura-se em lugares, como a história em acontecimentos”. Torna-se importante salientar que:

Longe de ser um produto espontâneo e natural, os lugares de memória são uma construção histórica e o interesse que despertam vem, exatamente, de seu valor como documentos e monumentos reveladores dos processos sociais, dos conflitos, das paixões e dos interesses que, conscientemente ou não, os revestem de uma função icônica. (NEVES, 2007, s. n.)

Dessa forma, podemos compreender que um lugar de memória não o é naturalmente e sua construção é algo necessariamente intencional. Assim, nesse capítulo, serão apresentados alguns lugares de memória e outros que podem ser considerados apenas como lugares de destaque, porém todos representam os tons vitais presentes nas narrativas, ou seja, elementos essenciais compartilhados pelas cinco moradoras entrevistadas. Os lugares de memória ou de destaque nas narrativas são o mangue, o porto, as escolas, igrejas, o comércio, a praça e o obelisco. Assim como o protagonismo em movimentos sociais populares.

De acordo com Halbwachs (2003, p. 61) “a representação das coisas evocada pela memória individual não é mais do que uma forma de tomarmos consciência da representação coletiva relacionada às mesmas coisas”. Dessa forma, é possível que uma memória coletiva seja exaltada ou ignorada de acordo

com as práticas sociais do local e esse texto se configura como uma oportunidade de evocar essa memória coletiva sobre o bairro que até hoje parece ser ignorada e até negada.

A partir deste trabalho torna-se possível afirmar que o Jardim Gramacho é possuidor de uma memória que merece ser explorada. Veremos nas memórias subterrâneas, conforme a teoria de Pollak (1989, p.4), que as define como a memória dos “excluídos, dos marginalizados e das minorias”.

Cabe observar que o bairro se tornou muito conhecido devido ao funcionamento do Aterro Metropolitano por mais de trinta anos, cujas atividades foram encerradas no ano de 2012. A propagação de textos, reportagens e documentários referentes ao Aterro contribuiu para criar um único olhar sobre o Jardim Gramacho. A imagem a seguir mostra o pleno funcionamento do Aterro Metropolitano na década de 1980, quando ainda era um lixão a céu aberto.

Figura 1 – Aterro Metropolitano do Jardim Gramacho em funcionamento na década de 1980.



Fonte: Web-resol (www.resol.com.br).

Na Figura 1 é possível visualizar o gás produzido pelo Aterro e que chega a cobri-lo quase por completo. Ainda é possível ver bastante vegetação, característica do local, e algumas construções. Na imagem a seguir, vemos o Aterro já controlado, na década de 1990.

Figura 2 – Aterro Metropolitano do Jardim Gramacho na década de 1990



Fonte: Gisele Cardoso, 26/02/2011.

Na Figura 2, já não é mais possível visualizar o nuvem gerada a partir do metano, porém há uma enorme montanha de barro formada de lixo aterrado, com altura passando de quarenta metros. A Figura 3, por outro lado, do ano de 1966, exibe com exatidão a área de manguezal do bairro Jardim Gramacho que foi ocupada pelo Aterro, marcada por um retângulo no centro da imagem. Do lado direito, vemos o encontro dos rios Sarapuí e Iguaçú que desaguam na Baía de Guanabara.

Figura 3 – Foto aérea do local onde foi instalado o Aterro Metropolitano do Jardim Gramacho.

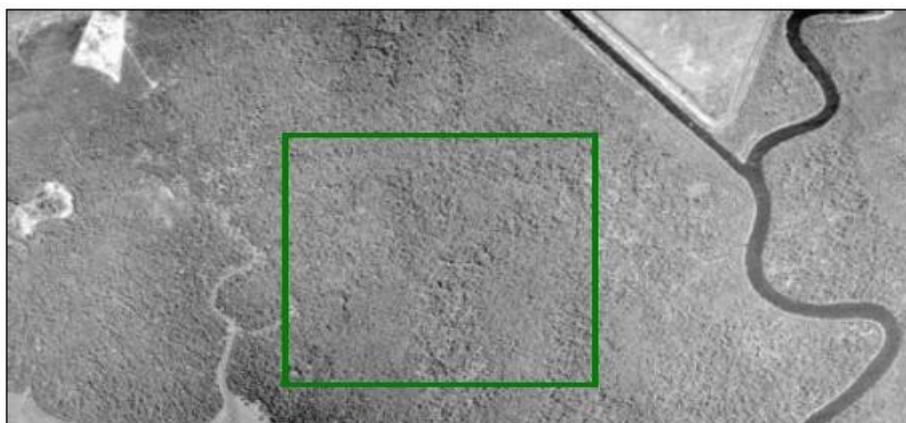


Imagem 3: Fonte: Web-resol (www.resol.com.br)

Figura 4 – Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho, com atividades controladas, em 2011, antes do fechamento.



Fonte: Revista TN Petróleo, Redação

Na Figura 4, que data do ano de 2011, temos o Aterro cercado por áreas verdes e manguezais, duas lagoas de chorume à esquerda e ao fundo também podemos ver o encontro dos rios Sarapuí e Iguaçu.

Segundo o abairramento da cidade de Duque de Caxias, o bairro Jardim Gramacho ocupa uma região que fica do lado direito e esquerdo da Rodovia Washington Luiz (BR-040). Entretanto, a localidade do lado esquerdo é intitulada pelos moradores como “Sarapuí”, que reservam o título “Jardim Gramacho” somente à área que fica entre a rodovia e o manguezal. Dentro do bairro, o relevo com pequenos morros e áreas litorâneas vai distinguindo também os tipos de ocupação do espaço. Na COHAB, região alta, onde foram construídas as primeiras casas planejadas da localidade, há residências de médio e alto padrão. Estas contrastam com as barracos e casebres que ficam próximos ao manguezal, como aqueles nas comunidades do Maruim e Parque Planetário. Também chamam atenção no bairro a proximidade com o manguezal, as duas lagoas de decantação da CEDAE, assim como os limites territoriais claramente marcados pelo Rio Sarapuí (ao norte), a rodovia (à leste), os rios e a Baía de Guanabara (à oeste) e o pólo moveleiro, onde hoje também funciona um feirão de venda de roupas (ao sul).

O bairro possui três escolas municipais, onde a pesquisa foi realizada, três escolas estaduais e diversas escolas privadas.

Figura 5 – Escola Municipal Jardim Gramacho.



Fonte: acervo da pesquisa.

De acordo com dados do último censo realizado em 2017, a E.M. Jardim Gramacho tem 47 funcionários e 59 alunos na pré-escola, 488 do 1º ao 5º ano, sendo 31 na Educação Especial, totalizando 547. As dependências da unidade contam com sala de leitura e de atendimento educacional especializado. Nessa unidade foram entrevistadas duas professoras, sendo que uma delas colaborou com a elaboração da história sobre o bairro. No entanto não desenvolveu o projeto.

Figura 6 – Escola Municipal José Medeiros Cabral.



Fonte: acervo da pesquisa.

A E.M. José Medeiros Cabral atende 717 alunos, sendo 114 da pré-escola, 382 do 1º ao 5º ano, 221 da Educação de Jovens e Adultos e 15 da Educação Especial. A escola possui sala de leitura e quadra de esportes. O total de funcionários da instituição é de 61. Nessa unidade uma professora entrevistada demonstrou interesse no projeto, mas não participou do desenvolvimento.

Figura 7 – Escola Municipal Mauro de Castro.



Fonte: acervo da pesquisa.

Na E.M. Mauro de Castro trabalham 66 funcionários, estudam 730, sendo 20 na pré-escola, 377 nos anos iniciais do ensino fundamental, 333 nos anos finais do ensino fundamental e 47 na Educação Especial. A unidade possui laboratório de informática, sala de leitura e de atendimento educacional especializado.

Ao pensar um projeto de letramento que considerasse a memória local, percebemos que os textos, reportagens e documentários referiam-se majoritariamente ao aterro e às questões sociais (pobreza) e ambientais ligadas ao ciclo de produção do lixo. Percebemos que a história do bairro antes da existência do aterro e depois do aterro estava negligenciada, como se o local se limitasse a um vazadouro, a um espaço do descarte. Buscando outras formas de ler e escrever o mundo das crianças do Jardim Gramacho, decidimos conduzir entrevistas com moradoras antigas, que pudessem contar histórias muitas vezes silenciadas pelas injustiças ambientais. As entrevistas foram conduzidas nas

residências das moradoras, durante longas conversas, regadas a café e por vezes acompanhadas de familiares, como filhos, sobrinhos e netos. Algumas chegaram a durar de três a quatro horas.

Seguindo a metodologia da história oral de vida (MEIHY, 2003), apresentamos nos anexos a íntegra das transcrições das entrevistas da Dona Márcia, Dona Neusa, Dona Valéria, Dona Helena e Dona Denise. Estas transcrições foram compostas a partir das transcrições das entrevistas, reescritas de forma a compor um diálogo com cada narrativa.

O Quadro 1 apresenta alguns dados das cinco moradoras entrevistadas:

Quadro 2 –Dados das moradoras que participaram da pesquisa.

Nome	Idade	Anos no bairro	Profissão
Márcia	60	49	Professora
Neusa	90	50	Aposentada (do lar)
Valéria	64	59	Técnica de Enfermagem
Helena	50	33	Nutricionista (do lar)
Denise	53	48	Professora

Fonte: elaborado pela autora.

Os nomes na tabela foram organizados de acordo com a ordem em que as entrevistas aconteceram. Podemos perceber que a maioria das entrevistadas possui uma faixa etária entre cinquenta e sessenta e quatro anos, com exceção de Dona Neusa que tem noventa anos. O tempo de moradia no bairro vai de trinta e três a cinquenta e nove anos.

Márcia é professora e trabalha em projetos sociais voltados às crianças e jovens carentes. Neusa é uma senhora viúva, que trabalhou em casa cuidando dos filhos e atualmente participa da criação dos netos e bisnetos. Valéria é técnica de enfermagem e trabalha em dois hospitais, sendo um no município do Rio de Janeiro e outro em Duque de Caxias. Helena é dona de casa e formada em nutrição. Denise é professora em uma escola estadual no município de

Duque de Caxias e participa ativamente de movimentos sociais em prol de melhorias para o bairro.

2.1 Jardim Gramacho: lugares de memória e outras narrativas

Nesta seção mostraremos que a memória contém um caráter coletivo e social, uma vez que as lembranças afloram a partir da convergência com os grupos que nos relacionamos ou nos relacionávamos. Assim, a construção da memória se dá em função da “posição que ocupo e das relações que estabeleço nos diferentes grupos de que participo. Também está submetida a questões inconscientes, como o afeto, a censura, entre outros” (KESSEL, 2014, p.3). O caráter social da memória de acordo com Kessel (2014, p.4) pode ser percebido por meio da linguagem que possibilita as “trocas entre os membros de um grupo”. Durante as entrevistas revelaram-se lugares de memória e também narrativas não hegemônicas sobre o bairro, que podem ser identificadas como categorias e que de acordo com Meihy representam tons vitais, ou seja, elementos comuns ou compartilhados entre os colaboradores (LEMOS et al, 2015, p. 27). Sentimos como se estas “outras” narrativas estivessem escondidas debaixo de um aterro de lixo com mais de 30 anos e por meio do diálogo foram delicadamente se descortinando nas histórias de vida destas cinco mulheres. Foram estas “outras” narrativas que escolhemos para compor o projeto de letramento elaborado com quatro professoras alfabetizadoras do bairro.

Nessas narrativas não hegemônicas sobre o bairro, destacaram-se os tons referentes ao: 1) manguezal, 2) porto, 3) ruas, 4) comércio, 5) escolas, 6) energia elétrica, 7) Aterro, 8) praça e 9) movimentos populares. Vejamos a seguir cada um deles acompanhados de uma ilustração elaborada pelas crianças que participaram do projeto de letramento.

2.1.1 Manguezal

Falar sobre o mangue é abordar um assunto delicado, carregado de emoção, manifestada na narrativa das moradoras entrevistadas. Marcia, por exemplo, chega às lágrimas ao relatar o momento em que olhou para o mangue e só conseguiu ver vegetação seca. Essa cena trouxe à sua memória um filme

chamado “O dia seguinte”, em que alguns países são alvejados por mísseis nucleares que causam muita destruição. Ela relata que, passado algum tempo, quando voltou ao local a situação já estava bem diferente e a imagem a seguir ilustra um pouco do reflorestamento do mangue.

Figura 8 – Recuperação do manguezal.



Fonte: COMLURB: Legado de Gramacho à CTR RIO. 2012

O mangue é o nosso pulmão. E quando as pessoas invadem o manguezal para construir suas moradias estão acabando com o nosso pulmão. A gente respira porque ele existe. Então essa é a importância do manguezal aqui... E não é só para o Jardim Gramacho, é pra Caxias. Ele é nosso pulmão. Ele faz a gente respirar. (Márcia)

O sentimento de Márcia pelo mangue foi ilustrado por uma criança.

Figura 9 – Ilustração do mangue



Fonte: acervo da pesquisa.

A relação com o mangue também é destacada nas entrevistas de Dona Neusa e Valéria.

No mangue tinha uns cipós que eram bons mesmo, da grossura de um dedo. A criançada pegava, pendurava, balançava, ia até para o outro lado e voltava, ia e voltava... Só que o negócio escorregava mais do que caía, mas fora isso não arrebatava não. Era o balanço que a gente fazia. Pegava aquilo, pegava um pedaço de tábuas qualquer, uma madeirinha e amarrava. As crianças sentavam, botavam uma perna pra um lado e outra pro outro e se balançavam. E tinha um no rio também, que eles ficavam se balançando pra lá e pra cá, pra um lado e pro outro e pulavam. (Neusa)

A gente ficava brincando na rua, mas nem precisava pegar barco pra ir no mangue. O mangue era pertinho. No final da tarde, a maré começava a encher. Aí a gente brincava de pegar catanhanha, que são aqueles caranguejinhos pequenininhos. Era isso a brincadeira. De manhã ele esvazia e a tarde ele vai subindo. (Valéria)

A narrativa de Valéria evidencia uma tradição cultural no bairro que era catar caranguejo no mangue, passada dos mais velhos para os mais novos através da oralidade, caracterizando a linguagem como um instrumento “importante para a transmissão da cultura local herdada, sendo constituída por acontecimentos vividos socialmente” (LOPES, 2013, p.2).

Grande parte dos saberes da cultura popular são transmitidos através da oralidade, uma vez que não há registros escritos dos mesmos. Esses processos ocorrem de pessoa a pessoa, de pai para filho, de um grupo para outro, de geração a geração. Nessa forma de comunicação, a memória social exerce um papel fundamental, pois a preservação e a continuidade das tradições dos grupos dependem das lembranças dos seus membros. A transmissão dos valores culturais e da tradição ocorre através da memória social dos grupos que compartilham um mesmo tempo e um mesmo espaço geográfico (MORIGI, 2012, p.5, apud LOPES, 2013, p.1).

Nos relatos de Neusa e Valéria, o mangue representa um local de brincadeiras infantis em que as crianças se divertem entrando em contato com a natureza e explorando características específicas de áreas de manguezal como, por exemplo, os horários em que a maré avança e recua pelo bairro.

Era puro mangue aqui. O pessoal foi aterrando, isso daqui ((apontando para as casas)) era mangue. O pessoal foi aterrando. Antigamente isso daqui era baixinho, tinha todos os tipos de bicho aqui, tinha até lagarto. (Helena)

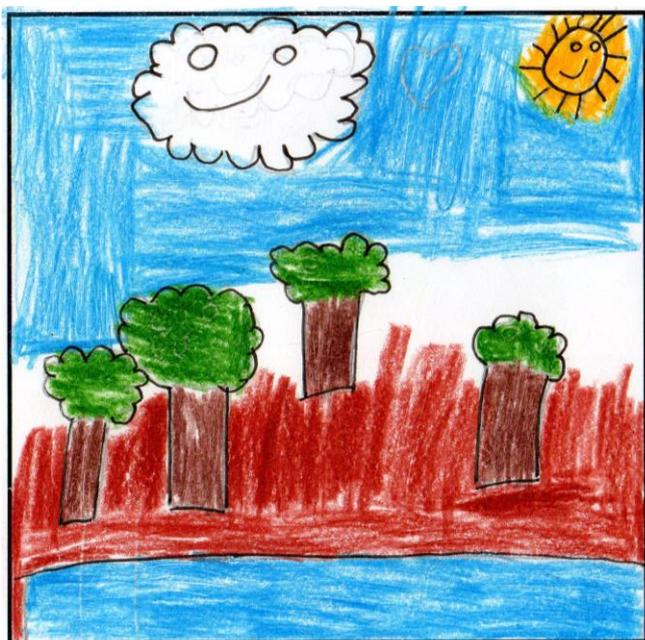
A narrativa de Helena aponta para as transformações que ocorreram perto de sua residência. Enquanto na adolescência a vista de sua casa era composta por vegetação e mangue com variedade de animais, atualmente o cenário é completamente diferente, constituído por inúmeras casas de alvenaria, barracos de madeira e também alguns terrenos sem nenhuma construção.

2.1.2 Porto

O passado que ecoa por meio dos relatos sobre o Porto nos remonta a um momento muito especial do bairro, que se configurava como área de lazer para os moradores e pessoas residentes em outras localidades.

Não tinha poluição, nem a própria Baía de Guanabara era tão poluída. Então, a gente podia até tomar banho. Então, era muita coisa legal. (Denise)

Figuras 10 e 11 – Ilustração do Porto



Fonte: acervo da pesquisa.

Por meio da ilustração das crianças é evidenciado um local de alegria e brincadeiras. Na figura 10, foi representado um momento em que Márcia relata uma situação vivenciada por ela em uma de suas visitas ao Porto. Márcia deu muitas gargalhadas ao compartilhar essa aventura em que ela e uma colega foram ao mangue escondidas da família e revela que pensava que morreria afogada, apesar de saber que estava num local raso.

Eu fui no Porto muitas vezes e quase morri afogada porque uma colega me empurrou. Eu fui lá tomar banho e ela “Pum”, me empurrou, e eu não sabia nadar. O Porto não era fundo não, mas eu não sabia nadar. Bebi muita água! E minha mãe nem sabia que eu tinha ido para lá. Essas coisas de criança... (Márcia)

Quando chegava o final de semana, juntava os pais, as mães, os filhos e caminhavam até o Porto. A nossa distração era passar o dia no Porto. Os pais ficavam pescando e as crianças ficavam tomando banho num rio de água salgada. (Neusa)

A narrativa de Neusa foi marcada pela saudade de um lugar que não existe mais, já que essa realidade não é mais vivenciada por ela e pelos demais moradores, porém uma enorme alegria estava presente em sua fala. Entretanto, durante o projeto de letramento, algumas crianças revelaram frequentar um lugar que chamam de laguinho e que tomam banho, apesar de saberem que a água não é muito limpa.

Neusa, uma senhora de noventa anos que vive no bairro há cinquenta anos, recorreu aos “vestígios datados da memória, ou seja, aquilo que fica gravado como data precisa de um acontecimento” para precisar esse tempo (POLLAK, 1992, p. 3). Esses vestígios se referem ao nascimento de seu filho, pois foi morar no bairro no mês de setembro do ano de 1966, quando estava no início da gravidez de um menino que nasceu em abril do ano seguinte, e que no ano de 2017 completou cinquenta anos de idade.

As narrativas sobre o Porto evidenciam o que Tuan chama de sentido de lugar, que “é uma qualidade do equilíbrio do conhecimento entre sentir-se enraizado no lugar, que é inconsciente, e sentir-se estranho, que está associado a uma consciência exagerada” (1983, p. 224). Assim, as moradoras demonstram um forte sentimento de pertencimento ao bairro.

2.1.3 Ruas

Ecléa Bosi, em sua obra denominada “Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos”, revisita a história da cidade de São Paulo à luz das lembranças de oito idosos. Bosi (1994, p.46 e 47), atribuindo “à memória uma função decisiva no processo psicológico total: a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo ‘atual’ das representações”. Assim podemos compreender que a memória representa um elo entre o passado e o futuro, interferindo e modificando as representações que possuímos.

A autora afirma que:

[...] lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, “tal como foi”, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista. (BOSI, 1994, p.55)

Assim, quando nos lembramos de algo não estamos de fato revivendo a mesma situação, mas sim repensando as vivências anteriores a partir do que somos e pensamos hoje, o que veementemente altera toda a percepção que tínhamos. Bosi (1994, p.56) esclarece o papel da linguagem para a memória como “O instrumento decisivamente socializador da memória”.

O bairro era lindo, era muito bonito. A gente entrava e via aquelas árvores assim... que estavam branquinhas daquelas garças. Aquele bichão enorme, a garça é mais ou menos uma altura assim que... (gesticulando com os braços) quando abria as asas, de uma ponta a outra da asa, tinha quase dois metros, a bicha era enorme. Quem vê assim voando, pensa que ela é pequena... A gente mesmo chegou a conhecer muitos tipos de passarinho. Tinha

Garça, Socó branco, Socó marrom, Anum preto, Anum branco, tinha muito bicho. Bichos lindos. (Neusa)

Foi possível ver o brilho nos olhos de Dona Neusa ao narrar a enorme diversidade de aves que eram comumente avistadas pelas ruas do bairro Jardim Gramacho.

Aqui era cheio de lagoas, ali mesmo onde passa o ônibus, tinha uma lagoa que quando chovia, enchia tanto que tinha que passar por cima do morro, que não dava pra passar porque era muito funda. Aqui nessa rua aqui, ali embaixo (apontando com as mãos) era uma lagoa. Você indo mais pra frente, tem um bar ali... Ali era uma lagoa de você ver assim, ficar brotando aquela água... Aquela nascente d'água assim... Aquela areiazinha branquinha, branquinha mesmo. (Neusa)

Por meio desse relato, podemos notar uma necessidade de enfatizar a ausência de poluição e, dessa forma, a pureza presente no local, que pode ser compreendida a partir do contraste com a realidade atual do bairro.

O cheiro que tinha antes era... cheiro de árvores, de eucalipto, tinha muito eucalipto. Sumiu, as coisas somem e você não vê, aí vagamente vai voltando a lembrança... (Valéria)

Valéria fez um relato esclarecedor ao explicar a transformação ocorrida no bairro e demonstrou surpresa e nostalgia ao se dar conta de como era agradável o cheiro do bairro, recordando e, de acordo com Tuan, sentindo o lugar por meio de “uma mistura singular de vistas, sons e cheiros, uma harmonia ímpar de ritmos naturais e artificiais, como a hora do sol nascer e se pôr, de trabalhar e de brincar” (1983, p. 203).

Aqui não era barro, era pedra... Quando a gente veio era pedra... Um pedrinha, não era lama o chão, mas também a estrada era pequenininha. Eram caminhos. Não tinha assim uma rua aberta. Aí quando a draga passou pra abrir caminho para o ônibus, que virou lama. Mas antes era mato. Aqui tinha um morrinho, era muito morrinho aqui. (Valéria)

O Jardim Gramacho possui uma especificidade muito particular porque é uma localidade formada por ruas e caminhos, como são chamados pelos moradores. Nesse contexto, caminho não representa apenas um “nome genérico

de todas as faixas de terreno que conduzem de um a outro lugar” (Dicionário Aurélio de Português Online, 2018), mas uma passagem mais curta para ir de uma rua à outra. Assim, o bairro possui vários caminhos com degraus e alguns são largos como uma rua. Antes mesmo da abertura das ruas, os caminhos já eram locais de passagem dos moradores. Atualmente, os caminhos ainda são utilizados por diversos moradores para encurtar trajetos que seriam mais distantes se percorridos somente pelas ruas. Esses caminhos se assemelham a escadarias de comunidades carentes como as favelas. Entretanto, torna-se necessários salientar que os caminhos representam a ausência de planejamento para as construções tendo em vista o aumento demográfico ocorrido no bairro.

A construção da COHAB se destacou nas narrativas das moradoras e o anúncio desse empreendimento ocorreu em 1967, constituindo-se por trezentas casas “destinadas aos flagelados das enchentes de janeiro de 1966 e 1967 e quarenta famílias desabrigadas do deslizamento no Morro São Sebastião no Bilac” (Jornal Correio da Manhã). Segundo a publicação do Jornal Correio da Manhã, de 1975, “o terreno da COHAB de pouco mais de 1,5 quilômetro foi doado pela prefeitura. A inauguração no ano de 1972 foi bem diferente do planejado, já que só foram entregues cento e vinte e quatro casas.

A COHAB são casas, são casinhas assim, olha... Quando eu vim morar aqui, a Raul Veiga, o nome dela era Altamira. Altamira é uma cidade da Região Norte, famosa. O nome era Altamira. Anajás é também de lá da Região Norte, Amapá é o estado. Se você observar... Almerim também devia ser alguma coisa, alguma cidade de lá da Região Norte. Aí escolheram esses nomes. (Denise)

2.1.4 Comércio

Torna-se possível afirmar que o Jardim Gramacho era um bairro de características rurais com abundância de frutas e animais, que serviam de alimento para os moradores. Dessa forma, a inexistência de locais comerciais não seria algo destoante da realidade, porém em todas as narrativas estava presente o primeiro comércio da Praça, que hoje representa a centralidade do bairro: a barraca do Seu Cabral.

A maioria das pessoas aqui tinha horta porque não tinha onde comprar e também não tinha dinheiro pra comprar, né? Frutas, abacate, manga... banana, jaca, cana... A maioria dessas frutas tinha por aqui. (Neusa)

Naquele tempo não tinha padaria, não tinha farmácia, nadinha. A gente tinha aquilo o que fazia. Todo mundo criava porco, criava galinha, criava pato... pra ter ovos e carne. E essas outras carnes que a gente pegava... Passarinho também não escapava de ninguém, todo mundo andava com atiradeira matando passarinho... (Neusa)

Foi maravilhoso botar o nome do meu pai na escola, pelo menos não ficou no esquecimento. O nome é porque meu pai foi muito antigo aqui. Ele tinha uma barraca e vendeu muito. Então ele era muito conhecido. O ponto de referência do bairro era a "Barraca do Cabral." Por ele ser muito antigo, um dos primeiros moradores daqui. Ele foi uma pessoa muito boa aqui pro bairro. (Valéria – filha do Sr. Cabral)

A barraquinha que tinha era a do Seu Cabral, que era ali também (na Praça). Fora isso não tinha nada, a gente queria comprar um doce, um doce, a gente ia lá. (Denise)

A gente comprava leite... Tinha o leiteiro que passava de carroça, vendia leite no vidro mesmo, na garrafa. A gente tinha a leiteira, tinha uma leiteira de alumínio, se quisesse podia comprar leite na vacaria. O padeiro passava também na bicicleta. Era assim. (Denise)

E era até ali onde tem a casa da família do Seu Cabral. Aquela na esquina, perto do barbeiro. A única casa que tinha era ali e a do Doutor Pizarro era encostada ao terreno deles, até lá embaixo onde termina aquele terreno todo ali. Agora lotearam, fizeram uma porção de coisa por ali. (Neusa)

Figuras 12 e 13 – Ilustração do primeiro comércio do bairro.



Fonte: acervo da pesquisa.

Seu Cabral, que deu nome a uma das escolas pesquisadas, apareceu em diversos relatos, configurando-se como uma figura de destaque na história do bairro e também esteve presente nas ilustrações, como foi possível verificar nas figuras 12 e 13..

2.1.5 Escolas

As narrativas apresentam unanimidade ao descreverem a primeira e a segunda escolas públicas instaladas no bairro. É interessante a afirmação da Valéria sobre a primeira escola: “Mas o Álvaro sempre existiu”. Podemos compreender essa espécie de eternidade pelo fato de que, em 1962, quando ela e sua família se mudaram para o bairro, a escola já existia, portanto, de acordo com suas lembranças, a partir da vivência no Jardim Gramacho, nunca houve um momento em que a escola não existisse.

De escola tinha o Álvaro. A gente saía daqui e ia estudar no Álvaro. Aí depois de muitos anos teve o Lara. Mas o Álvaro sempre existiu. Tinha que ir andando... (Valéria)

Naquele tempo só tinha um colégio aqui dentro, o Álvaro. E pra arrumar vaga era muito difícil. (Neusa)

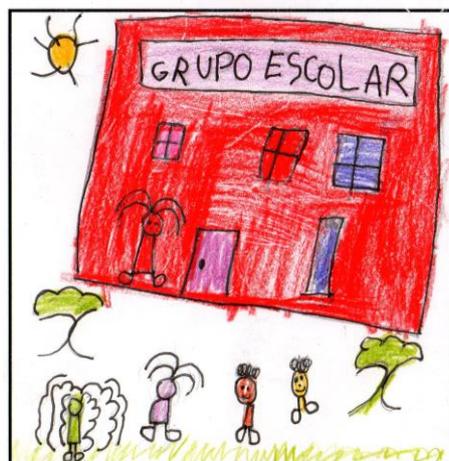
Eu estudei no Álvaro... Aqui no Jardim Gramacho, eu só estudei no Álvaro. Meus filhos já estudaram no Lara. (Helena)

Eu tenho boas lembranças do Álvaro Negromonte. Era uma casinha de meia-água, simples... Tinha cozinha, tinha merenda (risos). A gente comia Sagu. Hoje em dia as crianças nem conhecem. Era muito boa essa parte da escola... A parte da comida, a parte dos professores, do pessoal da escola... Boas lembranças. As amigas da escola, o pessoal da escola... Eu não tenho o que falar não. (Márcia)

Márcia optou por descrever como era a primeira escola do bairro, que na época se chamava Grupo Escolar Álvaro Negromonte e era bem pequena e diferente de como é hoje. De acordo com dados do Censo de 2017, a instituição atualmente nomeada de Colégio Estadual Álvaro Negromonte possui onze salas de aula, além de outras dependências e conta com cinquenta e quatro funcionários. Márcia também escolheu classificar suas recordações da escola

como positivas e negativas e, para tanto, relacionou como fatos positivos a merenda, que lhe trouxe umas boas gargalhadas, os professores, os funcionários e as amigas que fez. Entretanto não elencou aspectos negativos referentes à escola, a não ser posteriormente uma professora que ela considera responsável por sua evasão escolar num momento em que estava adoentada e não pôde comparecer às aulas. A docente se comprometeu a aplicar uma prova em outro momento, o que não ocorreu e resultou em sua reprovação naquele ano e abandono da escola por dez anos. E ainda que toda essa situação se relacione à escola, Márcia afirma: “eu tenho boas lembranças do Álvaro Negromonte”.

Figura 14 – Ilustração da primeira escola do bairro: Colégio Estadual Álvaro Negromonte.



Fonte: acervo da pesquisa.

No início de sua narrativa sobre as escolas, Márcia revelou que, ao se mudar para o bairro Jardim Gramacho, não frequentava uma escola e só estudava com uma explicadora, que foi lembrada com um imenso carinho. Mas logo depois se recordou que estava matriculada em uma instituição escolar. Em seu relato também é interessante notar a maneira como se refere à escola com um sentimento de pertencimento, utilizando pronomes possessivos “minha escola” e “meu colégio”.

Minha mãe botava a gente numa explicadora, porque não tinha escola. O Colégio Estadual Lara Vilella ainda não existia. O Lara veio depois. Não demorou muito não, veio logo, mas... Depois de mais crescidinho a gente estudava no Colégio Estadual Álvaro

Negromonte. A gente nunca deixou de estudar não. Andávamos a pé até lá. (Márcia)

Conforme Santos (2009), estudos sobre "memória" têm aparecido em um número significativo de análises sociais e “representam uma abordagem interdisciplinar e a tentativa de integrar, ainda que com ênfases distintas, as dimensões de ‘tempo’, ‘indivíduo’ e ‘sociedade’” (SANTOS, 2009, p.145). A partir desses estudos, Santos (2009) afirma que a memória não é focalizada em termos individuais ou sociais, mas se caracteriza como “atos de lembrar e esquecer, que devem ser considerados práticas ou ações humanas constituídas socialmente” (p.145 e 146). Márcia inicia a narrativa afirmando que estudava numa explicadora porque não tinha escola, mas a seguir ela percebe que isso era um esquecimento e logo revela que sempre estudou, mas ia andando até a escola.

Denise também percorreu sobre o Colégio Estadual Álvaro Negromonte, porém em sua narrativa destacou a primeira escola municipal do bairro e principalmente a origem dessa instituição.

A seguir uma ilustração dessa unidade feita pelas crianças.

Figura 15 – Ilustração da Escola Municipal Jardim Gramacho.



Fonte: acervo da pesquisa.

Inicialmente, a Comunidade Nossa Senhora da Penha compartilhou suas instalações com a escola, o que estava deteriorando a Igreja. E após a reivindicação dos moradores, a escola finalmente passou a possuir um prédio

próprio. De acordo com dados da Secretaria Municipal de Educação de Duque de Caxias, a princípio a escola era um anexo da Escola Municipal Aquino de Araújo, do bairro Vila São Luiz. Em 1993, a escola foi fundada, porém até o ano de 1996, em que foi finalizada a construção do prédio próprio da escola e as instalações da Paróquia deixaram de ser utilizadas.

A partir do exposto, torna-se possível afirmar que as escolas do bairro Jardim Gramacho correspondem a lugares de memória, de acordo com a concepção de Pierre Nora em que:

São lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos. Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio, que parece o exemplo extremo de uma significação simbólica, é ao mesmo tempo o recorte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, para uma chamada concentrada da lembrança. Os três aspectos coexistem sempre. (NORA, 1984, p. 21)

Assim, as instituições escolares no bairro contemplam os três aspectos, em plena interação, definidos por Nora. São materiais porque estão abrigadas em prédios, são funcionais devido ao próprio caráter educacional, cercado por rituais que perpetuam a memória e, por último, são simbólicos porque expressam e revelam a identidade da comunidade local. Segundo Nora (1984, p. 22), os lugares de memória são constituídos por “um jogo da memória e da história, uma interação dos dois fatores que leva a sua sobredeterminação recíproca”, sendo caracterizados por meio da historicidade.

2.1.6 Energia elétrica

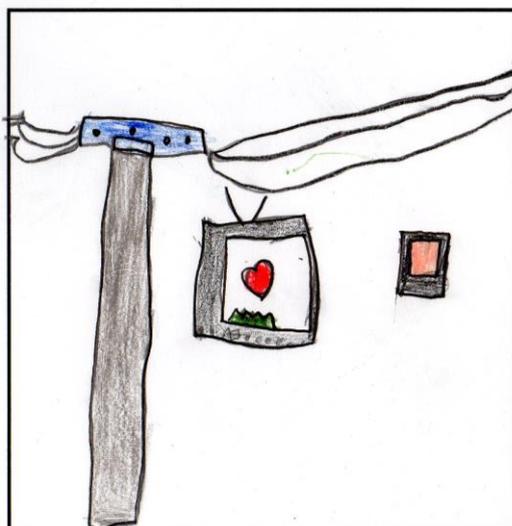
Quando a maioria das entrevistadas se mudou para o bairro Jardim Gramacho, ainda não existia energia elétrica. Márcia afirma que eram utilizadas lamparinas. Já Valéria se ateu ao uso de alimentos, fato que se relaciona à atividade laboral desempenhada por seu pai.

Quando eu cheguei no Jardim Gramacho não tinha luz, então a gente usava lamparina. Não tinha luz não, depois que a gente conseguiu... Porque se reuniu com os vizinhos e fez abaixo assinado, aquele movimento todo com os moradores. Aí que chegou a luz. A Light trouxe a luz. (Márcia)

Até então, era água de poço e essa rua aqui não tinha energia. A maioria das coisas eram frescas, e se usava muito carne suína, que ficava na banha guardada. (Valéria)

A chegada da energia elétrica foi ilustrada pelas crianças com poste, fios de alta tensão, televisão colorida e telefone celular, apesar de esses dois últimos não existirem naquele período, fazem parte da realidade vivida pelas crianças.

Figura 16 – Ilustração da chegada da energia elétrica.



Fonte: acervo da pesquisa.

2.1.7 Aterro

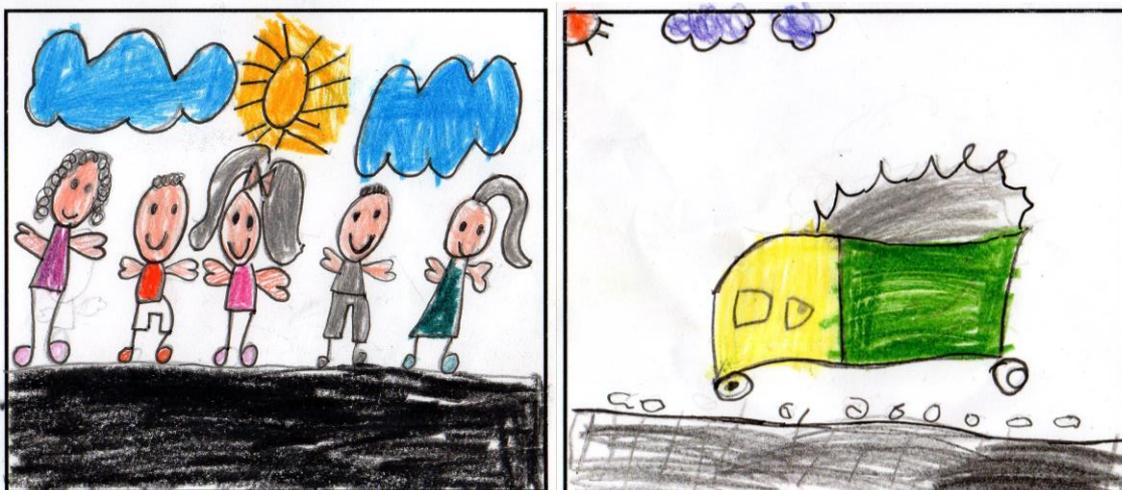
De acordo com reportagens do ano de 1979, é possível encontrar as justificativas para a instalação do Aterro no bairro, dentre as quais podemos destacar algumas. A primeira afirma que o estudo sobre o Aterro teve início em 1977, sendo inaugurado em setembro do ano seguinte, porém o despejo de lixo começou junto com o estudo, segundo o Jornal O Fluminense. A segunda reportagem é do Jornal do Comércio e traz uma informação de que segundo a Fundação para o Desenvolvimento da Região Metropolitana do Rio de Janeiro

(FUNDREM), o mangue estava extinto “e não tem mais nenhuma função para a ecologia da região, mas que o aterro do lixo vai ser preservado” (Jornal do Comércio, Edição 00238, 1979). A última, do Jornal O Fluminense, informa que, segundo José Wagner, o aterro é “uma maneira de valorizar as áreas adjacentes” (Jornal O Fluminense, Edição 02832, 1979).

Uns dez anos, mais ou menos, depois que teve essa coisa lá dentro, que o pessoal chamava de rampa [o Aterro Metropolitano], foi começando a sumir também as plantas, tinham muitas espécies, tanto de remédio, como flores... (Neusa)

A chegada do aterro mudou drasticamente a vida no bairro devido às consequências ambientais, como verificamos na narrativa de Neusa e nas ilustrações a seguir.

Figuras 17 e 18 – Ilustrações da chegada do asfalto no bairro.



Fonte: acervo da pesquisa.

A idéia que tiveram na questão da entrada do Aterro, foi justamente que era o progresso, está melhorando... Naquela época se falava muito nisso, na questão do progresso. "Olha! Já começou a asfaltar a Monte Castelo. A gente está progredindo!" (Denise)

Denise evidencia o momento da chegada do asfalto e, naquele momento, foi visto pelos moradores como algo bom, o que podemos constatar a partir da imagem 17 em que todas as pessoas estão sorrindo.

Figuras 19 e 20 – Ilustrações da chegada do Aterro.



Fonte: acervo da pesquisa.

A rua principal que se chama Monte Castelo foi asfaltada. Oh! Que beleza! Progresso! Eu fui em muitas reuniões em que os engenheiros do aterro disseram que o aterro era maravilhoso e que veio para o progresso do Jardim Gramacho e de Caxias. Mas eles não falaram para a gente que vinha poluição para o manguezal e para a água dos rios, que viria muita gente que sobrevivia da catação, que iria aumentar a população de miseráveis e de gente de todo tipo que você pode imaginar. (Márcia)

Márcia evidencia as consequências sociais e ambientais provenientes do aterro presentes nas figuras 19 e 20 em que caminhões despejam o lixo diretamente em áreas de manguezal, até então preservadas.

2.1.8 Praças

O nome da praça é Alcir Cavalini, por causa do Alcir que morreu... Não conhece a história? O Alcir, o que, que aconteceu? O Moacir da Ambulância, morador antigo do bairro e tal, jogava bola ali. Ali tinha um terreno baldio que eles jogavam bola, e ele jogava bola ali também. Como que ele conseguiu, o Moacir da Ambulância, esse jeitinho de ser... Como ele conseguiu ser vereador? A rapaziada de antigamente, alguns até já morreram, alguns morreram de doença, morte natural... tinha o (Kiko), tinha o Zé Maria, tinha o Alcir, tinha o... esse outro que agora é candidato também, o da Associação de Moradores... O Gilsinho. Uma rapaziada aí, que se dividiu depois, mas era um grupo de amigos, um grupo muito grande... e que se juntou pra apoiar o Moacir. Eles até falavam "O Grupo de Amigos do Moacir da Ambulância". Se juntaram pra apoiar ele, e conseguir eleger ele pra vereador. Foi assim que o Jardim Gramacho teve o primeiro vereador do bairro.

No dia da votação... Lá no José Medeiros, é seção. Eu não estava lá, eu não vi, eu soube que... Parece que colocaram uma faixa... não podia, coisa que não podia no dia. Então o Alcir subiu no poste pra tirar a faixa, no que ele subiu, levou um choque e caiu eletrocutado. O Alcir. Dizem que foi levado com vida, mas outros dizem que ele morreu na hora. Mas em fim, faleceu. E aí o nome da praça recebeu o nome por isso. (Denise)

A Praça Alcir Cavalini apareceu em diversos relatos, entretanto era utilizada como pano de fundo, servindo como um ponto de referência para o bairro, entretanto Denise foi a única que se dedicou a abordá-la, explicando a origem do nome, que tem um enredo trágico.

Ali onde é o CIEP tem um marco. Ali marca a passagem de Dom Pedro ou Dom João... Acho que era Dom Pedro, que fazia piquenique. Inclusive disseram que Getúlio Vargas vinha... (Denise)

No Brizolão tinha uma torre lá, não é bem uma torre não... Não sei dizer... (Valéria)

Um aspecto interessante refere-se a esse marco apontado por Denise e Valéria, que é conhecido como Obelisco. O Obelisco foi construído na Praça Central do bairro, que de acordo com reportagens de jornais das décadas de 1940 a 1960, chegou a ser conhecida como Praça do Obelisco. O bairro Jardim Gramacho foi projetado ao redor dessa localidade a partir da venda dos primeiros loteamentos.

Figura 21 – Reportagem do Jornal Correio da Manhã sobre Jardim Gramacho como uma nova cidade.



Fonte: Jornal Correio da Manhã, 20 de junho de 1943.

A Figura 20 apresenta uma reportagem sobre o bairro denominada “O Estado do Rio e a iniciativa particular – O Jardim Gramacho, em Caxias, a nova cidade de 35.000 habitantes, foi ontem visitada pelo prefeito, Eng. Bento dos Santos Almeida”. A imagem 1, contém as pessoas que estiveram no bairro para um almoço, a 2 mostra a construção do Obelisco, a 3, um político de Duque de Caxias, a 4 e a 5 a abertura de ruas. O loteamento do bairro ficou a cargo de uma empresa privada denominada Companhia Imobiliária Gramacho S.A., que construiu o Obelisco.

Figura 22 – Notícia sobre a construção do Obelisco do Jardim Gramacho publicada no Jornal Correio da Manhã.



Fonte: Jornal Correio da Manhã, 24 de maio de 1945.

A inscrição afirma que: “Este obelisco foi construído na Praça Central do Jardim Gramacho como um marco de trabalho e um símbolo de fé nos destinos do Brasil”. Entretanto, de acordo com os relatos, devido às mudanças ocorridas no bairro a partir do aumento do número de moradores, houve um deslocamento da centralidade do bairro para a Praça Alcir Cavalini. O Obelisco, núcleo de uma Praça, passou a integrar uma escola, a terceira Escola Estadual do Jardim Gramacho, hoje denominada de CIEP 218 – Ministro Hermes Lima Brasil – Turquia, que oferece um ensino diferenciado “com ênfase em Física e Informática, aliado ao desenvolvimento do aluno na proficiência das línguas Turca e Inglesa” (SEEDUC, 2015). Atualmente tem-se um monumento esvaziado de memória. Podemos afirmar segundo Tuan, que um marco como o Obelisco “parecem cada vez mais gestos vazios de uma outra época” (1983, p. 192).

Figura 23 – Fotografia do Obelisco do Jardim Gramacho no CIEP 218.



Fonte: Sindicato Estadual dos Profissionais Educação do RJ – SEPE Caxias

De acordo com o SEPE Caxias (2015), o Obelisco “foi uma homenagem que o dono da imobiliária que loteou vários bairros da cidade, como Olavo Bilac e Jardim Gramacho, fez ao seu irmão e presidente do Brasil, Getúlio Vargas”.

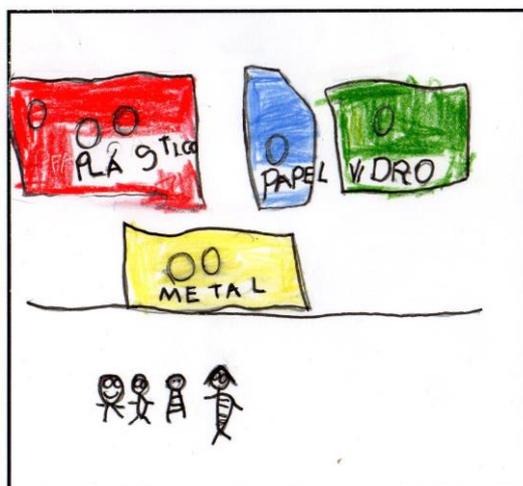
2.1.9 Movimentos populares

A partir do desenvolvimento da pesquisa foi possível perceber diversas iniciativas dos moradores do bairro Jardim Gramacho visando melhorias, um exemplo disso é um grupo denominado SOS Jardim Gramacho, que foi formado por alguns moradores na luta pela melhoria das condições de vida no bairro. Os integrantes do grupo SOS Jardim Gramacho foram os responsáveis por implementar o processo de coleta seletiva no bairro junto aos catadores do Centro de Triagem. O grupo também realiza manifestações para marcar que completou mais um ano desde que o Aterro foi desativado e mesmo assim nada foi feito por parte das autoridades para revitalizar o bairro.

A gente foi na Cúpula dos Povos, com faixas, uma faixa dessa... uma faixa amarela, assim: "SOS Jardim Gramacho", só que não era esse SOS, era só uma faixa... A nossa faixa era "SOS Jardim Gramacho, o Lixão continua"... Era uma coisa assim. (Denise)

E a coleta seletiva só surgiu porque a gente se organizou, mas a prefeitura ajudou e deu suporte para a criação do Centro de Triagem. A coleta seletiva no bairro começou na verdade com a gente. E os catadores do Centro de Triagem passavam nas nossas três casas. Aí a gente aproveitou a Campanha da Fraternidade, convidou o pessoal da igreja e o pessoal foi aderindo... E aí o grupo foi crescendo, mas muita gente que não está no grupo do WhatsApp também separa material reciclável. O grupo de pessoas que participa da coleta cresceu. (Denise)

Figuras 24 – Ilustração da coleta seletiva.



Fonte: acervo da pesquisa.

A prefeitura apoiou a criação de um Centro de Triagem de Resíduos Sólidos, que reúne algumas cooperativas de catadores que trabalhavam dentro do Aterro, mas não participou de um trabalho voltado para a conscientização dos moradores no descarte correto do lixo e dos materiais recicláveis. Assim o SOS Jardim Gramacho iniciou a coleta seletiva com apenas três famílias e hoje esse grupo conta com cerca de cento e cinquenta famílias cadastradas.

3 LENDO E ESCRREVENDO UMA OUTRA HISTÓRIA: UM PROJETO DE LETRAMENTO COM PROFESSORAS ALFABETIZADORAS DE TRÊS ESCOLAS MUNICIPAIS DO BAIRRO JARDIM GRAMACHO

Neste capítulo iremos apresentar o projeto de letramento elaborado com professoras alfabetizadoras que atuam em três escolas públicas municipais do bairro Jardim Gramacho e desenvolvido em uma dessas instituições. Iniciaremos examinando algumas informações sobre sua formação e atuação profissional. Em seguida, exploramos algumas características das atividades de alfabetização e letramento que já desenvolvem com suas turmas, incluindo também as práticas baseadas na memória local. Continuamos o capítulo descrevendo o processo de elaboração do projeto de letramento baseado nas cinco narrativas de antigas moradoras e apresentando na íntegra a história criada em colaboração com as docentes. Incluímos também uma versão com a ilustração dos estudantes do primeiro ano. Concluimos descrevendo os resultados do projeto e as possíveis contribuições deste tipo de trabalho para o processo de letramento.

3.1 Conhecendo as professoras alfabetizadoras: formação e trabalho

Nosso encontro com as professoras alfabetizadoras aconteceu nas próprias escolas, por meio de visitas periódicas durante o segundo semestre de 2017. Iniciamos conduzindo entrevistas para conhecer a formação das docentes e a abordagem de letramento que já utilizavam com as turmas do primeiro ano do ciclo.

Quanto à formação, notamos que todas haviam cursado o ensino médio, e apenas uma não havia feito formação de professores. No ensino superior, três haviam cursado Pedagogia e uma cursou Letras. Possuíam uma média de 14 anos de experiência no magistério, sendo uma em final de carreira (Maria) e uma ainda em início de carreira (Noemi). Notamos que nenhuma morava no município de Duque de Caxias. O Quadro 2 apresenta os dados de formação, anos no magistério, anos de trabalho na rede municipal de Duque de Caxias e município de residência.

Quadro 2 – Formação profissional e atuação no magistério das professoras alfabetizadoras que participaram da pesquisa.

Prof.	Formação Educacional		Anos de magistério	Anos na rede	Município de residência
	Médio	Superior			
Aline	Formação de professores	Letras	15	14	Rio de Janeiro
Letícia	Formação geral	Pedagogia	10	10	Rio de Janeiro
Maria	Formação de professores	Pedagogia	25	24	Rio de Janeiro
Noemi	Formação de professores	Pedagogia	8	1	Itaboraí

Fonte: elaborado pela autora.

Quanto à atuação profissional, as docentes já começaram as entrevistas denunciando a incerteza quanto ao recebimento dos salários e o desrespeito dos prefeitos com os profissionais da educação. Professora Maria, com 25 anos de magistério, sendo 24 no município de Duque de Caxias, narrou sua frustração com a falta de pagamento e a perda de direitos dos professores. A professora Letícia, por sua vez, denunciou a desvalorização do profissional da educação, que apesar das dificuldades mantém o compromisso com a educação pública.

Ele (O ex-prefeito Alexandre Cardoso) saiu devendo outubro, ele entregou o cargo e a gente não tinha recebido o final de outubro. O Washington assumiu, a gente ainda não tinha recebido outubro, só tinha um resquício... novembro, dezembro, décimo terceiro. Eram três salários e um pouquinho. Ele veio agora repondo, e a gente continua com dois salários devendo. Eu estou com dívida até... E ainda corta o salário, aí quer dizer... Esquece caneta... O que a escola fornecer vai ser o que eles vão ter, fora isso... (...) Já chorei muito sexta-feira por isso. Já chorei muito. Depois que passou, que foi aprovado, esses vinte e quatro anos jogados no lixo. Então é assim, vamos fazendo o que é possível. (Professora Maria)

Hoje, a gente está mais balanceado com tudo o que vem acontecendo. Principalmente aqui na Prefeitura de Duque de Caxias. A gente está mais sensível, vamos dizer assim. Então, a gente fica repensando, com tudo o que a gente faz. Todo o esforço. Eu acordo todos os dias 04:45 da manhã... Porque eu estou vindo de carona. Ela vem e me traz até aqui na entrada de Jardim Gramacho. [...] Eu chego todos os dias na escola 06:10 da manhã. [...] Sim, eu cumpro o meu horário, eu sei das minhas responsabilidades, mas muitas vezes isso não é valorizado, isso

não é visto. Eu acho que a carga do professor hoje é muito pesada. (Professora Letícia)

Apesar dos problemas enfrentados com a administração municipal, as docentes mostraram-se interessadas em desenvolver um bom trabalho com as crianças, construindo estratégias individuais e coletivas para lidar com as adversidades. Cabe assinalar a firme atuação do SEPE Duque de Caxias e o engajamento dos docentes na garantia dos direitos trabalhistas, constantemente sob ataque.

Outro ponto abordado durante as entrevistas foi a formação recebida pelas docentes para atuar em turmas de alfabetização. As quatro professoras afirmaram que aprenderam por meio da prática, embora tenham se beneficiado de cursos de formação inicial e continuada.

Então, eu fui aprendendo... Eu aprendo todo dia. A gente na nossa prática, a gente aprende. Coisas que deram certo, coisas que deram errado, isso eu posso repetir... (Professora Letícia)

Eu aprendi a alfabetizar fazendo [risos]. Quebrando a cabeça. Eu fui juntando vários métodos que a gente aprende lá no normal, aprende na faculdade. Então eu uso um pouquinho de cada coisa. Você vê aqui [apontando para a atividade que os alunos estavam realizando] já tem o tradicional... A gente vai usando o que dá, o que funciona. Então, quando eu comecei, eu fiz algumas cartilhas, fazia... Pegava o Sítio do Pica-Pau Amarelo, eu ficava aquele ano todo alfabetizando com aqueles personagens. Hoje eu faço partes do texto, a parte do que a gente esteja trabalhando do projeto da escola. Aí eu vou tentando encaixar a palavra, encaixar alguma coisa... E monto os textos. Aquele ali não, mas a grande maioria dos textos, porque pra eles que são pequenininhos, o contato com os textos tem que ser assim. Então eu crio os textos que me atendam pra poder atender a eles. (Professora Maria)

Na fala da Professora Maria, podemos perceber uma mudança na maneira de alfabetizar, já que, de acordo com sua fala, inicialmente contextualizava as atividades, enquanto hoje em dia, utiliza os textos somente como um pretexto para desenvolver alguma atividade voltada para a escrita.

A Professora Noemi afirmou que sentiu necessidade de realizar uma formação continuada.

Eu estou fazendo uma especialização em Psicopedagogia, entendeu? Pra lidar mais com esses processos, porque eu via a

necessidade... (...) Eu nem pensei em fazer alfabetização não. Porque aí já contempla, lida com dificuldade de aprendizagem, já lida com a parte fonética, entendeu? Já lida com a Neurociência... Aí eu achei mais interessante do que fazer a alfabetização. Eu tive duas disciplinas de alfabetização na faculdade... Então essa parte teórica que provavelmente eu iria ver, eu falei: "Ah! Pra mim não é interessante, eu vou ver tudo de novo". Eu vi a grade lá do curso, aí eu falei: "Ah! Eu vou ver tudo de novo, teoria e não sei o que..." Aí não dá. Aí eu quis mais essa. (Professora Noemi)

Apesar de Noemi ter afirmado que o curso de Psicopedagogia a capacita para lidar com as dificuldades de aprendizagem presentes na alfabetização, finalizou sua fala afirmando que pensa “em fazer algo e... estender pra fazer a clínica, Pedagogia Clínica, quem sabe? Futuramente sair de sala de aula”.

A Professora Aline informou que quando a rede municipal disponibilizou formação para alfabetização não pode fazer porque era destinada somente a docentes da classe de alfabetização e estava com uma turma do terceiro ano. Disse que teve acesso ao conteúdo na escola por meio dos grupos de estudo, “a gente estuda, a gente lê como é que tem que ser, como que é a nova fórmula...”

3.2 Conhecendo o trabalho docente: perspectivas sobre os processos de alfabetização e letramento nas escolas do Jardim Gramacho

Durante a entrevista as docentes descreveram as abordagens que utilizam no processo de alfabetização. Professora Noemi diz que “trabalha o alfabeto”, em suas próprias palavras: “trabalho a sequência do alfabeto e depois eu vou perguntando simultaneamente pra ver se a criança não está só memorizando, se ela realmente assimilou aquilo ali”. É interessante notar que a Professora Noemi vem desenvolvendo seu trabalho, porém diante das dificuldades apresentadas pelos alunos, como a não memorização do alfabeto, resolveu buscar uma formação continuada supondo que tenham algum tipo de distúrbio/deficiência. A prática da professora Aline, apesar de também partir do alfabeto, já apresenta alguns elementos diferentes:

Eu assim, primeiro eu apresento de uma certa forma o alfabeto pra eles, sempre fazendo uma ligação com alguma coisa. Por exemplo, quando eu mostrei a letra B, foi através da música "Borboletinha". Aí eu mostrei a letra "B". Mas ao mostrar,

identificar a letra, não é já saber o "Ba" ou o "Bo", não. Saber que aquilo ali é o "B", o "B" da "Borboleta". Aí depois... Nisso eu vou pro "C"... É assim, eu não sigo a ordem. Eu vou de acordo com... Às vezes, entrou a Primavera, eu vou e uso uma musiquinha da Primavera e aquela letra ali. Mas normalmente no início do ano, são as primeiras datas, não é? Índio... Aí vai. Aí depois que eles nomeiam as letras do alfabeto, de tanto eu trabalhar letra inicial, achar a letra inicial nas palavras e coisa e tal... Aí sim eu volto. Daí através dos textos trabalhar a palavra. O texto e a sílaba, entendeu? Aí eu foco mais. Mas pra 1º, eles têm que estar sabendo o nome das letras e associar à alguma figura. Por exemplo, o "B" da "Bola"... Se eu boto que o "B" é da 'Bola', o dia em que eu falar "Bo de Boneca"... "Escreve aí: Boneca!" "Bo, bo, bo... é o 'Bo' da "Bola" tia?" Aí eles acessam a caixinha e sabem que o "Bo" da "Bola" faz o mesmo barulhinho que o da "Boneca". Aí eu vou escrever "Boliche"... Entendeu? Então assim, eu acho que eu também não posso ultrapassar, sem eles saberem o alfabeto, as letras. Se não, você não consegue trabalhar. Então eu vou e volto. Aí depois que eu apresentei as letras, a parte dos textinhos e das musiquinhas, eu volto. Eu vou pegar a palavra, também os textos... Por exemplo, agora as lendas... Hoje a gente trabalhou o Curupira, eu explico uma frase sobre o Curupira, que ele é o protetor dos animais, só uma frase, pra também não sobrecarregar, porque não sabe ler ainda. Então não adianta eu ficar botando coisa que não tem nada a ver. Aí dali a gente tirou a palavrinha Curupira. Aí agora eu vou dar várias palavrinhas que tem "Cu", "Ca", "Co", pra eles completarem. Aí a gente desenhou o Curupira, mostrou as características do Curupira, aí eu já faço associação com a Cuca. O mesmo "Cu", "Cu", "Cu" de quem? Aí eu vou e... aí eu vou continuando. Aí amanhã eu vou dar o Boto, aí vou trabalhar o "Bo". Eu não fico só no "Bo" do Boto... "O que mais que a gente escreve com 'Bo'? Boneca? E com 'Ba'? E com 'Be'?" Aí vamos embora. Mas sempre a partir de algumas coisas pra eles poderem fixar, entendeu? Eu trago uma música... É assim que eu faço. (Professora Aline)

Na prática desenvolvida pela Professora Aline, a palavra é utilizada como um subterfúgio para que os alunos conheçam a letra e/ou sílaba que ela deseja. Segundo Kleiman (2007, p. 5-6)

Nos primeiros anos do ciclo do ensino fundamental, visa-se apresentar ao aprendiz todos os aspectos do sistema ortográfico da língua e serão os diversos aspectos desse sistema os conteúdos a serem ensinados. Isso não significa, entretanto, que o professor deve planejar suas aulas de modo a apresentar primeiro o alfabeto, logo as sílabas abertas (ba be bi), depois os encontros consonantais (bra bre) e as sílabas fechadas (bar ber) e assim sucessivamente, com base num roteiro de apresentação dos diversos elementos desse sistema, desde as sílabas tidas como as mais simples e as regularidades até as "dificuldades ortográficas" da tradicional cartilha (que todo professor conhece).

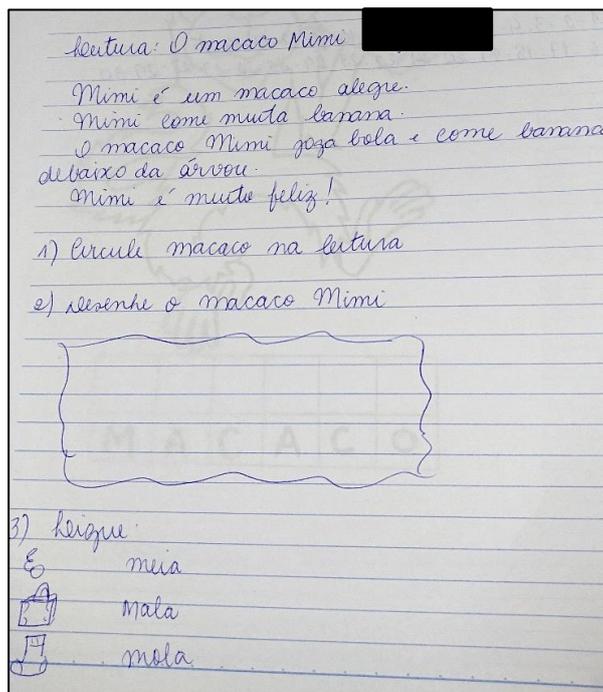
Essa organização linear de conteúdos em que se inicia pelos conteúdos mais simples até os mais complexos a serem desenvolvidos pelos professores, representa parte inerente nas abordagens didáticas das Professoras Aline, Maria e Noemi e pode ser considerado como herança das “cartilhas antigas, que “ensinavam” apenas as correspondências entre letras e sons, produziram e produzem fracasso no Brasil e em outros países” (MORAIS, 2007). Na perspectiva do letramento “os elementos pontuais “mais difíceis”, ensinados tardiamente na progressão tradicional, podem aparecer em qualquer etapa do processo, desde que sejam aprendidos dentro de um contexto significativo”. Entretanto para que o ensino da língua esteja voltado para a participação do aluno em práticas sociais letradas, o que se requer do professor é que desenvolva os conteúdos didáticos “da prática social para o ‘conteúdo’ (procedimento, comportamento, conceito) a ser mobilizado para poder participar da situação, nunca o contrário, se o letramento do aluno for o objetivo estruturante do ensino” (KLEIMAN, 2007, p. 5 e 6).

De acordo com Kleiman (2007, p.9), podemos afirmar que as “práticas de letramento certamente alteram a lógica tradicional de organização de conhecimentos” e tem a possibilidade de reverter situações rotineiras em que “de um lado temos as crianças que copiam mecânica e ininterruptamente as vogais, sílabas e frases desarticuladas e sem sentido, de outro lado temos os professores que transcrevem *ipsis litteris*, para a lousa” e traz como resultado “a desconsideração das práticas sociais mais amplas, nas quais leitura e a escrita são necessárias e efetivamente colocadas em uso” (TFOUNI, 2006, p.56).

Eu monto texto pra pegar aquela letra. Aí eu tento botar não só a palavra-chave que eu estou trabalhando, mas algumas outras coisas que tenham a mesma letra. (...) Eu comecei com mais textinhos, mais pra cá pra eles. Porque aí eram só palavrinhas pra eles se apresentarem, eram coisas dadas soltas, acho que foi de abril, maio pra cá. O restante não tem não. É não tem não, só palavrinhas. (Professora Maria)

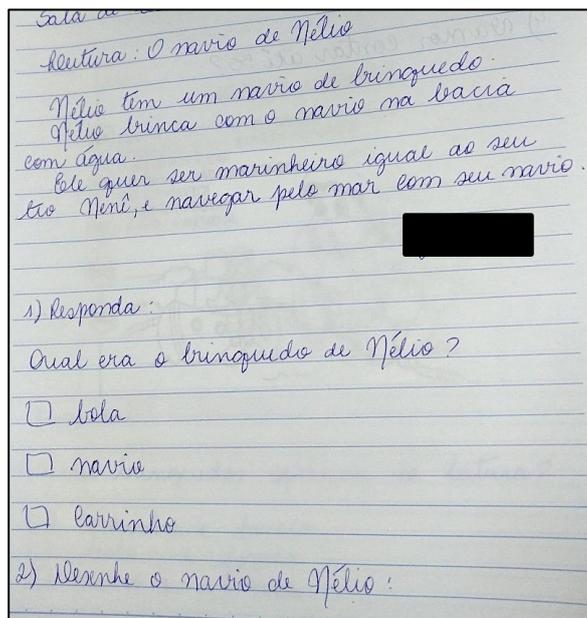
A Professora Maria, ao discorrer sobre sua prática de alfabetização, utilizou seu caderno de plano como apoio. A seguir temos duas imagens:

Figura 25 – O macaco Mimi: atividade de leitura desenvolvida por uma das professoras alfabetizadoras entrevistadas.



Fonte: acervo da pesquisa.

Figura 26 – O navio de Nélio: atividade de leitura desenvolvida por uma das professoras alfabetizadoras entrevistadas.



Fonte: acervo da pesquisa.

Os retângulos pretos nas duas atividades servem para proteger a identidade da docente, já que ela assina todos os textos de sua autoria. Apesar de a Professora Maria informar que não elabora cartilhas como fazia no início de sua profissão, é possível verificar que seus textos se assemelham aos das antigas cartilhas de alfabetização. Nessas atividades, podemos afirmar que os textos têm como função principal fixar as letras M e N, ignorando os conteúdos necessário à formação dos alunos, que poderiam ser desenvolvidos até por meio deles.

Por exemplo, nos últimos anos, a receita, o bilhete, o rótulo passaram a frequentar o livro didático e a sala de aula, sendo frequentemente utilizados para alfabetizar. Entretanto, ensinar a um grupo de crianças a ler ou escrever uma receita, ou um rótulo, sem ter construído um contexto que justifique sua leitura ou escrita, em atividades que poderiam perfeitamente ser feitas com outros textos (não precisamos de um rótulo de leite condensado para procurar o M de Moça, por exemplo) produz o efeito de uma tarefa sem sentido e, portanto, muito mais difícil do que aprender a letra M na cartilha, no contexto de muitas sílabas e palavras com essa letra. (KLEIMAN, 2007, p.18)

No contexto do letramento, torna-se cada vez mais necessário que o professor reflita acerca do projeto elaborado para que a utilização de uma receita ou rótulo não sirva somente de pretexto para a prática pedagógica. A compreensão acerca de práticas culinárias não está na competência leitora, mas na familiaridade com essas práticas porque apesar de dispormos de uma gama de recursos que nos possibilitam acesso às receitas, ainda são comuns os casos de pessoas que ouvem receitas no rádio ou televisão e as executam com perfeição.

Partir das práticas letradas e das funções da escrita na comunidade do aluno significa, entre outras coisas, distanciar-se de crenças arraigadas, como a “superioridade” de toda prática letrada sobre a prática oral; aprender e ensinar a conviver com a heterogeneidade, valorizar o diferente e o singular. Envolve agir como interlocutor privilegiado entre grupos com diferentes práticas letradas e planejar atividades que tenham por finalidade a organização e participação dos alunos em eventos letrados próprios das instituições de prestígio, tais como ler textos literários, científicos, jornalísticos, assistir a peças de teatro, escrever um livr(inh)o, fazer uma exposição artística, organizar um sarau ou uma noite de autógrafos. (KLEIMAN, 2007, p.18)

Assim o letramento estará propiciando a ampliação do contato do aluno com as mais diversas práticas de uso da escrita, mas tendo como ponto de partida sempre a comunidade local que certamente “proporciona pistas valiosas sobre suas práticas sociais de origem, que podem auxiliar o professor na hora de diagnosticar, planejar e avaliar os processos de ensino e de aprendizagem” (KLEIMAN, 2007, p.19).

Quanto à realização de uma abordagem pedagógica na perspectiva do letramento, Maria explicou em meio a risos:

O letramento, ele fica lá... (gesticulando indicando distância). Não dão valor entendeu? A gente traz o livro, aqui tem vários livrinhos de história, mas não tem interesse, não tem hábito, não tem interesse, não tem costume. A gente geralmente começa lendo uma história. Hoje eu li uma historinha pra eles, uma leitura compartilhada, mas... Eles têm a sala de leitura. Eles têm uma profissional que trabalha com eles, histórias, (filmes), dramatizações... A sala de leitura é uma sala específica pra isso. E agora, desde o ano passado eles têm aulas de informática. Tem um tablet, ela traz pra sala. Isso são coisas que agregam, né? Tipo assim, na aula de informática, ela traz o tablet e trabalha com eles dificuldades que eu venho tendo, como: adição, subtração... Então ela traz joguinhos no tablet pra auxiliar no letramento. E aí tenta caminhar. (Professora Maria)

A fala da docente parece demonstrar que o letramento depende do aluno, tratando-se principalmente do contato com livros.

Estou trabalhando muito com joguinhos, com eles, entendeu? Trabalhando muito com encarte, com embalagens de alguns produtos, mas muitos produtos eles também não têm acesso. Aí complica um pouco, complica bastante o processo. É um extremo... É bem complicado, porque você lida com diversas carências, entendeu? Carência afetiva... A criança vem pra escola de chinelo, aí o chinelo arrebenta ali fora... (Professora Noemi)

De acordo com a Professora Noemi, ela tem tentado desenvolver uma abordagem pedagógica que leva em conta o cotidiano do aluno, entretanto tem encontrado barreiras, como podemos notar a seguir:

Estava vendo essa questão do letramento com eles... "Onde você vê escrito? Me conta... não sei o que..." Só que não vê escrito em praticamente lugar nenhum... Não se vê mais aqueles bilhetes, entendeu? O pai fazer um registro, uma lista de compras, nada... "Não, nunca vi, não sei". Aí é complicado. Eu sempre tento ter essa parceria com a família, mas assim... muito difícil aqui, muito difícil.

Noemi buscou através da dialogicidade com os alunos conhecer as práticas letradas desenvolvidas pela comunidade, porém percebeu a sua escassez. Todavia, é preciso considerar que a Professora Noemi tem pouco conhecimento da realidade local, uma vez que tem contato com o bairro há apenas um ano. Também indica a existência de um grande distanciamento dos pais.

Eu sempre tento ter essa parceria com a família, mas assim... muito difícil aqui, muito difícil. (...) O que eu mais sinto falta mesmo, além da falta de estrutura, é a família mesmo. Que se delega toda a responsabilidade do educar mesmo e até de coisas que deveriam vir de casa... fica tudo pra escola. A escola não anda sozinha né? É difícil.

Segundo Kleiman (2005, p. 52) o “primeiro passo é descobrir quais são as funções da língua escrita no grupo e criar novas e relevantes funções para a inserção plena dos alunos e seu grupo social no mundo da escrita”. Assim, podemos afirmar que essa busca por maior proximidade com a família dos discentes tem o potencial de favorecer a docente na descoberta de práticas de letramento do grupo local.

Essa fala sobre a família foi algo recorrente em quase todas as entrevistas com as docentes, excetuando a Professora Letícia, que consegue até o apoio dos pais na realização de greves. As demais afirmaram se sentirem sozinhas na responsabilidade de educar seus alunos como relatam a seguir:

E me sinto sozinha. Sozinha, que eu digo, não com a escola não, eu tenho uma OP (Orientadora Pedagógica), uma orientadora que olha... Mas eu digo assim, de desleixo dos pais. Desleixo, não sei... Nisso, eu acho que está assim... Superproteção, os pais superprotegem... Isso está em todas as realidades. (Professora Aline)

O que você vê é o retrato do descaso da família se isentar de uma responsabilidade e jogar essa responsabilidade pra escola. (Professora Maria)

A valorização da multiculturalidade pode “ajudar a evitar generalizações” e através da dialogicidade o aluno pode demonstrar “saberes que parecem estar

na contramão das hipóteses, respostas, informações e saberes escolares” (KLEIMAN, 2007, p.19). Certa vez, quando trabalhava com uma turma do ciclo de alfabetização estávamos lendo e conversando sobre um texto que cujo assunto era sobre personagens do Sítio do Picapau Amarelo. Quando os alunos foram questionados se o nome do Sítio aparecia no texto a maioria informou que não, mas que mesmo assim sabiam. Entretanto um aluno leu o texto e apontou o termo posterior à palavra Sítio e quando foi solicitado a justificar essa resposta relatou que o nome vem sempre depois como, por exemplo: Supermercado Guanabara. Essa ilustração contém um leque de possibilidades a serem desenvolvidas com o grupo de alunos que poderiam simplesmente ser tolhidas caso o professor não tivesse desenvolvido a escuta acerca das hipóteses elaboradas por esse aluno. “Daí a pertinência da proposta de ensinar-se, no curso de formação inicial ou continuada, princípios e técnicas para fazer observações participantes e analisar as interações observadas” (KLEIMAN, 2007, p.19).

3.3 Letramento e memória local na prática das professoras alfabetizadoras

Durante as entrevistas as docentes também descreveram como vêm desenvolvendo o letramento considerando a memória local.

Ano passado eu trabalhei com eles... Eu tentei mais dar uma conscientização, porque eu estava trabalhando com o segundo ano, que já eram mais maduros né? Trabalhei mais essa parte de conscientização política. Já trabalhei com eles, o que tem no meu bairro, o que não tem no meu bairro... O que eu posso fazer pra melhorar? Ficou até um pouco exposto aqui fora. Foi isso. Eu trabalhei mais com eles isso, mas assim, a história do bairro, a gente está até trabalhando no nosso projeto esse ano, que a gente vai tentar resgatar... E nós entramos exatamente agora em bairro... na escola. Na verdade, não foi nem na escola, bairro é no próximo semestre... no próximo bimestre. Entramos em escola agora, só que como eu fiquei um mês em greve, agora que eu estou voltando a dar uma engrenada neles, então não entrei de fato no projeto ainda do bimestre. Vou tentar voltar. (Professora Noemi)

Por meio da narrativa da Professora Noemi, é possível verificar que a memória do bairro foi substituída no ano anterior por um trabalho de identificação

do que há ou não no bairro. E no ano da entrevista, a memória local sequer fazia parte da prática pedagógica devido à greve. Também deve ser salientado que, para a docente, o trabalho com foco na conscientização deve ser realizado com turmas maiores, como as do segundo ano, consideradas por ela como mais maduras.

A gente tenta trabalhar com eles no começo do ano, mas tem uns que não conseguem. Aí a gente pede pra casa, o nome do pai, o nome da mãe e não volta. É o que eu falo pra você, é difícil. A gente tem que trabalhar com o que a gente tem, é com eles em sala de aula. Eles por eles. Se a gente pede uma foto pra trabalhar a família, não dá. (Professora Maria)

Quando tem aqui às vezes os projetos, eu trabalho mais... Porque a gente tem uma moradora daqui. Tem uma professora que mora no bairro, aí traz informações, entendeu? Mas quando o ano é assim muito... Que o projeto da escola não é só em cima disso, acaba que passa um pouquinho. Eu confesso que passa... A gente fala das ruas, a gente fala do bairro, mas não tem aquele conhecimento de fazer um trabalho legal, de passear pelo bairro, de mostrar... Não tem. Isso funciona mais quando a escola toda está envolvida porque aí vai todo mundo, entendeu? (Professora Aline)

As falas dessas professoras indicam que o trabalho com aspectos do bairro não é comum, dependendo de algum fator externo como um projeto da escola coordenado por outra pessoa e não pelas docentes. O bairro Jardim Gramacho, assim como outros locais, propicia representações a partir de diferentes perspectivas para as que vivem nele e para as que se utilizam dele de alguma forma. Assim, para as professoras, que somente se deslocam até o local para trabalhar, a representatividade do bairro corresponde apenas a uma condição de espaço porque conforme afirma Tuan “o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor” (1983, p. 6). O Jardim Gramacho, enquanto espaço, pode tornar-se lugar somente “quando o espaço nos é inteiramente familiar” (1983, p. 83). Dessa forma, para as professoras devido à distância, essa familiaridade, que de acordo com Tuan é inerente ao processo de transformação de um espaço em lugar, fica comprometida.

Isso não é algo surpreendente, já que a memória do bairro propagada pela mídia e até na localidade, na maioria das vezes, se limita ao Aterro, como afirma

a Professora Letícia: “porque eu acho que Jardim Gramacho ficou muito restrito a isso aqui (ao Aterro). Como se a vida fosse isso”.

A S (professora da sala de leitura) (...) já me mostrou um livro que ela já tinha feito, que foi com uma história de uma catadora. Na época em que acabou o Aterro, a gente fez, era mãe de aluno... Aí contou a história dela. E aí mostra que depois de quando desativou o Aterro, ela fez um curso de capacitação, fez um curso específico e virou cabeleireira. Aí ela já abriu um salão de beleza, fazendo cabelo... Aí ela tem um livro assim, que ela montou com eles, que era a biografia da mãe de um aluno nosso. Aí ela me mostrou. Aí as crianças já trabalharam isso de alguma forma. (Professora Letícia)

As quatro professoras demonstraram reconhecer a importância da realização de um trabalho pedagógico que valorize o letramento, no entanto o desenvolvimento do projeto contou com muitos obstáculos.

3.4 Elaboração e desenvolvimento do projeto de letramento em diálogo com a memória local

Depois da entrevista inicial com cada uma das professoras, foram realizadas inúmeras conversas com elas através de visitas e também por meio da internet. Nesses momentos, as docentes foram informadas sobre os dados que haviam sido obtidos através das entrevistas com as moradoras. Assim, o projeto de letramento se iniciava por criar uma história infantil contando a história do bairro revelada nas narrativas através de uma personagem.

Se, dando asas à imaginação, a criança contextualiza a história do livro, não haverá limites para o que ela será capaz de fazer quando os saberes a serem adquiridos forem contextualizados em atividades relevantes de estudo e de lazer. (KLEIMAN, 2005, p. 37)

Desde a conversa inicial antes das entrevistas, foi possível notar que a temática se relacionava mais com duas professoras, a Letícia e a Noemi, que demonstravam que o desenvolvimento do projeto seria benéfico para a aprendizagem de seus alunos.

Enquanto a história infantil estava sendo elaborada, perguntamos às professoras sobre a possibilidade da escolha do nome da personagem principal

ser feita pelos alunos de forma democrática, com o objetivo de integrá-los ao enredo que seria contado mais adiante. E todas as professoras afirmaram que seria interessante e aceitaram, porém, passado algum tempo, apenas a Professora Letícia desenvolveu essa atividade. A justificativa das demais professoras foram os problemas enfrentados pelos docentes da rede. Dessa forma, aguardamos mais algum tempo, porém sem sucesso. Mantivemos o nome escolhido pela turma da professora Letícia.

Durante a elaboração da história marcamos encontros de planejamento com cada uma das professoras. Entretanto, esses encontros foram adiados e remarcados diversas vezes e por vários motivos como paralisações, greves, reuniões pedagógicas, mudança de número de telefone, ausência de outras professoras que substituíram as professoras regentes e até por motivo não informado.

Os passos até a concretização do projeto de letramento serão descritos por escola para favorecer o entendimento do trabalho em sua totalidade.

3.4.1 Escola Municipal Jardim Gramacho

Essa foi a única escola em que duas professoras foram entrevistadas e após esse momento inicial foram realizados telefonemas e o envio de mensagens, porém com a Professora Aline os contatos não tiveram êxito e a Professora Maria afirmou em várias ocasiões que a instituição estava passando por um período complicado. Somente um mês depois foi permitida a visita à escola no dia e horário da aula de informática, porém no horário combinado a Professora Aline informou a ausência da professora de informática e por esse motivo o encontro também não seria possível. Já a Professora Maria informou que a diretora orientou que a conversa fosse realizada diretamente com ela e não com as docentes. No diálogo, a diretora esclareceu que as professoras não haviam compreendido a participação e a função delas na pesquisa. Entretanto essa situação foi inusitada e até contraditória, visto que desde antes do momento da entrevista elas já estavam cientes de que seriam colaboradoras, coparticipantes e não apenas entrevistadas, fato que pode ser comprovado por três motivos. O primeiro pela parceria com uma dessas professoras na elaboração da história infantil. O segundo pelo áudio e transcrição das

entrevistas e o último pela assinatura do documento denominado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que expõe que a participação das docentes será por meio da colaboração na construção de um projeto de letramento e memória do Jardim Gramacho. No mesmo dia, ao término da conversa com a gestora, as professoras foram esclarecidas novamente sobre a pesquisa, mas disseram que não tinham nenhuma dúvida referente à participação delas. Posteriormente, a participação da Professora Maria se deu através de mensagens de texto via WhatsApp e novamente nenhum dos contatos tiveram êxito com a Professora Aline.

A Professora Maria informou que achava necessário que fossem entrevistadas algumas funcionárias da escola, que trabalham no mesmo local desde a sua inauguração, para que toda a história da instituição fosse contada. Entretanto, foi informada de que esse não era o público alvo e nem o foco da pesquisa, mas que em outras circunstâncias seria interessante desvelar essa história com afinco, atendo-se aos detalhes vivenciados na instituição durante quase três décadas de existência. Após essa conversa, os contatos com a Professora Maria também não obtiveram sucesso. Dessa forma, o projeto de letramento não foi concretizado pelas Professoras Aline e Maria na Escola Municipal Jardim Gramacho.

3.4.2 Escola Municipal José Medeiros Cabral

Nessa escola foi entrevistada a Professora Noemi, que desde o início mostrou-se muito entusiasmada com a pesquisa, mas teve um ano muito difícil por razão de saúde, como licença médica durante o período gestacional e pós-operatório, participação nas greves e paralisações e também da mudança de turma no início do mês de março. A Professora Noemi iniciou o ano letivo com uma turma do terceiro ano, mas uma turma do primeiro ano estava sem professor, então a docente solicitou à diretora a mudança, que autorizou a mobilidade.

Percebeu-se em Noemi um enorme desejo de avançar na aprendizagem de seus alunos que gerou angústia e, às vezes, frustração por não alcançar todo o seu objetivo. Percebe-se que a docente está sempre buscando tornar suas

aulas mais dinâmicas, entretanto pareceu extenuada diante das tarefas que precisa realizar. No dia da entrevista, quando a docente havia acabado de retornar ao trabalho após uma licença médica, a conversa foi interrompida pela diretora que buscava verificar o andamento do mural e prontamente a Professora Noemi respondeu que já estava colando algumas imagens e que terminaria quando os alunos fossem embora. É interessante destacar que a Professora Noemi reside no município de Itaboraí e se desloca para Duque de Caxias, depois, durante o horário que seria do almoço, se desloca novamente para Niterói onde trabalha e no fim da tarde regressa para sua casa. Dessa forma, devido à distância, no momento em que a aula termina, a Professora Noemi também precisa ir para o seu próximo compromisso. Inclusive em um dos encontros, a Professora Noemi afirmou que, no ano de 2018, pretende pedir demissão da escola em que trabalha em Niterói para dobrar na mesma escola em que trabalha no Jardim Gramacho, reduzindo o trajeto diário, que lhe tem gerado cansaço e estresse.

A Orientadora Educacional da escola também se entusiasmou com a pesquisa, porque sabia que o nome da instituição foi escolhido em homenagem a um antigo morador que pensava ter sido pescador e gostaria de conhecer mais sobre ele.

Foram realizadas várias conversas com a Professora Noemi após a entrevista, entretanto esse contato foi interrompido várias vezes devido às ausências de Noemi, greves, paralisações, problemas de saúde e também pela troca do número de seu telefone, que fez com que o contato só fosse retomado através de uma rede social (Facebook). Por conta desses empecilhos, Noemi demonstrava muita preocupação com a reposição das aulas e o desenvolvimento do projeto de letramento, que de fato foi inviabilizado. A Professora Noemi lamentou e informou desejar realiza-lo no próximo ano.

3.4.3 Escola Municipal Mauro de Castro

A última escola pesquisada é a que trabalha a Professora Letícia, que abraçou o projeto desde o início. Em diversos momentos, a iniciativa dos contatos partiu da Professora Letícia, que compartilhava sugestões e o andamento das atividades.

Em um dos encontros de planejamento, a Professora Letícia informou que o nome da escola em que trabalha também é uma homenagem para um antigo morador do bairro e que há muitos anos um parente dele foi funcionário da instituição. Confirmamos esta informação por meio da edição 21677 de 1963, do Jornal Correio da Manhã, que publicou uma reportagem sobre um acidente entre um trem, dois caminhões e um ônibus no Cais do Porto do Rio de Janeiro, em que um homem chamado Mauro de Castro, morador do Jardim Gramacho, foi ferido. Assim, é possível afirmar que das três escolas municipais do bairro, duas tiveram seus nomes escolhidos em homenagem a antigos moradores da localidade e a outra carrega o nome do próprio bairro.

A história do bairro, contada através da personagem Larissa foi construída em colaboração com as professoras a partir dos relatos das moradoras. Assim, a personagem, que é ficcional, ressignifica essas experiências em um enredo baseado em fatos reais criado a partir de episódios vividos e narrados pelas moradoras.

O projeto de letramento, se iniciou com a escolha do nome da personagem principal da história, sendo Larissa o nome escolhido. As consequências dessa escolha foram maravilhosas, tanto para os alunos quanto para a Professora Letícia, que ficou visivelmente empolgada e ansiosa com o que ainda estava por vir. A turma de Letícia é composta por vinte e quatro alunos, sendo dezesseis meninas e oito meninos. A história elaborada se encontra a seguir:

Quadro 3 – Texto da história “Jardim Gramacho aos olhos de Larissa”.

Jardim Gramacho aos olhos de Larissa

Há muitos anos atrás vivia no Jardim Gramacho uma menina negra chamada Larissa. Naquele tempo o Jardim Gramacho era bem diferente do que é hoje. Ainda não existia o Aterro Metropolitano. Também não havia televisores coloridos nem telefones celulares, porque sequer havia postes de energia elétrica. Era um local com sítios e fazendas, onde as plantações e o pasto escondiam as casinhas humildes dos primeiros loteamentos. A praça Alcir Cavalini era bem diferente. Não existia tanto comércio como tem hoje em dia. Quando a família de Larissa e os vizinhos precisavam comprar pão, cereal ou bebida, iam até a barraca do Seu Cabral.

Larissa morava em uma dessas casinhas na Rua da Jaqueira, onde hoje é a Rua Manaus. O local tinha esse nome pelas grandes árvores que produziam deliciosas jacas manteiga, embora houvesse jacas de todos os tipos. Era um lugar agradável para viver. Larissa, com seus onze anos, não tinha medo de nada. Gostava de brincar com seus irmãos no quintal e de acompanhar o pai nas visitas ao mangue.

Seu maior problema era ir à escola, pois naquela época só existia o Colégio Estadual Álvaro Negromonte, que se chamava Grupo Escolar, e ficava bem longe da casa de Larissa. Antigamente, o único ônibus que existia no bairro era o Cata-corno, mas todos tinham que pagar a passagem porque o transporte não era gratuito para os alunos das escolas públicas como é hoje. Então Larissa precisava andar pelos caminhos e ruas do bairro, sob o sol e a chuva, por mais de 20 minutos até chegar à escola. Pouco tempo depois, foi inaugurada mais uma escola: o Colégio Estadual Lara Vilela.

Quando chegava o final de semana, os pais, as mães e as crianças, que eram pequenas, iam passar o dia no Porto. O Porto era uma lagoa de água bem limpa. Era muito legal. Não tinha poluição, nem a própria Baía de Guanabara era tão poluída. Então podia-se até tomar banho. Era um lugar muito lindo. Os pais ficavam pescando lá e as crianças ficavam tomando banho num rio de água salgada. Larissa sempre ia para o Porto com a família. Um dia Larissa resolveu ir ao Porto com uma coleguinha chamada Maria e não contou para ninguém. Quando ela estava se preparando para tomar banho: “Pum!” Maria a empurrou dentro da água. O problema era que Larissa não sabia nadar e bebeu muita água, mas ela jurou que nunca mais ia sair escondido da sua família.

Larissa gostava de passar as tardes com os irmãos e os amigos. Eles sempre brincavam no mangue ou nas lagoas que se formavam quando a maré subia. No mangue tinha muitos animais como siri, peixe, rã e até cobra, mas Larissa adorava mesmo era pegar catanhanha. Pegar catanhanha era muito fácil. Era só enfiar a mão dentro do buraco, mas quando ela agarrava no dedo doía muito. Mas Larissa era muito esperta e logo aprendeu que bastava encostar a mão na lama que a catanhanha soltava.

Larissa e os irmãos costumavam capturar rãs para levar para casa e comer no almoço. A carne de rã é muito gostosa! Mas havia um animal que também adorava rã: era a cobra. E, muitas vezes, eles tomavam corrida de cobra. Estavam pescando

e aí vinha aquela cobra para tentar pegar a rã. E aí, quando pegavam a rã, para testar e ver se a cobra não tinha picado, eles pegavam essas vassouras de piaçava, que tem aqueles fiapinhos, e enfiavam na rã. Se ela tremesse é porque a cobra tinha mordido, mas se não tremesse é porque não tinha não. E assim, eles iam aprendendo muitas coisas.

Quando Larissa cresceu, os políticos decidiram que o Jardim Gramacho era o lugar perfeito para um Aterro Sanitário. Eles disseram que seria maravilhoso para o bairro e o Aterro foi instalado onde era o Porto que Larissa adorava tomar banho. E quando asphaltaram a Avenida Monte Castelo, a família de Larissa e os vizinhos ficaram muito felizes porque pensavam que era o progresso para o Jardim Gramacho, mas isso não era verdade. O asfalto não era para os moradores, era para transportar o lixo! Larissa ficou muito triste porque já não podia mais tomar banho no Porto. E com o lixo vieram doenças e a violência.

Naquele tempo, os irmãos mais novos de Larissa estudavam no Colégio Estadual Lara Vilela, mas não tinha vaga para todas as crianças. Larissa cresceu e se tornou professora. Um dos seus primeiros empregos foi na escolinha que funcionava dentro da Comunidade Católica Nossa Senhora da Penha. Mas era muito difícil porque todos os dias tinha que ser feito um trabalho enorme de transformar a igreja em escola e depois quando as aulas acabavam a escola tinha que voltar a ser igreja. Então, a Igreja e a Associação de Moradores, que lutavam pela educação de todas as crianças do bairro, pediram à Prefeitura um lugar adequado para as crianças e conseguiram. Algum tempo depois, foi inaugurado o prédio que hoje abriga a Escola Municipal Jardim Gramacho. As crianças adoravam a escola e a parte que eles mais gostavam era a merenda. Depois foram inauguradas mais duas escolas públicas: A Escola Municipal Mauro de Castro e a Escola Municipal José Medeiros Cabral. O nome de uma das escolas foi escolhido para homenagear Seu Cabral, morador do bairro, que por muitos anos trabalhou em sua barraca.

Larissa também decidiu colaborar com o Conselho Municipal de Meio Ambiente reivindicando melhorias para o bairro e junto com os catadores começou um projeto de coleta seletiva. Larissa tem no seu coração um bairro muito lindo e limpinho. Apesar de todos os problemas, ela nunca deixou de amar o bairro e nunca o abandonou. Larissa costuma dizer que o mangue é o nosso pulmão e por isso é

importante cuidar dele. Ela faz de tudo para transformar o bairro e você, o que gostaria de fazer?

Fonte: elaborado pela autora.

No momento da leitura, já havia uma identificação das crianças com a Larissa e foi ampliada por uma empatia pela personagem. Os alunos ficaram muito surpresos com a descoberta de que no bairro havia um lugar tão bonito quanto o relatado na história. Eles também conversaram com suas famílias e retornavam para as aulas relatando o que haviam aprendido como, por exemplo, o local exato onde era a Barraca do Seu Cabral, que na história não é especificado porque, na época, não havia outros pontos de referência.

Letícia pretendia dispor de dois a três dias para a contação da história e também criar um livrinho a partir de uma situação vivenciada pela personagem. A partir da experiência de Larissa que foi ao Porto sem avisar a mãe, Letícia propôs que cada criança compartilhasse o que fez sem contar a ninguém. Sua intenção era que depois escrevessem uma história e ilustrassem. A docente também sugeriu desenvolver o projeto através da releitura com a elaboração de um blocão no tamanho A3, com atividades diversificadas como dobradura, pinturas com tinta guaxe e ilustrações.

Entretanto, o projeto de letramento ocorreu de forma diferente devido às interrupções nas aulas. Assim, com pouco tempo disponível para as atividades, já que estava próximo ao término do ano letivo e com muitas atividades burocráticas como sondagem de leitura e escrita dos alunos, elaboração dos relatórios descritivos e encerramento do diário escolar, Letícia precisou flexionar o planejamento. Dessa forma, a leitura da história foi realizada em um dia, sendo interrompida em alguns momentos para discussão e explicação dos detalhes presentes no texto. Esse momento foi muito rico porque a docente realmente desenvolveu um trabalho em parceria, tendo em vista que os encontros eram diálogos de fato, com questionamentos, sugestões e leituras. Nos dias subsequentes à leitura, a história da Larissa continuava pulsando nas aulas por meio das contribuições que as crianças traziam através de suas falas.

A Professora Letícia solicitou aos alunos que desenhassem a história da forma como a estavam compreendendo, proporcionando liberdade e criatividade. Então, Letícia lia um parágrafo da história para favorecer a

compreensão. Terminada essa etapa, a docente analisou as produções da turma e selecionou os alunos para recriá-las nas páginas de um livrinho impresso. Cada página desse livrinho corresponde a metade de uma folha A4, dividida em duas partes com um parágrafo da história. Nesse momento, Letícia desenvolvia atividades diversificadas na sala. Enquanto um grupo de cerca de cinco crianças estava ilustrando o livrinho, as demais estavam empenhadas em outras tarefas. Quando os alunos terminavam de desenhar, a docente cobriu com “uma caneta preta, só pra dar um realce. Se não ia ficar muito no lápis” (Professora Letícia).

Essa ilustração foi planejada para ser iniciada com a leitura de cada parágrafo novamente, entretanto Letícia se surpreendeu porque foi interrompida pelos alunos informando que não era necessário porque já sabiam sobre o que era e seguiam explicando do que se tratava. Letícia contou aos alunos sobre a importância do ilustrador em um livro, esclarecendo se tratar de uma profissão, fato que era desconhecido por eles. Dessa forma, as crianças entenderam que a ilustração de um texto também é um texto, porém exposto de maneira diferente. A turma falou e demonstrou orgulho pelo trabalho desenvolvido e ao término apontou o desejo de expor o livrinho na sala de leitura da escola, para que todos pudessem ler e conhecer a história do bairro Jardim Gramacho.

A Professora Letícia, para facilitar o desenvolvimento da atividade, subdividiu os parágrafos da história, transformando-os em quarenta, sendo um por página e cada um com uma ilustração. A seguir temos essa subdivisão com as ilustrações elaboradas pelos alunos:

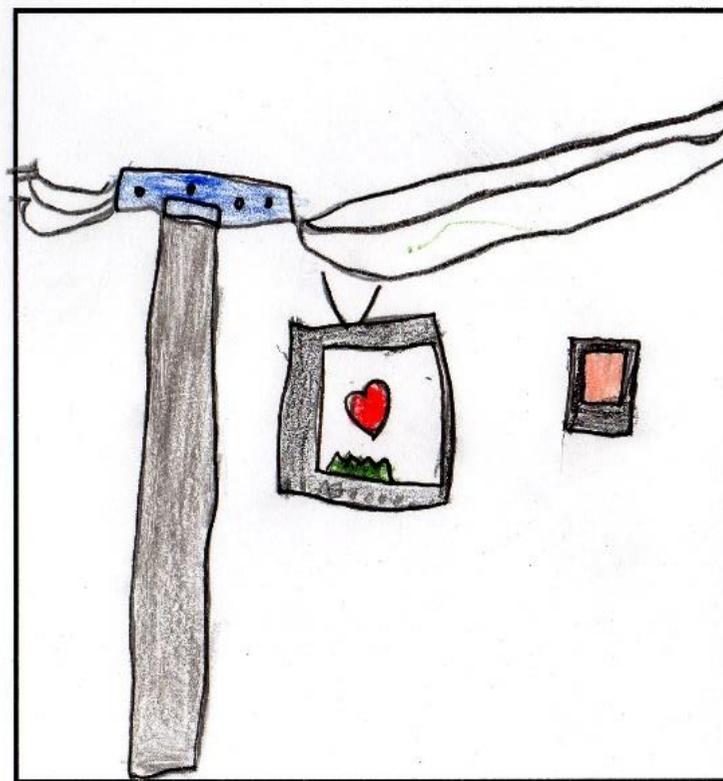
HÁ MUITOS ANOS ATRÁS VIVIA NO
JARDIM GRAMACHO UMA MENINA
NEGRA CHAMADA LARISSA.



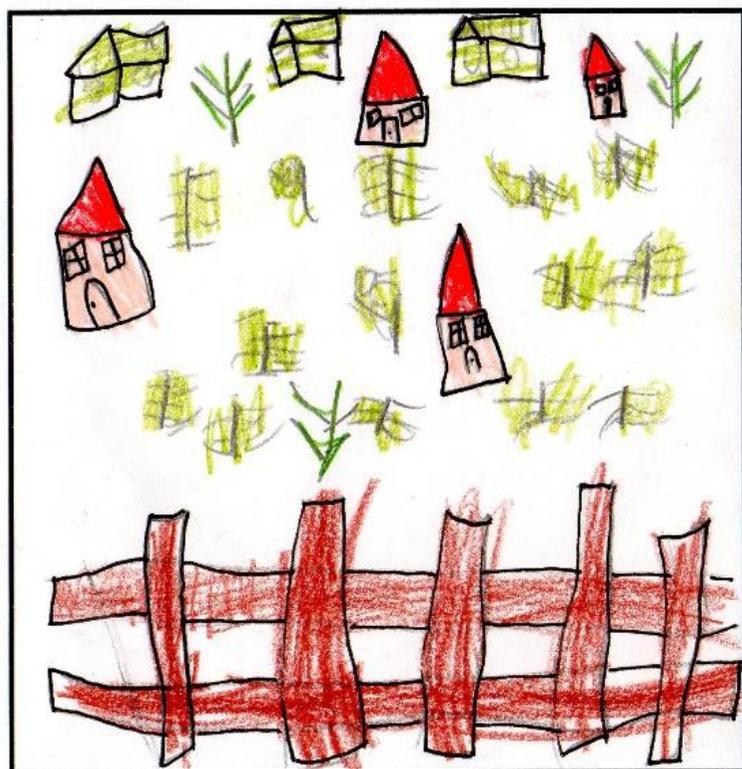
NAQUELE TEMPO O JARDIM
GRAMACHO ERA BEM DIFERENTE
DO QUE É HOJE. AINDA NÃO EXISTIA
O ATERRO METROPOLITANO.



TAMBÉM NÃO EXISTIAM
TELEVISORES COLORIDOS NEM
TELEFONES CELULARES PORQUE
SEQUER HAVIAM POSTES DE
ENERGIA ELÉTRICA.



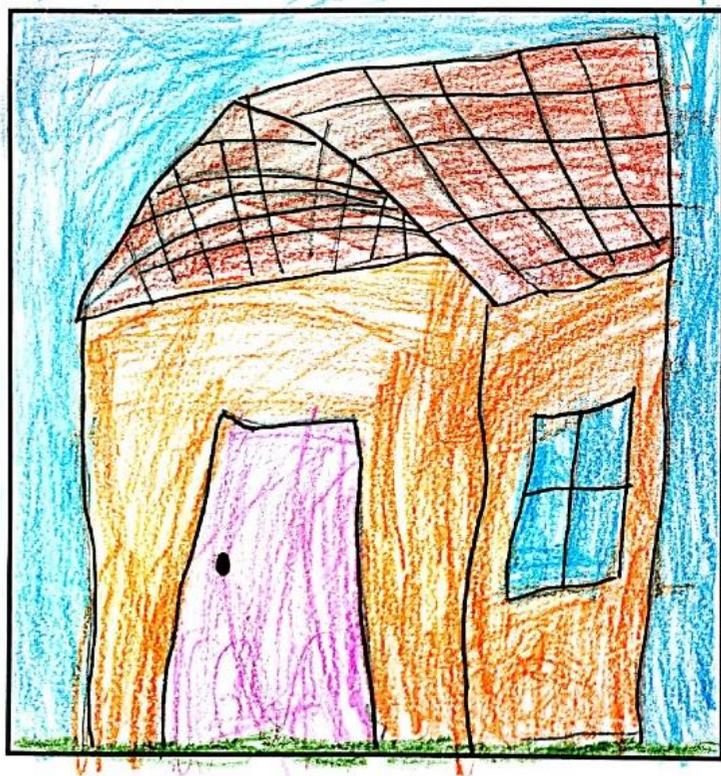
ERA UM LOCAL COM SÍTIOS E FAZENDAS, ONDE AS PLANTAÇÕES E O PASTO ESCONDIAM AS CASINHAS HUMILDES DOS PRIMEIROS LOTEAMENTOS.



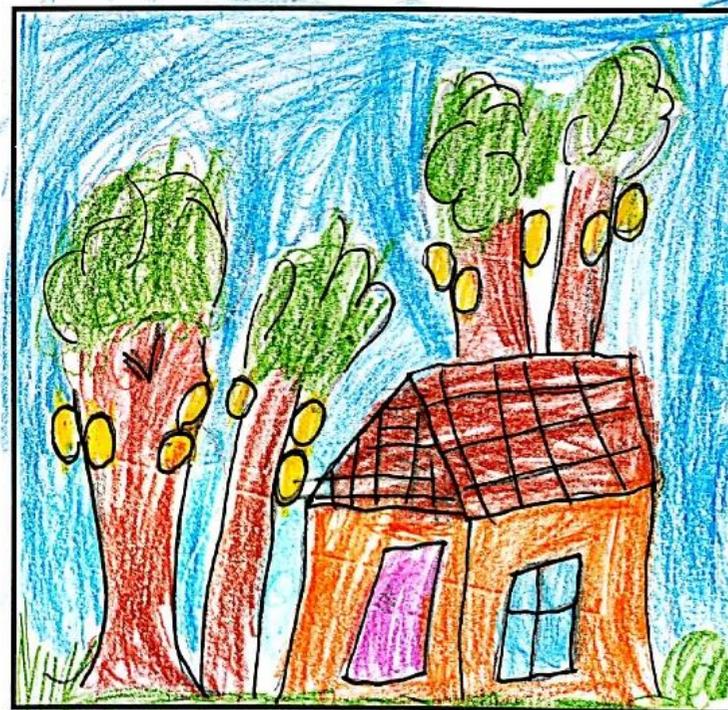
A PRAÇA ALCIR CAVALINI ERA BEM DIFERENTE. NÃO EXISTIA TANTO COMÉRCIO COMO TEM HOJE EM DIA E POR ISSO QUANDO A FAMÍLIA DE LARISSA E OS VIZINHOS PRECISAVAM COMPRAR PÃO, CEREAL OU BEBIDA IAM ATÉ A BARRACA DO SEU CABRAL.



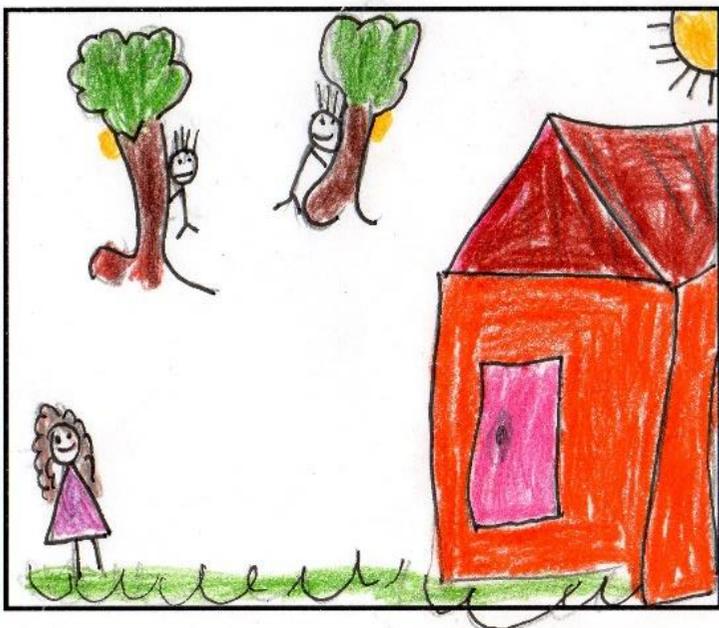
LARISSA MORAVA EM UMA DESSAS CASINHAS NA RUA DA JAQUEIRA, ONDE HOJE É A RUA MANAUS.



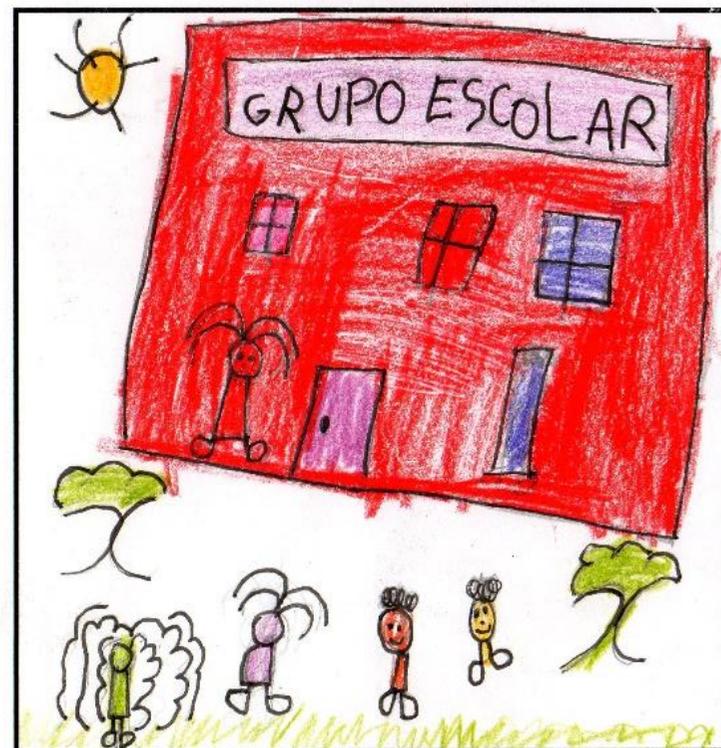
O LOCAL TINHA ESSE NOME PELAS GRANDES ÁRVORES QUE PRODUZIAM DELICIOSAS JACAS MANTEIGA, EMBORA HOUVESSE JACAS DE TODOS OS TIPOS.



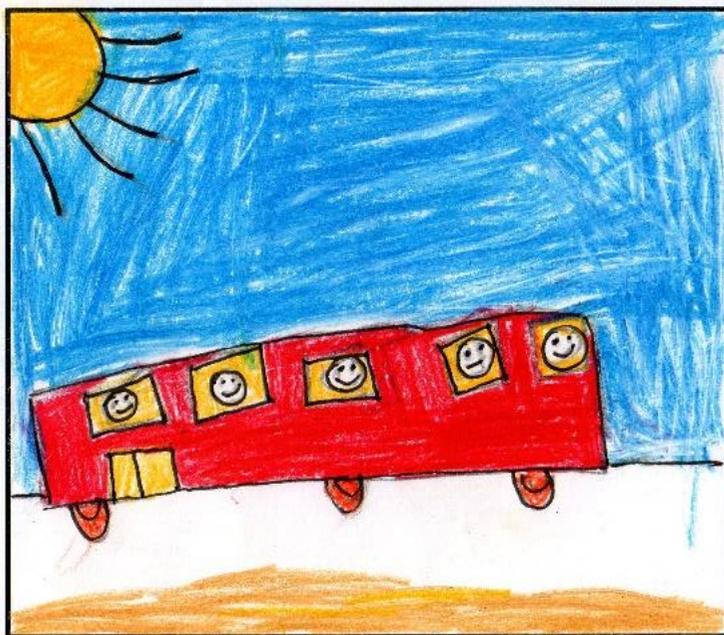
ERA UM LUGAR AGRADÁVEL PARA VIVER. LARISSA, COM SEUS ONZE ANOS, NÃO TINHA MEDO DE NADA. GOSTAVA DE BRINCAR COM SEUS IRMÃOS NO QUINTAL E DE ACOMPANHAR O PAI NAS VISITAS AO MANGUE.



SEU MAIOR PROBLEMA ERA IR À ESCOLA, POIS NAQUELA ÉPOCA SÓ EXISTIA O COLÉGIO ESTADUAL ÁLVARO NEGROMONTE, QUE SE CHAMAVA GRUPO ESCOLAR, E FICAVA BEM LONGE DA CASA DE LARISSA.



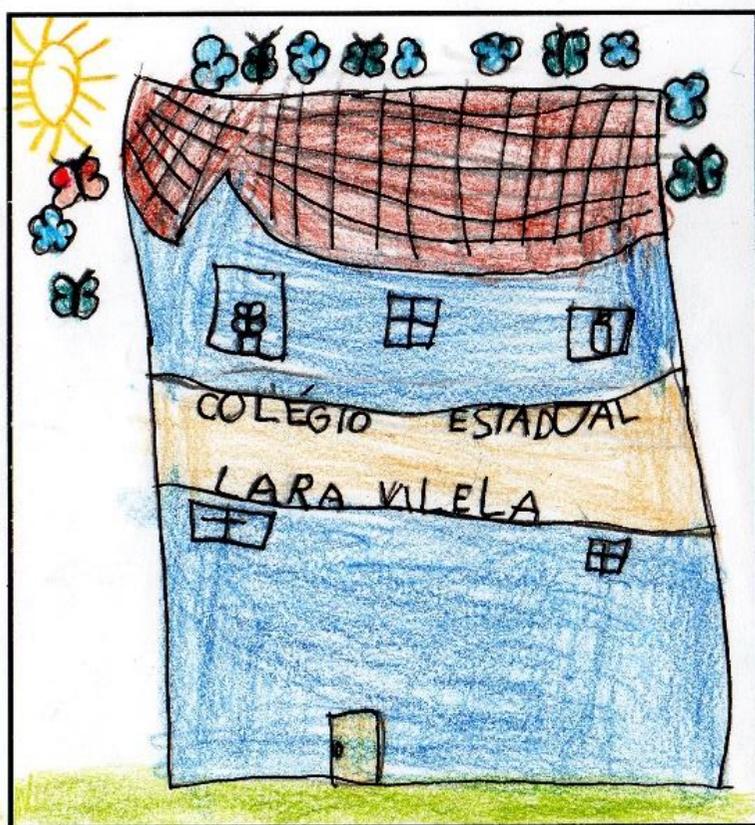
ANTIGAMENTE, O ÚNICO ÔNIBUS QUE EXISTIA NO BAIRRO ERA O CATA-CORNO, MAS TODOS TINHAM QUE PAGAR A PASSAGEM PORQUE O TRANSPORTE NÃO ERA GRATUITO PARA OS ALUNOS DAS ESCOLAS PÚBLICAS COMO É HOJE.



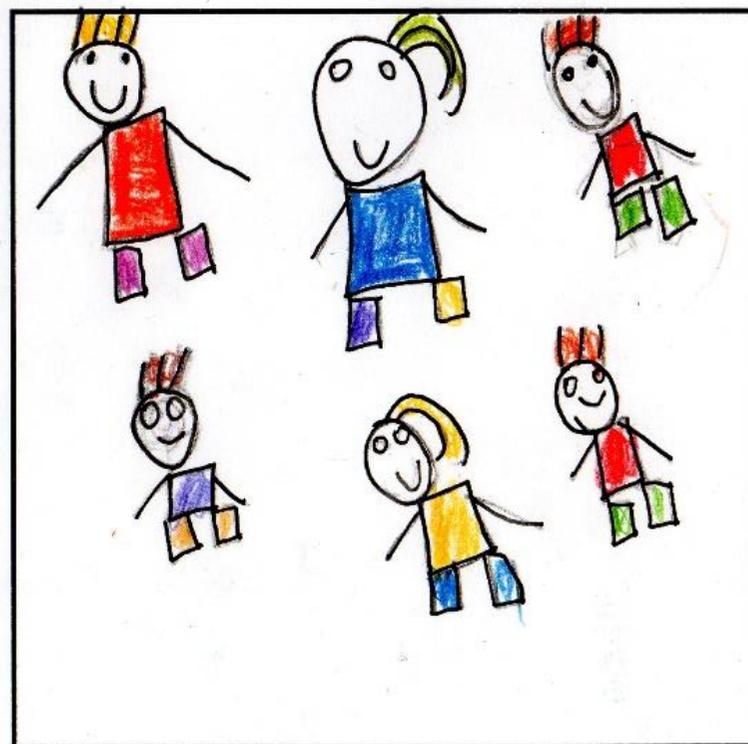
ENTÃO LARISSA PRECISAVA ANDAR PELOS CAMINHOS E RUAS DO BAIRRO, SOB O SOL E A CHUVA, POR MAIS DE 20 MINUTOS ATÉ CHEGAR À ESCOLA.



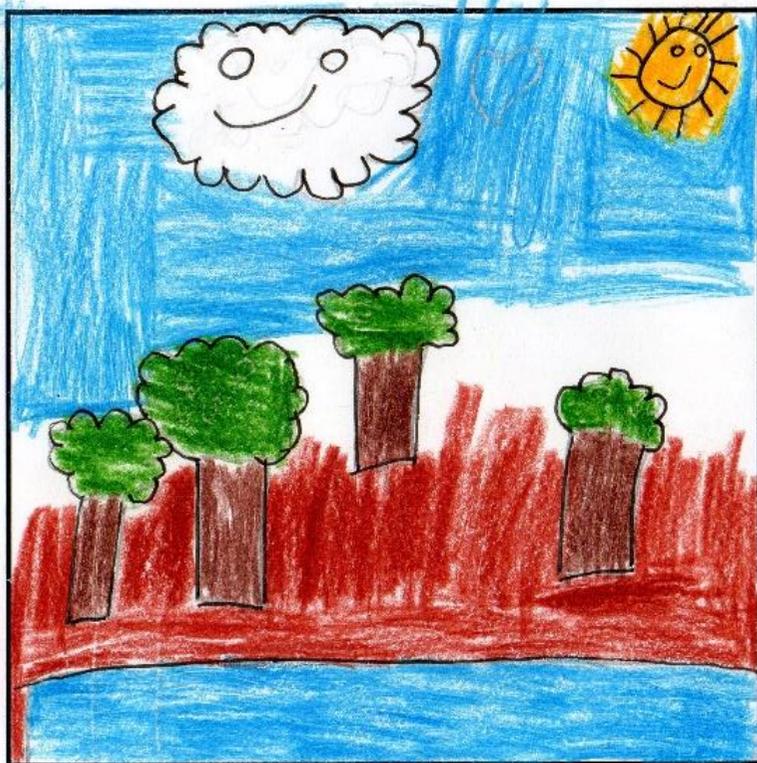
POUCO TEMPO DEPOIS, FOI
INAUGURADA MAIS UMA ESCOLA: O
COLÉGIO ESTADUAL LARA VILELA.



QUANDO CHEGAVA O FINAL DE
SEMANA, JUNTAVAM OS PAIS, AS
MÃES, E AS CRIANÇAS, QUE ERAM
TODOS PEQUENININHOS E IAM
PASSAR O DIA NO PORTO.



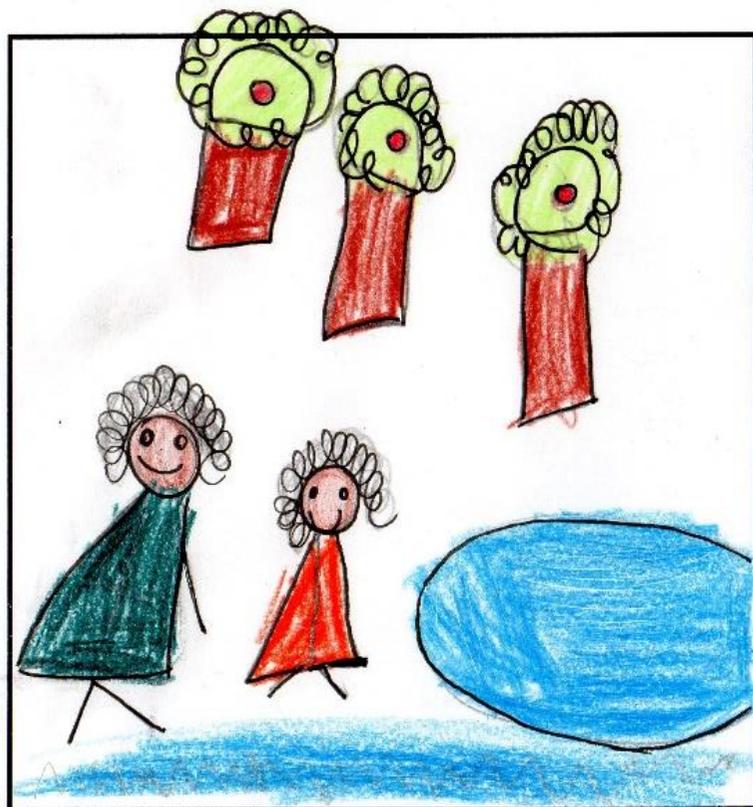
O PORTO ERA UMA LAGOA DE ÁGUA BEM LIMPA. ERA MUITO LEGAL. NÃO TINHA POLUIÇÃO, NEM A PRÓPRIA BAIJA DE GUANABARA ERA TÃO POLUÍDA.



ENTÃO PODIA ATÉ TOMAR BANHO. ERA UM LUGAR MUITO LINDO. OS PAIS FICAVAM PESCANDO LÁ E AS CRIANÇAS FICAVAM TOMANDO BANHO NUM RIO DE ÁGUA SALGADA.



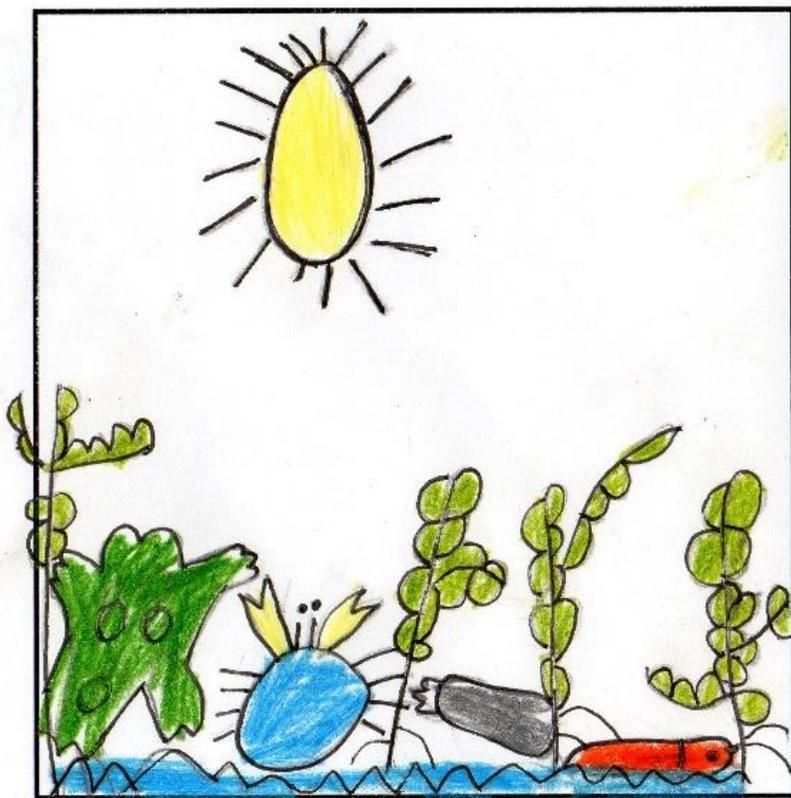
LARISSA SEMPRE IA PARA O PORTO COM A FAMÍLIA. UM DIA LARISSA RESOLVEU IR AO PORTO COM UMA COLEGUINHA CHAMADA MARIA E NÃO CONTOU PARA NINGUÉM.



QUANDO ELA ESTAVA SE PREPARANDO PARA TOMAR BANHO “PUM”. MARIA A EMPURROU DENTRO DA ÁGUA.



NO MANGUE TINHA MUITOS ANIMAIS COMO SIRI, PEIXE, RÃ E ATÉ COBRA, MAS LARISSA ADORAVA MESMO ERA PEGAR CATANHANHA.



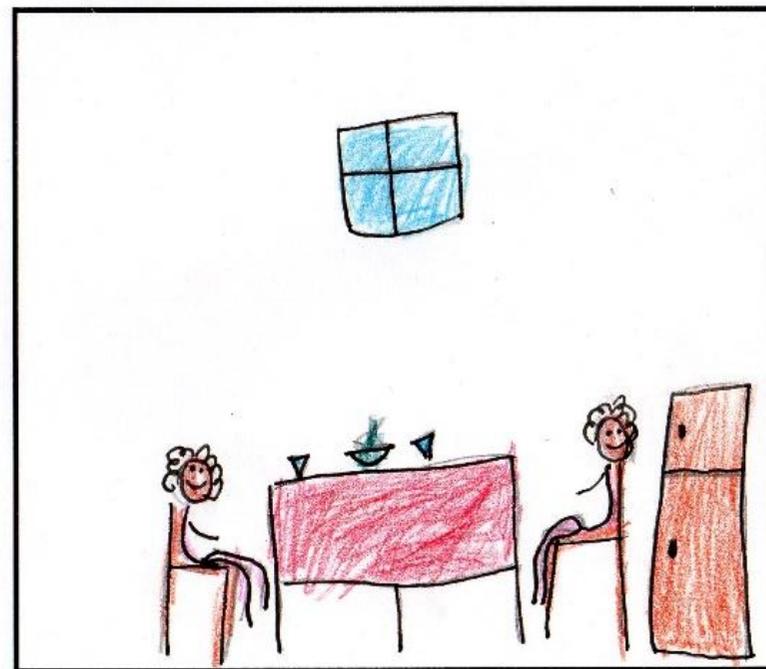
PEGAR CATANHANHA ERA MUITO FÁCIL. ERA SÓ ENFIAR A MÃO DENTRO DO BURACO, MAS QUANDO ELA AGARRAVA NO DEDO DOÍÁ MUITO.



MAS LARISSA ERA MUITO ESPERTA E LOGO APRENDEU QUE BASTAVA ENCOSTAR A MÃO NA LAMA QUE A CATANHANHA SOLTAVA.



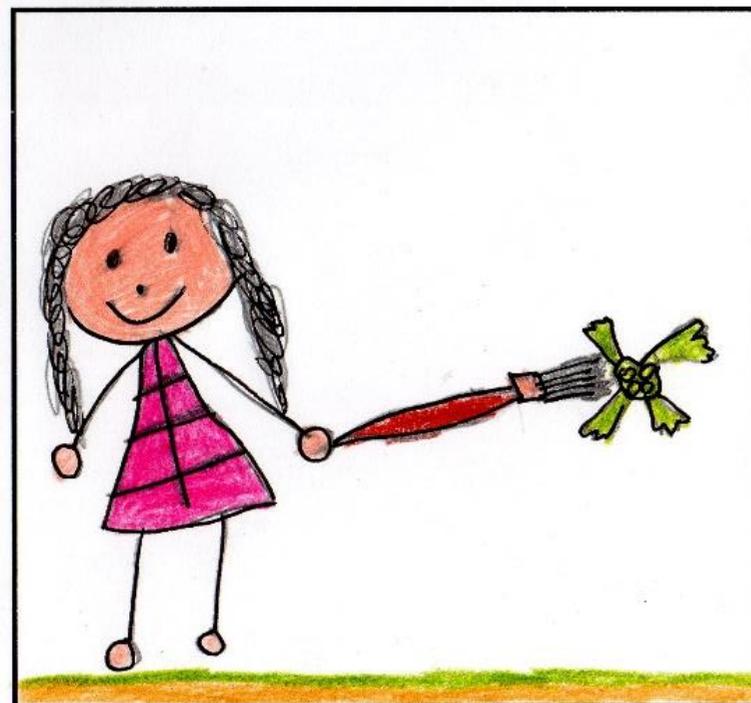
LARISSA E OS IRMÃOS COSTUMAVAM CAPTURAR RÃS PARA LEVAR PARA CASA E COMER NO ALMOÇO. A CARNE DE RÃ É MUITO GOSTOSA! MAS HAVIA UM ANIMAL QUE TAMBÉM ADORAVA RÃ: ERA A COBRA.



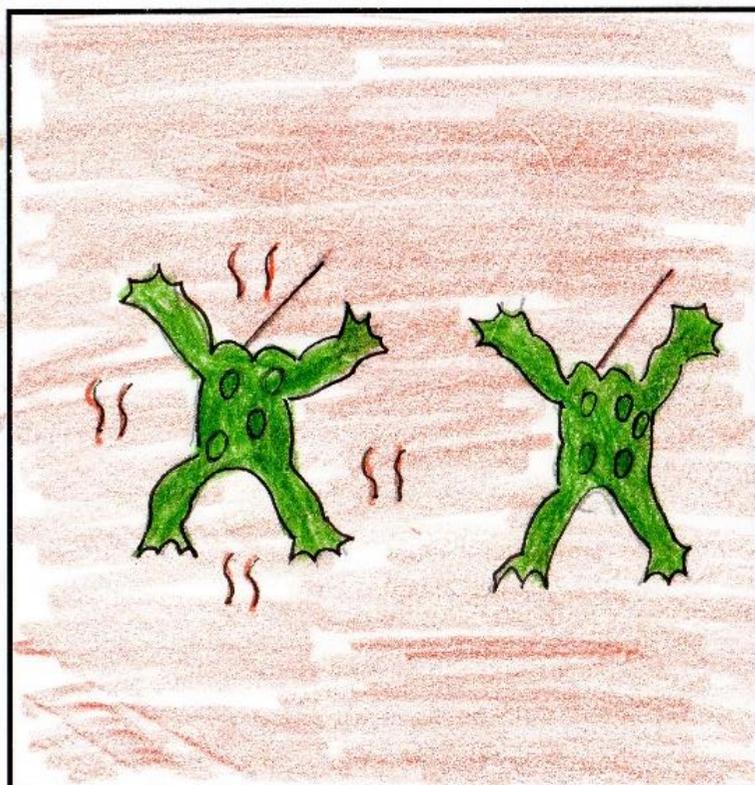
E, MUITAS VEZES, ELES TOMAVAM CORRIDA DE COBRA. ESTAVAM PESCANDO E AÍ VINHA AQUELA COBRA PARA TENTAR PEGAR A RÃ.



E AÍ, QUANDO PEGAVAM A RÃ, PARA TESTAR E VER SE A COBRA NÃO TINHA PICADO, ELES PEGAVAM ESSAS VASSOURAS DE PIAÇAVA, QUE TEM AQUELES FIAPINHOS, E ENFIAVAM NA RÃ.



SE ELA TREMESSE É PORQUE A COBRA TINHA MORDIDO, MAS SE NÃO TREMESSE É PORQUE NÃO TINHA NÃO. E ASSIM, ELES IAM APRENDENDO MUITAS COISAS.



QUANDO LARISSA CRESCEU, OS POLÍTICOS DECIDIRAM QUE O JARDIM GRAMACHO ERA O LUGAR PERFEITO PARA UM ATERRO SANITÁRIO.



ELES DISSERAM QUE SERIA MARAVILHOSO PARA O BAIRRO E O ATERRO FOI INSTALADO ONDE ERA O PORTO QUE LARISSA ADORAVA TOMAR BANHO.



E QUANDO ASFALTARAM A AVENIDA MONTE CASTELO, A FAMÍLIA DE LARISSA E OS VIZINHOS FICARAM MUITO FELIZES PORQUE PENSAVAM QUE ERA O PROGRESSO PARA O JARDIM GRAMACHO, MAS ISSO NÃO ERA VERDADE.



O ASFALTO NÃO ERA PARA OS MORADORES, ERA PARA TRANSPORTAR O LIXO! LARISSA FICOU MUITO TRISTE PORQUE JÁ NÃO PODIA MAIS TOMAR BANHO NO PORTO. E COM O LIXO VIERAM DOENÇAS E A VIOLÊNCIA.



NAQUELE TEMPO, OS IRMÃOS MAIS NOVOS DE LARISSA ESTUDAVAM NO COLÉGIO ESTADUAL LARA VILELA, MAS NÃO TINHA VAGA PARA TODAS AS CRIANÇAS.

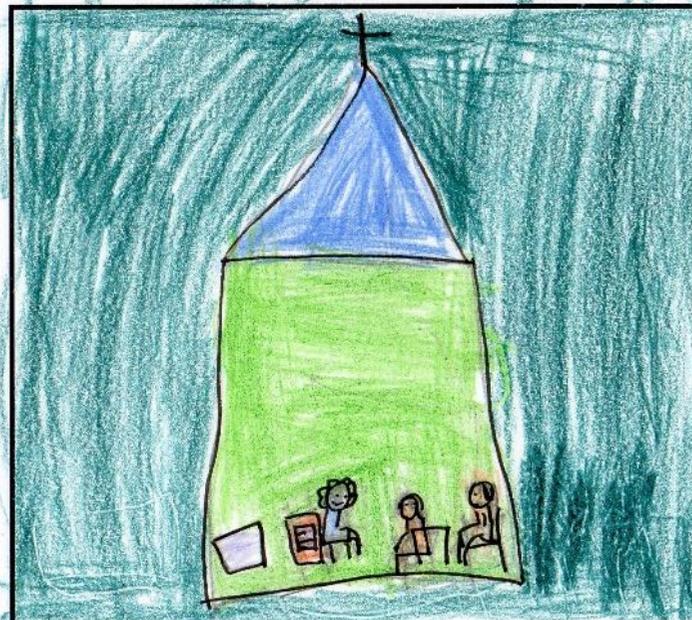


LARISSA CRESCEU E SE TORNOU PROFESSORA. UM DOS SEUS PRIMEIROS EMPREGOS FOI NA ESCOLINHA COMUNITÁRIA QUE FUNCIONAVA DENTRO DA COMUNIDADE CATÓLICA NOSSA SENHORA DA PENHA.



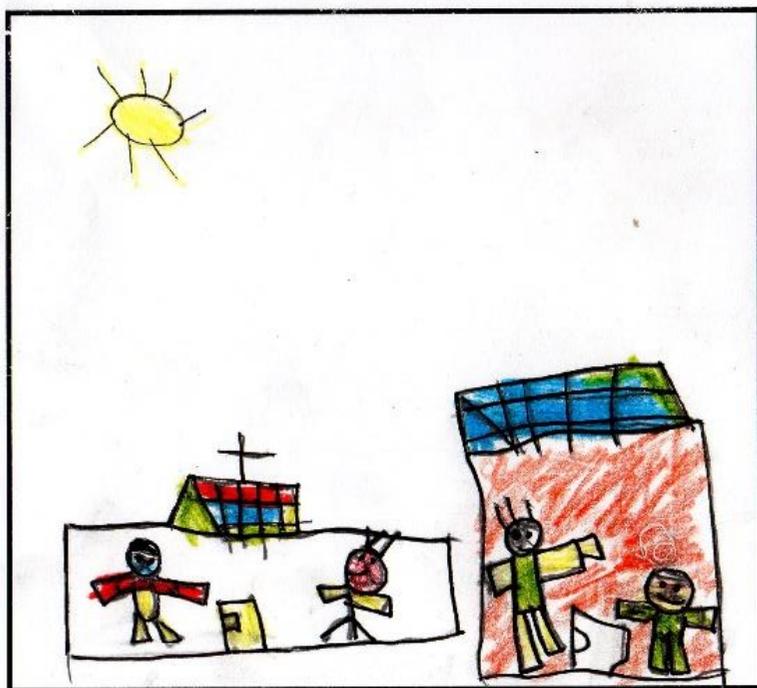
32

MAS ERA MUITO DIFÍCIL PORQUE TODOS OS DIAS TINHA QUE SER FEITO UM TRABALHO ENORME DE TRANSFORMAR A IGREJA EM ESCOLA E DEPOIS QUANDO AS AULAS ACABAVAM A ESCOLA TINHA QUE VOLTAR A SER IGREJA.

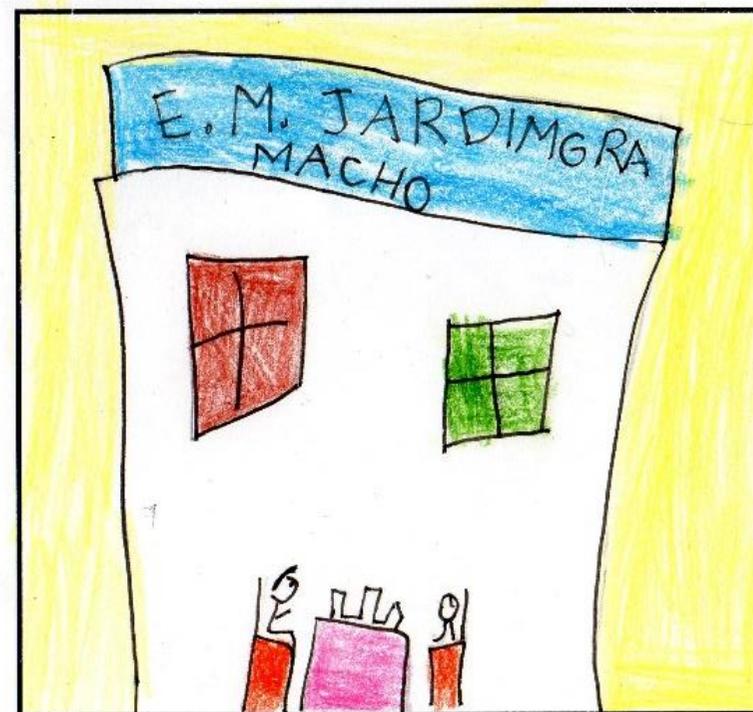


33

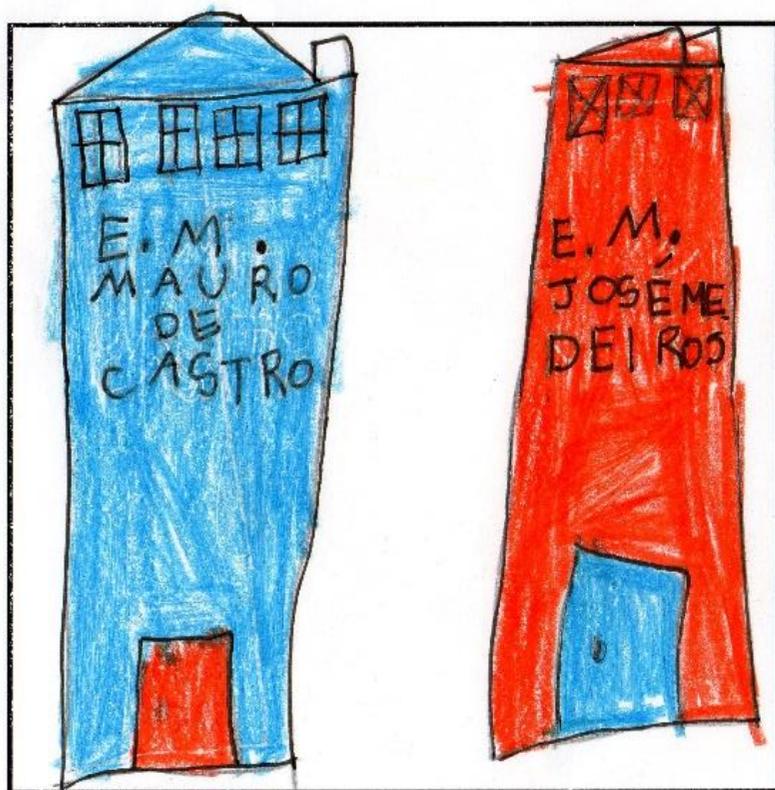
ENTÃO, A IGREJA E A ASSOCIAÇÃO DE MORADORES, QUE LUTAVAM PELA EDUCAÇÃO DE TODAS AS CRIANÇAS DO BAIRRO, PEDIRAM À PREFEITURA UM LUGAR ADEQUADO PARA AS CRIANÇAS E CONSEGUIRAM.



ALGUM TEMPO DEPOIS, FOI INAUGURADO O PRÉDIO DA ESCOLA MUNICIPAL JARDIM GRAMACHO. AS CRIANÇAS ADORAVAM A ESCOLA E A PARTE QUE ELES MAIS GOSTAVAM ERA A MERENDA.



DEPOIS FORAM INAUGURADAS
MAIS DUAS ESCOLAS PÚBLICAS: A
ESCOLA MUNICIPAL MAURO DE
CASTRO E A ESCOLA MUNICIPAL
JOSÉ MEDEIROS CABRAL.



O NOME DE UMA DAS ESCOLAS FOI
ESCOLHIDO PARA HOMENAGEAR
SEU CABRAL, MORADOR DO
BAIRRO, QUE POR MUITOS ANOS
TRABALHOU EM SUA BARRACA.



LARISSA TAMBÉM DECIDIU COLABORAR COM O CONSELHO MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE REIVINDICANDO MELHORIAS PARA O BAIRRO E JUNTO COM OS CATADORES E COMEÇOU UM PROCESSO DE COLETA SELETIVA.



LARISSA TEM NO SEU CORAÇÃO UM BAIRRO MUITO LINDO E LIMPINHO. APESAR DE TODOS OS PROBLEMAS, ELA NUNCA DEIXOU DE AMAR O BAIRRO E NUNCA O ABANDONOU.



LARISSA COSTUMA DIZER QUE O MANGUE É O NOSSO PULMÃO E POR ISSO É IMPORTANTE CUIDAR DELE. ELA FAZ DE TUDO PARA TRANSFORMAR O BAIRRO E VOCÊ, O QUE PODE FAZER?



Após a finalização do projeto de letramento, ocorreu mais um encontro com a Professora Letícia, uma segunda entrevista, momento em que a docente pôde falar sobre suas impressões. Letícia demonstrou muita satisfação com o trabalho realizado, tendo em vista o salto cognitivo dos alunos. Agora deseja desenvolver a história do bairro como um projeto da escola e não apenas de sua turma. Na entrevista inicial, a Professora Letícia já havia afirmado esse desejo, que foi ratificado após o projeto de letramento e que também é compartilhado por seus alunos.

A faixa etária dos alunos da Professora Letícia é de seis a sete anos, portanto, nascidos próximos ao encerramento das atividades do Aterro Metropolitano. Só conheciam a realidade atual do bairro e informaram que nunca tinham ouvido falar sobre o que descobriram com a história da Larissa e sequer imaginavam que existiu um lugar tão bonito na localidade. Fizeram muitas indagações, que foram relatadas pela docente:

Tia, eu perguntei a minha mãe, onde era essa Rua Manaus, ela falou que é lá trás de não sei de onde..." Aí eu falei: "Então, é lá mesmo que aconteceu isso tudo". Do Seu Cabral, eles falaram muito... "Tia, eu sei onde que é!" Eu falei assim: "Pois é, antigamente não tinha nada". Aí, um que é esperto toda a vida, falou assim: "Tia, só tinha a barraca do Seu Cabral, né? As pessoas compravam as coisas lá, todo mundo..." Eu falei: "É, não tinha mercadinho, não tinha lojinha, não tinha açougue, não tinha nada, era só a barraca do Seu Cabral. Aí ele: "Ah é, eu sei onde que é, agora está cheio de coisas né?" Eu falei: "Pois é!" É uma coisa que assim, sem perceber, mexeu bastante com eles. A questão do mangue, de como aquilo ali... Do Aterro... De quando eu falei assim: "O asfalto chegou e as pessoas pensaram que fosse uma coisa boa para o bairro, mas na verdade era pra carregar o lixo". Eles ficaram chateados. Aí quando falou que ela não tinha mais o porto pra ir... Nossa... Ficaram chateadíssimos. Porque não tinha mais o porto...

A Professora Letícia apontou para a importância da reflexão dos alunos sobre o bairro:

Eu não diria nem que não conheciam a história do bairro, mas eu acho que eles não tinham esse olhar, eles não se viam. Eu acho que isso trouxe muito a eles se enxergarem. Olhar mesmo, porque talvez eles olhassem e não vissem né? "Ah! O meu bairro é assim..." Então, trouxe alguma percepção, que talvez eles não tivessem aquilo aguçado. Estavam vendo aquilo todo dia, mas

não tem... Não pensa, não reflete sobre aquilo. Então eu acho que isso aqui trouxe um pouco de uma reflexão de mudanças, de como as coisas mudam, pode ser pra melhor, ou para pior. Eu falei das escolas: "Gente! Não tinha escola, as crianças pra estudar tinham que ir pra muito longe, não tinha o ônibus de graça. Hoje vocês não pagam passagem, quem mora longe pode pegar o Rio Card pra você poder... Então não tinha... Como é que as crianças pagavam a passagem todo dia? Tinha dinheiro? Não tinha". Então isso trouxe um aguçamento nessa visão reflexiva deles, de ver, de enxergar as coisas de uma forma diferente.

De acordo com Letícia, o projeto de letramento proporcionou aos alunos a reflexão sobre o local em que moram e não apenas um conhecimento maior. Porém, é preciso salientar que a docente despertou a curiosidade e o interesse dos alunos para a compreensão da história.

Mas eu acho que foi um trabalho de olhar mesmo né? De olhar pra onde a gente quer ir, né? Eu acho que ela se tornar professora, eu acho que isso trouxe muita reflexão pra eles. Porque muitas vezes você pergunta: "O que você quer ser quando você crescer?" Tem muito... Agora nem tanto, mas eles falavam muito: "Ah! Eu quero trabalhar na Rampa!" Antigamente você falava: "Ah! Eu quero ser lava-jato!". Então, eles não tinham aquela coisa de que eu posso ser o que eu quiser. Então eu acho que traz... A Larissa que morava aqui, que o pai pegava catanhanha, que ela conseguiu... Ela foi professora, ela se tornou professora. Não que a professora seja uma profissão melhor do que as outras, mas assim, é diferente do que eles almejavam. Então assim, eu acho que traz uma perspectiva, um olhar diferente pra eles. As possibilidades de sonhos, de mudar, de transformar... Eu acho que a história fala um pouco disso também. Quando percebe a luta dela, de que... A gente precisa... A questão da reciclagem, a questão de precisar de mais escolas pro bairro, a luta... Eles falaram da igreja: "Tia, ela tinha que montar e desmontar não é tia?" Eu falei assim: "Pois é, imagina o trabalho? Então, ela queria muito que as crianças estudassem né? Porque ela tinha que montar a escola, depois tinha que virar igreja de novo pra ter..." Aí eles falavam: "É, né tia?" Eu falei assim: "Então, como é que o estudo é importante, e todas as crianças estarem na escola.

A afirmação de Letícia, ao final de todas as atividades desenvolvidas, desperta a atenção por ir ao encontro de uma das motivações para o desenvolvimento da pesquisa, que consistia em apresentar um outro olhar sobre o Jardim Gramacho e, com isso possibilitou aos alunos despertarem um outro olhar sobre si mesmos.

4 DESDOBRAMENTO DO PROJETO DE LETRAMENTO

Durante a primeira reunião pedagógica ocorrida no início de 2018, a memória local foi escolhida como o tema do projeto anual da Escola Municipal Mauro de Castro e denominado “Jardim Gramacho: resgatando o passado e transformando o presente” e desenvolvido com todas as turmas do 1º ao 5º ano do ensino fundamental. Cada professor teve autonomia no decorrer do projeto, decidindo junto com os alunos quais atividades desenvolver. O projeto teve sua culminância no mês de junho desse ano, apesar de não ter sido finalizado devido ao interesse manifestado por algumas professoras da unidade escolar.

Figura 27 – Entrada principal da Escola Municipal Mauro de Castro – Culminância do projeto “Jardim Gramacho: resgatando o passado e transformando o presente”.



Fonte: acervo da pesquisa.

A professora Leticia iniciou o projeto recontando a história “Jardim Gramacho aos olhos de Larissa”, que foi ilustrada e discutida com os alunos, elencando como temas de estudo: família e brincadeiras, compreendendo-as como parte integrante da identidade dos sujeitos. Então inicialmente, cada aluno montou a árvore genealógica de sua família, escrevendo o próprio nome e também os nomes de seus pais e avós maternos e paternos. Essa atividade foi chamada de “Minha história começa assim...”

Figura 28 e 29 – Minha história começa assim... – Culminância do projeto “Jardim Gramacho: resgatando o passado e transformando o presente”.

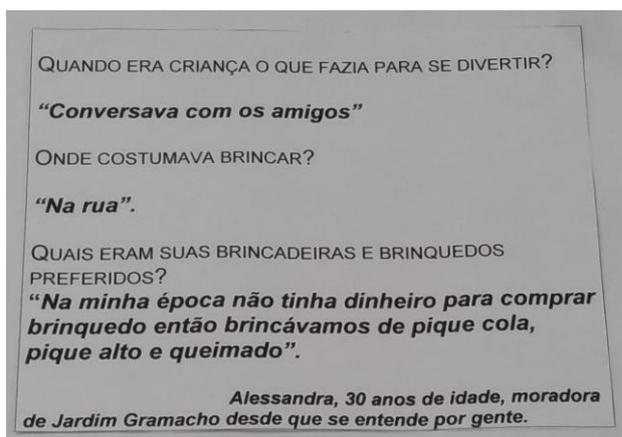


Fonte: acervo da pesquisa.

O tema brincadeiras foi desenvolvido a partir de uma pesquisa que cada aluno (a) fez com sua família, que respondia as seguintes questões:

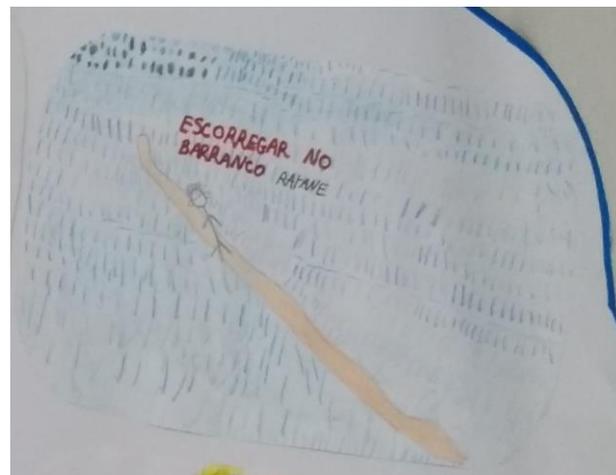
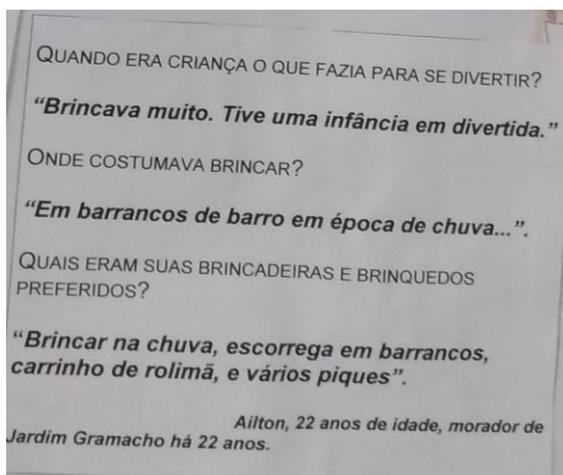
- 1- Qual seu nome?
- 2- Há quanto tempo mora no bairro?
- 3- Quando era criança o que fazia para se divertir?
- 4- Onde costumava brincar?
- 5- Quais eram suas brincadeiras e brinquedos preferidos?

Figuras 31 e 32 – Cartaz elaborado a partir da pesquisa com os responsáveis – Culminância do projeto “Jardim Gramacho: resgatando o passado e transformando o presente”.



Fonte: acervo da pesquisa.

Figuras 33 e 34 – Cartaz elaborado a partir da pesquisa com os responsáveis – Culminância do projeto “Jardim Gramacho: resgatando o passado e transformando o presente”.



Fonte: acervo da pesquisa.

As turmas do 1º ao 3º ano de escolaridade também desenvolveram o tema “Brincadeiras e brinquedos de ontem, hoje, sempre... Jardim Gramacho – Presente!”, realizando também uma análise dos brinquedos atuais e de antigamente. Os alunos fizeram produções textuais e ilustrativas baseados em suas vivências e em entrevistas que realizaram, revelando a memória de alguns locais do bairro.

Figura 35 – Famílias do bairro – Culminância do projeto “Jardim Gramacho: resgatando o passado e transformando o presente”.



Fonte: acervo da pesquisa.

As turmas do 4º ano experienciaram a reciclagem de resíduos que iriam para o lixo, construindo brinquedos e artigos de artesanato.

Figura 36 – Atividades de artesanato reciclando resíduos – Culminância do projeto “Jardim Gramacho: resgatando o passado e transformando o presente”.



Fonte: acervo da pesquisa.

Alunos do 4º e 5º ano também desenvolveram pesquisas com suas famílias e, na sala de leitura, elaboraram poemas diversificados sobre o bairro, sendo alguns engraçados, tristes, em tom de denúncia, mas todos revelando a voz de crianças e famílias do Jardim Gramacho. A seguir encontram-se alguns desses poemas, que fazem parte da atividade denominada “Poetas do Jardim”.

Jardim Gramacho	Ela também me disse
Jardim Gramacho	Que muitas coisas viu
É o lugar onde nasci	Jogavam lixo de hospital
Jardim Gramacho	Isso não era legal
É tão bom morar aqui	Porque crianças brincavam lá
Soltar pipa e até dançar	Não tinha como segurar.
Minha vó me contou	Aluna da turma 403
Que do lixão participou	

Jardim Gramacho	Com o dinheiro
Conheci uma mulher	Comrou um salão
Que trabalhou na rampa	Um salão de beleza
O lixão fechou	Queria esquecer toda a tristeza.
E aquela mulher	Aluno da turma 503.
Recebeu uma indenização	

Onde fica o Jardim Gramacho?	A vida toda aqui
Onde fica o Jardim Gramacho?	Mas nem tudo é bom
No município de Duque de Caxias	Precisamos acabar com a poluição
Quando eu era pequeninha	Se não volta o lixão
Brincava numa ruazinha	Vamos limpar
Perto da minha casinha	Se não aqui não vai dar
Gosto muito daqui	Pra ninguém morar.
Se pudesse viveria	Aluna da turma 501

Amigos e catadores	O que tenho é orgulho
O amigo do meu pai	O amigo do meu pai
Já foi do lixão	Que trabalhou no lixão
Lá ele viveu	Morreu de uma infecção
E foi lá que morreu	Meu pai ficou muito triste
Lá ele achava muita coisa boa	Passaram-se alguns anos
Comida, roupas, brinquedos	O lixão fechou
Até telefone, mas sempre ruim	Para alguns foi difícil,
Às vezes dava pra consertar	Pois não tinham onde trabalhar
E dava certo no fim	Dependiam dele pra família
Meu pai também	sustentar
Trabalhou no lixão	Outros acharam bom
Subia muito cedo	Por causa da poluição
Eu ficava com minha mãe	O prefeito promete e não cumpre
Faltava condição	Só aparece na hora da eleição.
Não tenho vergonha disso	Aluna da turma 503

Histórias de Jardim Gramacho	Agora é verde
Jardim Gramacho tem muitas histórias tristes	Precisam ver que judiação!
Uma delas é o podrão	Por que será que tem que ser
As pessoas pegam para comer	assim?
O que sobra do mercado	Essa história poderia ter outro fim
Olha a situação.	Chega de podrão!
Além disso, elas catam latinha, pet, ferro,	Quero moradores trabalhando
Alumínio e papelão.	E a fome acabando
Outra história muito triste	Chega de sujeira!
É a história do laguinho	Quero o laguinho para pescar
Um lugar especial	Para pessoas acampar
Que era azul,	E as crianças poderem brincar!
	Alunas da turma 401

Jardim Gramacho, Caxias	Balas perdidas
Jardim Gramacho, Caxias	Nas ruas acidentadas
É o lugar onde moro	Nos carros, nas motos
Tem shopping, feiras, árvores	Pessoas morrem inocentes
Crianças, adultos e adolescentes	Mas apesar de tudo
Muitas escolas	Mesmo assim
Casas grandes e pequenas	Jardim Gramacho é diferente
Favelas, barracos e lojas	Porque tem um povo feliz e sorridente.
Pessoas com dinheiro	
Pessoas sem dinheiro	Aluno da turma 501

O 5º ano construiu uma maquete do Aterro, alertando para a importância da reciclagem e da função das cooperativas de catadores na preservação do meio ambiente.

Figura 37 – Maquete – Culminância do projeto “Jardim Gramacho: resgatando o passado e transformando o presente”.



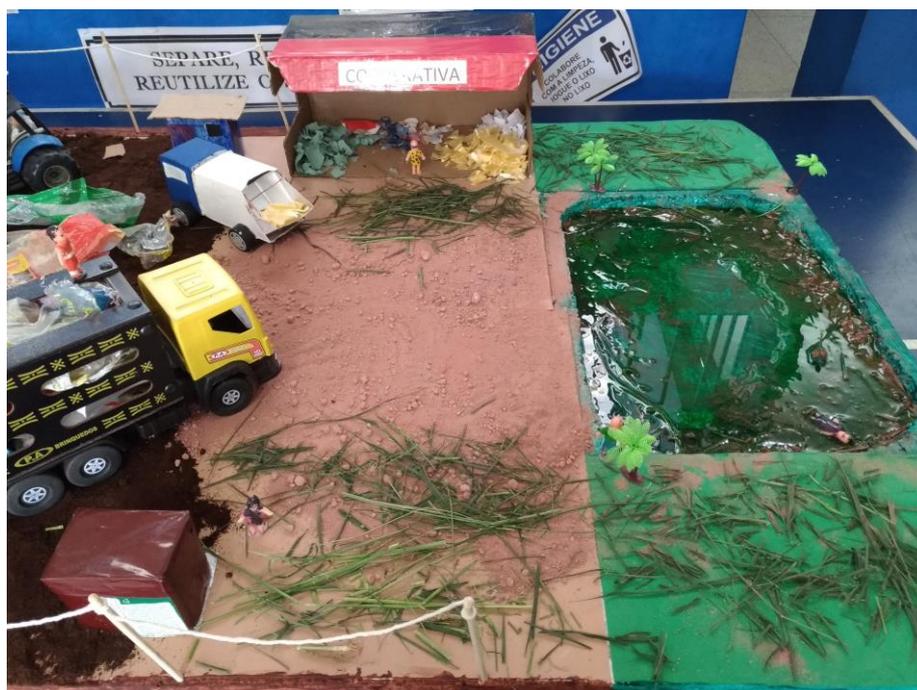
Fonte: acervo da pesquisa.

Figura 38 – Maquete – Culminância do projeto “Jardim Gramacho: resgatando o passado e transformando o presente”.



Fonte: acervo da pesquisa.

Figura 39 – Maquete – Culminância do projeto “Jardim Gramacho: resgatando o passado e transformando o presente”.



Fonte: acervo da pesquisa.

Na sala de leitura, as crianças do 2º e 3º ano desenvolveram o tema Brincadeiras a partir da leitura do livro “O jogo da fantasia” de Elias José, elaborando dança e teatralização e apresentaram na culminância o musical “Emília, a boneca gente”.

Figura 40 –Apresentação: “Emília, a boneca gente” – Culminância do projeto “Jardim Gramacho: resgatando o passado e transformando o presente”.



Fonte: acervo da pesquisa.

A equipe diretiva prestou uma singela homenagem às professoras e a pesquisadora com uma lembrancinha composta por uma mensagem e um doce.

Figura 41 – Homenagem da equipe diretiva – Culminância do projeto “Jardim Gramacho: resgatando o passado e transformando o presente”.



Fonte: acervo da pesquisa.

CONSIDERAÇÕES

A pesquisa possibilitou trazer à tona a memória coletiva do bairro Jardim Gramacho, investigando o desenvolvimento de um projeto de letramento em turmas de alfabetização. Realizamos entrevistas com dois grupos, sendo o primeiro composto por cinco moradoras antigas do Jardim Gramacho, que residem no bairro há mais de trinta anos. Apresentamos as análises dessas narrativas do local que são memórias compiladas em um pequeno banco de histórias, que pretendemos ampliar no futuro. E o segundo grupo de entrevistas foi formado por quatro professoras do 1º ano do ensino fundamental das três escolas municipais do bairro Jardim Gramacho. Após a análise dos dados, ocorreram encontros com as professoras alfabetizadoras para que tivessem ciência das descobertas realizadas por meio dos relatos das moradoras e, em colaboração, fomos elaborando o projeto de letramento, que ocorreu em uma das escolas.

A partir das narrativas das moradoras pudemos aprender sobre um lugar quase sem registro, que vai muito além das agruras ligadas ao Aterro Metropolitano e às dificuldades do trabalho de quem depende do lixo. Foi possível conhecer um Jardim Gramacho de poucos habitantes com características rurais como variedade animais e plantas e poucas opções para o compra de mercadorias, destacando-se a barraca do Seu Cabral, morador que marcou os relatos e hoje dá nome à Escola Municipal José Medeiros Cabral. Pudemos verificar que as escolas do bairro representam lugares de memória, de acordo com o conceito de Pierre Nora, por serem, ao mesmo tempo, materiais, simbólicas e funcionais.

Recorremos às reportagens antigas de jornais para conhecer alguns aspectos do bairro como, por exemplo, o Obelisco, que hoje integra uma escola estadual. Assim, foi possível descobrir que é o marco de fundação do bairro, que constatamos já possuir mais de setenta anos. Constatamos que o aterro representou uma mudança drástica no bairro com diversos efeitos como o asfaltamento de ruas, aumento de habitantes e de comércio, criação de novas escolas e simultaneamente a degradação ambiental e social.

O projeto de letramento se iniciou por meio da construção de uma história baseada nos relatos das moradoras, sendo realizada a leitura, reflexão e

ilustração, bem como o seu desdobramento ocorrido em uma escola do bairro, que culminou em um projeto implementado pela instituição educacional.

Assim, a pesquisa investiu na contextualização do processo de alfabetização, identificando as narrativas sobre o local que estão presentes no ensino da leitura e da escrita das crianças do 1º ano do ciclo de alfabetização do Jardim Gramacho, onde se encontra um dos maiores aterros sanitários da América Latina. A realização da pesquisa tornou possível conhecer como ocorre o processo de alfabetização e letramento das crianças moradoras do Jardim Gramacho e a função desempenhada pela memória nas turmas das professoras entrevistadas.

A abordagem didático pedagógica do processo de alfabetização empregada pelas professoras nas escolas pesquisadas, na maioria das vezes, volta-se para o desenvolvimento de técnicas de leitura e escrita, distanciando-se da memória local. Apesar de todas as docentes terem afirmado a importância do letramento nas práticas de alfabetização, notadamente, na maioria dessas turmas, esses dois processos são dissociados. A valorização do ensino mecanicista foi justificada pelas professoras devido à ausência de materiais dos alunos como tesoura e cola, por exemplo, além da falta de acompanhamento e participação dos pais.

Narrativas sobre o local não estão presentes no ensino da leitura e da escrita em duas escolas pesquisadas. Apenas em uma das escolas já havia sido desenvolvido um projeto sobre a história de vida de uma ex-catadora do Aterro Metropolitano, mas que foi descontinuado. Nessa mesma instituição também foi desenvolvido o projeto de letramento abordado nesse estudo e Letícia se surpreendeu com a capacidade de compreensão e reflexão dos alunos. Nas outras duas escolas, apesar de nas narrativas das professoras o projeto de letramento ter sido aceito, não foi realizado. É possível afirmar que, como essas docentes enxergam a alfabetização e o letramento como dois processos distintos e dissociados, o projeto de letramento foi encarado como um trabalho a mais, que atrapalharia o ensino dos conteúdos necessários e só poderia ser realizado se sobrasse tempo ao final do ano letivo. Assim, é possível afirmar que a interdisciplinaridade não faz parte do processo de aprendizagem, apesar da potencialidade de contextualização do ensino tornando os conteúdos significativos e facilitando a aprendizagem.

A contextualização do processo de alfabetização ocorreu por meio de uma história infantil lida, debatida e ilustrada com os alunos e extrapolou os limites da escola chegando a integrar diálogos entre as crianças e seus familiares. Entretanto, essa não é a única forma de contextualizar o processo de alfabetização, podendo ocorrer a partir da elaboração de uma releitura da história lida com a escrita da história de cada criança, percebendo-se como parte integrante do local. Também é possível utilizar todo o conteúdo presente na história infantil de forma interdisciplinar, integrando palestras, oficinas e, dessa forma, ampliando as turmas participantes.

O projeto de letramento teve sua continuidade, assim no ano de 2018, foi ampliado, alcançando não só a turma da Professora Letícia, mas também as demais turmas do primeiro segmento do ensino fundamental da Escola Municipal Mauro de Castro. A instituição o chamou de “Jardim Gramacho: resgatando o passado e transformando o presente”, sabemos que existem muitas críticas sobre o termo resgate para se referir à memória, no entanto respeitamos a autonomia da equipe pedagógica.

O desdobramento do projeto foi marcado pela prática da pesquisa com a realização de entrevistas por meio de questionários orais, algumas com a presença de pessoas que residem no bairro há muitos anos. A partir das entrevistas, os alunos produziram textos, ilustrações, maquetes, brinquedos e artigos de artesanato. Também foram realizadas leituras, brincadeiras de roda e apresentações envolvendo dança e teatro.

A produção das crianças, durante o projeto de letramento, proporcionou o entendimento sobre o sentido da escrita, que pode extrapolar o de ser alfabetizado. Assim, compreendemos o letramento como a consciência dos usos sociais da escrita e o projeto de letramento evidenciou um desses usos que corresponde à escrita como registro da história de cada criança, colocando-a na posição de protagonista na pronúncia de si e do seu lugar.

As crianças, que inicialmente ilustraram a história escrita a partir das entrevistas com as cinco moradoras, demonstraram o desejo de conhecer a Larissa, personagem da história. Notamos que não existe apenas uma Larissa, mas várias “Larissas”, já que a personagem foi construída a partir das narrativas das moradoras. O sonho da pesquisadora é que as crianças descubram que todas podem ser a Larissa. Todas podem ser movidas pelo desejo de lutar por

melhorias para si mesmas e para o bairro, sem se conformarem com a realidade que as cerca. Todas podem realizar tanto a leitura do mundo quanto a leitura da palavra. E acima de tudo, todas podem sonhar...

REFERÊNCIAS

ALVES, Zélia Mana Mendes Biasoli; SILVA, Maria Helena G. F. Dias da. **Análise qualitativa de dados de entrevista**: uma proposta. Paidéia (Ribeirão Preto) [online]. 1992, n.2, pp.61-69.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: Lembrança de velhos. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CRAWFORD, Jenifer. Jenifer Crawford, socióloga: 'Cultura popular é a solução para a educação'. **Jornal O Globo**. Rio de Janeiro. 2016. Entrevista concedida a Marina Brandão. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/sociedade/conte-algo-que-nao-sei/jenifer-crawford-sociologa-cultura-popular-a-solucao-para-educacao-18810263>>. Acesso em: 10 out. 2018.

CENSO ESCOLAR. Disponível em: e <http://portal.inep.gov.br/web/guest/censo-escolar>. Acesso em: Jul, 2018.

FONTI, Angela. **COMLURB**: LEGADO DE GRAMACHO À CTR RIO. 2012

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

_____. **Educação como prática de liberdade**. Paz e Terra. 1967.

_____. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. Olho d'água, 1997.

GADOTTI, Moacir **MOVA**, por um Brasil Alfabetizado. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2008

HALBAWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução Beatriz Sidou. 7ª reimpressão. São Paulo: Centauro, 2003.

INEP. **Painel Educacional do Município de Duque de Caxias – ANA, 2014**. Brasília: INEP/ Ministério da Educação. Disponível em: <http://ana.inep.gov.br/ANA/>. Acesso em: Jul. 2016.

KLEIMAN, Angela B. **O processo de aculturação pela escrita**: ensino da forma ou aprendizagem da função? In: Kleiman, Angela B.; SIGNORINI, Inês. (Org.). O ensino e a formação do professor: alfabetização de jovens e adultos. Porto

Alegre: ARTMED, 2000.

_____. **Os Estudos de Letramento e a Formação do Professor de Língua Materna.** Linguagem em (Dis)curso – LemD, v. 8, n. 3, p. 487-517, set./dez. 2008

_____. **Preciso “ensinar” o letramento?** Não basta ensinar a ler e a escrever? Coleção Linguagem e letramento em foco: linguagem nas séries iniciais. Ministério da Educação. Cefiel/IEL. UNICAMP, 2005-2010.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Tradução Bernardo Leitão ... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. Disponível em: http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/40279297/Historia_e_Memoria_-_Jacques_Le_Goff.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAJ56TQJRTWSMTNPEA&Expires=1466867780&Signature=FQ1xPDY4EzL97E0RxInW8SGKqUY%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DHistoria_e_Memoria_-_JACQUES_LE_GOFF.pdf. Acesso em: Jun, 2016.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita:** atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Oralidade e escrita.** Revista Signótica. v. 9 n. 1. Jan/Dez. 1997. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/sig/article/view/7396>. Acesso em: Jul, 2018.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. **Guia prático de história oral** - Para empresas, universidades, comunidades, famílias. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MEIRELLES, Delton Ricardo Soares; GOMES, Luiz Cláudio Moreira. **A busca da cidadania:** a Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho, em Duque de Caxias-RJ. Rio de Janeiro. 2009. Disponível em: http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2008/docsPDF/ABEP2008_1139.pdf. Acesso em: Março, 2017.

NEVES, Margarida de Souza. **Lugares de memória na PUC do Rio,** 2007. Disponível em: <http://www.historiaecultura.pro.br/cienciaepreconceito/lugaresdememoria.htm> Acesso em dezembro de 2017.

NORA, Pierre. **Entre memória e história:** A problemática dos lugares. Tradução Yara Aun Khoury. In: Les lieux de mémoire. I La République, Paris, Gallimard, 1984, pp. XXVIII – XLII. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/12101/8763>. Acesso em: Jun. 2016.

OLIVEIRA, Andréia Cosme de. **Alfabetizar Letrando: O Desenvolvimento da Leitura e da Escrita por meio da Cantiga de Roda**. Revista Tropos, ISSN: 2358-212X, volume 6, número 2, edição de Dezembro de 2017.

OLIVEIRA, Maria do Socorro. Projetos de letramento e formação de professores de língua materna. / Maria do Socorro Oliveira, Glícia Azevedo Tinoco, Ivoneide Bezerra de Araújo Santos. – Natal: EDUFRN, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/1/11787/1/E-book%20Projetos%20de%20letramento.pdf>. Acesso em Jul, 2018.

PEREIRA, Bruno Gomes, SILVA, Luiza Helena Oliveira da; CASTRO, Nilsandra Martins de. Pedagogia crítica e projetos de letramento em confluência: (res)significando a escrita. In: **Revista Educação e Linguagens**, Campo Mourão, v. 5, n. 8, jan./jun. 2016. Disponível em: <http://www.fecilcam.br/revista/index.php/educacaoelinguagens/article/viewFile/1190/653>. Acesso em: Jul. 2016.

PÉREZ, Carmen Lúcia Vidal. Alfabetização para além do método – uma sintaxe freiriana. Revista Moçambás: acolhendo a alfabetização nos países de língua portuguesa, São Paulo, ano 1, n. 2, 2007. Disponível em: <<http://www.mocambas.org>>. Publicado em: março 2007.

_____. **Ler o espaço para Compreender o Mundo**: algumas notas sobre a função alfabetizadora da Geografia. Revista Tamoios – Julho / Dezembro 2005.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 1989, p. 3-15.

_____. **Memória e identidade social**. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992.

RIBEIRO, Ricardo Laino; CARMO, Maria Scarlet Do Carmo. **O impacto do encerramento do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho para os comerciantes do setor informal de alimentos da região**. Gestão e Sociedade, v. 7, n. 17, p. 220-248, 2013.

ROJO, Roxane. Letramento e capacidades de leitura para a cidadania. In: **Anais do SEE**: CENP, São Paulo, 2004. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/18472737/roxane-rojo-letramento-e-capacidades-de-leitura-para-a-cidadania/3> Acesso em: Jun. 2016.

_____. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo. Parábola Editorial, 2009.

_____. **Alfabetização e letramentos múltiplos**: como alfabetizar letrando? In: Língua Portuguesa: ensino fundamental. Secretaria de Educação Básica, 2010.

SÁ JÚNIOR, Lucrécio Araújo de. Memória coletiva, oralidade e letramento. In: **Revista Norte Científico**, v.5, n.1, dezembro de 2010. Disponível em: <http://wilitit.ifrr.edu.br/SISTEMAS/revista/index.php/revista/article/view/101>. Acesso em: Jun. 2016.

SILVA, Elizabeth Maria da; ARAUJO, Denise Lino de. Letramento: um fenômeno plural. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 12, n. 4, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbla/2012nahead/aop0812>. Acesso em: Jul 2018

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. 6. Ed., 7ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015. (Primeira Edição: 2004)

_____. **Alfabetização e Letramento**: Caminhos e descaminhos. In: **Revista Pátio**, fevereiro de 2004. Disponível em: <http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40142/1/01d16t07.pdf> Acesso em: Fev. 2016.

_____. **Letramento e alfabetização**: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**. Nº 25 Jan /Fev /Mar /Abr 2004 . Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf> Acesso em: Fev. 2016.

_____. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

VANINI , Eduardo. FERREIRA, Paula. **Um em cada cinco alunos do 3º ano fundamental não entende o que está lendo**. Jornal O Globo, 17/09/2016. Educação. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/um-em-cada-cinco-alunos-do-3-ano-fundamental-nao-entende-que-esta-lendo-17520233>

APÊNDICE A - Roteiro de entrevistas para professoras do ciclo de alfabetização

- 1- Qual seu nome?
- 2- Qual a sua idade?
- 3- Onde você mora?
- 4- Qual sua formação?
- 5- Você participa ou já participou de algum programa de formação continuada?
- 6- Você considera que a formação continuada deve fazer parte do trabalho docente?
Por quê?
- 7- Recebeu formação para trabalhar como professor(a) alfabetizador(a)? Quando?
Como? Na graduação? Na especialização? Na rede?
- 8- Há quanto tempo leciona?
- 9- Há quanto tempo alfabetiza?
- 10- Como aprendeu a alfabetizar?
- 11- Há quanto tempo trabalha nessa comunidade? E nessa escola?
- 12- Como você promove a alfabetização dos seus alunos?
- 13- Quais estratégias você utiliza?
- 14- Você trabalha com histórias?
- 15- Já trabalhou com histórias de vida?
- 16- Já trabalhou com histórias de Duque de Caxias?
- 17- Já trabalhou com histórias sobre o próprio aluno?
- 18- No seu trabalho existe diferença entre alfabetização e letramento?
- 19- Qual a importância de desenvolver o processo de alfabetização na perspectiva do letramento?
- 20- Quais fatores você considera que devem enfatizados no letramento?
- 21- Você acredita que a memória local deve estar presente no desenvolvimento do processo de alfabetização? De que maneira?
- 22- Que tipo de relação você possui com a comunidade em que trabalha?

APÊNDICE B – Roteiro de entrevistas com moradoras.

- 1- Qual seu nome?
- 2- Qual a sua idade?
- 3- Qual sua formação?
- 4- Há quanto tempo você mora nesse bairro?
- 5- Como o Jardim Gramacho era no passado?
- 6- Quais memórias do seu bairro você possui?
- 7- Você considera que algumas dessas memórias devam ser abordadas na escola durante o processo de alfabetização?
- 8- Você possui familiares que estudam em alguma das escolas municipais do bairro Jardim Gramacho?
- 9- Você está satisfeito com o trabalho desenvolvido pelas escolas do Jardim Gramacho? Por quê?
- 10- Que tipo de relação você possui com a comunidade em que mora?

APÊNDICE C – Termo de consentimento livre e esclarecido as professoras.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(De acordo com as normas da Resolução nº 466, do Conselho Nacional de Saúde de 12/12/2012)

Você está sendo convidado para participar da pesquisa **O processo de letramento como construção da memória no Jardim Gramacho**. Você foi selecionado por satisfazer a um dos critérios de seleção: ser professor (a) do primeiro ano do ciclo de alfabetização da Secretaria Municipal de Educação de Duque de Caxias no bairro Jardim Gramacho e sua participação não é obrigatória. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição.

O objetivo deste estudo é investigar quais abordagens didático pedagógicas são empregadas pelos professores alfabetizadores do Jardim Gramacho, onde se encontra um dos maiores aterros sanitários da América Latina, para promover a aprendizagem da leitura e da escrita, tendo em vista os impactos ambientais e as especificidades das narrativas dos moradores. A sua participação nesta pesquisa consistirá em descrever a abordagem didático pedagógica que desenvolve no processo de alfabetização das crianças do Jardim Gramacho em Duque de Caxias.

Os riscos relacionados com sua participação são o constrangimento e dano à integridade moral e profissional do participante somente se ocorrer a revelação de sua identidade.

Os benefícios relacionados com a sua participação envolvem a contribuição para a reflexão sobre o processo de letramento e memória e colaboração acadêmica para a ampliação de estudos sobre o tema.

As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação assegurando a proteção de sua imagem, impedindo o estigma e a utilização das informações em seu prejuízo, de terceiros e da comunidade.

Uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com o senhor (a), podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento com a pesquisadora responsável Sara Souza da Silva no e-mail sarasouzauerj@gmail.com ou no telefone (21) 99958-2721.

Pesquisador Responsável

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UNIGRANRIO, localizada na Rua Prof. José de Souza Herdy, 1160 – CEP 25071-202 TELEFONE (21).2672-7733 – ENDEREÇO ELETRÔNICO: cep@unigranrio.com.br

Rio de Janeiro, _____ de _____ de 20____.

Sujeito da pesquisa

APÊNDICE D – Termo de consentimento livre e esclarecido às moradoras.**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

(De acordo com as normas da Resolução nº 466, do Conselho Nacional de Saúde de 12/12/2012)

Você está sendo convidado para participar da pesquisa **O processo de letramento como construção da memória no Jardim Gramacho**. Você foi selecionado por satisfazer a um dos critérios de seleção: ser morador (a) do bairro Jardim Gramacho e sua participação não é obrigatória. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição.

O objetivo deste estudo é investigar quais abordagens didático pedagógicas são empregadas pelos professores alfabetizadores do Jardim Gramacho, onde se encontra um dos maiores aterros sanitários da América Latina, para promover a aprendizagem da leitura e da escrita, tendo em vista os impactos ambientais e as especificidades das narrativas dos moradores. A sua participação nesta pesquisa consistirá em realizar narrativas sobre a história do bairro Jardim Gramacho tendo em vista a exposição ao passivo ambiental deixado pelo aterro metropolitano.

Os riscos relacionados com sua participação são o constrangimento e dano à integridade moral e profissional do participante somente se ocorrer a revelação de sua identidade.

Os benefícios relacionados com a sua participação envolvem a contribuição para a reflexão sobre o processo de letramento e memória e colaboração acadêmica para a ampliação de estudos sobre o tema.

As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação assegurando a proteção de sua imagem, impedindo o estigma e a utilização das informações em seu prejuízo, de terceiros e da comunidade.

Uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com o senhor (a), podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento com a pesquisadora responsável Sara Souza da Silva no e-mail sarasouzauerj@gmail.com ou no telefone (21) 99958-2721.

Pesquisador Responsável

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UNIGRANRIO, localizada na Rua Prof. José de Souza Herdy, 1160 – CEP 25071-202 TELEFONE (21).2672-7733 – ENDEREÇO ELETRÔNICO: cep@unigranrio.com.br

Rio de Janeiro, _____ de _____ de 20____.

Sujeito da pesquisa

APÊNDICE E – Carta de Anuência.



PREFEITURA DUQUE DE CAXIAS
 MAIS COMPROMISSO. MAIS FUTURO.
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
PREFEITURA MUNICIPAL DE DUQUE DE CAXIAS
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
SUBSECRETARIA DE ENSINO (SSE)
CENTRO DE PESQUISA E FORMAÇÃO CONTINUADA PAULO FREIRE

Duque de Caxias, 2 de março de 2017

Parecer nº: 04/17 – CPFPP/SME-DC
 Requerente: Sara Souza da Silva
 Universidade ou agência associada: Unigranrio
 Assunto: Solicitação de autorização para pesquisa de campo

DAS CONSIDERAÇÕES INICIAIS

De acordo com as atribuições deste Centro de Pesquisa e tendo sido observada a documentação anexa, as autorizações em nossa rede são concedidas nos casos em que forem respeitadas as normas de decore e adequabilidade aos critérios definidos por este setor.

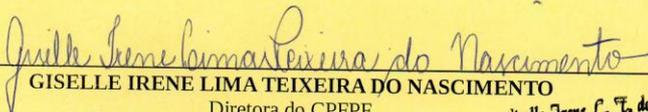
DA ANÁLISE

Após análise do projeto “O Processo de letramento como construção da memória” constatou-se que este visa descrever a construção colaborativa de uma proposta de letramento e memória com professoras alfabetizadoras do Jardim Gramacho em Duque de Caxias, dentre outros objetivos. Caso sejam feitas entrevistas com menores de idade, solicita-se, para aplicação do questionário de pesquisa, a inclusão de uma autorização de seu responsável, permitindo o tratamento dos dados fornecidos pelo aluno.

DA CONCLUSÃO

Com base na avaliação criteriosa das informações apresentadas nos documentos, AUTORIZA-SE a solicitação de pesquisa, pois atende aos requisitos estabelecidos nas normas de decore e adequabilidade para a pesquisa dentro de nossa rede. Caso necessário, a qualquer momento poderemos revogar esta autorização, se comprovadas atividades que causem prejuízo a esta instituição. Declaramos também que não recebemos qualquer tipo de pagamento por esta autorização bem como os participantes da pesquisa também não o receberão.

É o parecer.
Cordialmente,


GISELLE IRENE LIMA TEIXEIRA DO NASCIMENTO
 Diretora do CPFPP
 Matrícula: 06723-0

Giselle Irene L. T. do Nascimento
 Diretora do CPFPP
 Mat. 06723-0

CENTRO DE PESQUISA E FORMAÇÃO CONTINUADA PAULO FREIRE (CPFPP)
 Rua Prefeito José Carlos Lacerda, 1422 – 3º ANDAR - 25 de agosto - Duque de Caxias / RJ.
 CEP: 25.071-120 - Tel.: 3652-6221 / 2771-5870 R.223- Email: cpfpf@smeduquedecaxias.rj.gov.br

APÊNDICE F – Mapa do bairro Jardim Gramacho



Fonte: elaborado pela autora a partir de foto de satélite do Google Maps.

APÊNDICE G – Transcrições

Márcia

Eu nasci em 1956 no município do Rio de Janeiro, mas minha mãe já morava aqui em Caxias, no bairro Copacabana. Ela era doméstica e também foi lavadeira. Ela veio da Bahia, tinha muitos irmãos, mas nem ela sabia a quantidade exata de irmãos que tinha porque perdeu o contato com todos quando os pais morreram e a família entrou em disputa por causa de bens. Então alguém pegou ela e levou para a Bahia para trabalhar em casa de família, mas ela era maltratada e por isso fugiu junto com a minha tia. Minha mãe só se registrou com dezenove anos e ela contava que nasceu no dia dezenove de janeiro de 1930, mas não sei como que ela sabia.

Nesse tempo ela já era mocinha, devia ter uns vinte anos. Mas essa tia não é tia realmente, mas é de coração. Minha mãe e ela se conheceram, se tornaram amigas, vieram para o Rio e viveram como se fossem irmãos. Minha tia acompanhou toda a vida da minha mãe. As duas passaram por muitas experiências juntas.

Depois de um certo tempo meus pais se conheceram. Meu pai nasceu em São Gonçalo e parecia um índio. Ele era um homem trabalhador, funcionário público. Era vigia no Estado e prestava serviço para a CEDAE como operador de máquinas. Ele tinha uma coisa de bom, que eu sempre falo para os pais dos meus alunos: ele contava histórias para a gente. Minha mãe nunca era de contar história, mas ele era. Quando chovia então, a gente deitava e ele ficava contando histórias. Histórias mesmo. Histórias de terror, história... História mesmo. Era uma coisa que marcou muito a gente. E outra coisa, a honestidade. Uma coisa que ele ensinou a gente, dívida tem que se pagar. Ele poderia beber e ficar mal, mas nunca deixou de ir trabalhar. Ele ia se arrastando, mas ele ia trabalhar. Tanto que esse trabalho foi o único que ele teve.

Meu pai gostava de fazer rede para pescar. Na infância, na juventude dele, ele gostava de pescar. Na época do Porto, meu pai pescava aqui Jardim Gramacho, pois não era poluído. Eu lembro que ele gostava muito de limpar peixe. Quando eu compro peixe, eu me lembro dele. Era uma coisa que ele fazia com a maior alegria.

O Porto era um local muito lindo com água que vem do mar, onde o povo daqui do Jardim Gramacho ia tomar banho. Aqui era muito lindo! Pessoas vinham do Centro de Caxias e dos bairros vizinhos para tomar banho no Porto. Água limpa!! Eles chamavam de Porto porque tinha tipo uma lagoa de água limpa, não era nem um pouco poluída! Na rua Remanso tinha um canal do rio que com uma canoa se navegava e se chegava a uma ilha. Nessa ilha havia muitas frutas e alguém que morava nela. A ilha era muito bonita. Eu fui lá uma vez de barco, mas os pescadores sempre iam lá.

O porto era parecido com um piscinão que empossava a água que vinha do mar, mas a água era doce porque ali também era onde desaguava o Rio Sarapuí. Na água bem limpinha a gente podia tomar banho à vontade! Às vezes a maré subia mesmo e ficava bem bacana para tomar banho. Mas geralmente dava para tomar banho o tempo todo. Os pescadores entravam por dentro do manguezal, mas não paravam os barcos no Porto. Nem podemos chamar de barcos porque eram aquelas canoas de madeira. Eles atracavam no leito do rio quando iam para a ilha. Aqui vinha gente de tudo quanto é lugar. Quando fazia calor, o point era aqui.

O Jardim Gramacho era um local de turismo. Havia eucaliptos, a grama bem baixinha e o pessoal vinha fazer piquenique perto de onde era a fábrica da Still. Ainda tinha um campo enorme com a graminha bem baixinha. O campeonato era aqui. Aí o pessoal vinha para assistir ao jogo. As pessoas diziam que pertencia ao João da Rádio, porque era ele quem tomava conta desse lugar. Então, como era um lugar bem fresquinho e bonito de se ver, com pés de eucalipto enormes, as pessoas vinham para fazer piquenique. E quando estava muito quente, o povo vinha tomar banho no Porto. Acho que ninguém tem foto do Porto porque antigamente era muito caro tirar foto.

Eu fui no Porto muitas vezes e quase morri afogada porque uma colega me empurrou. Eu fui lá tomar banho e ela “Pum”, me empurrou, e eu não sabia nadar. O Porto não era fundo não, mas eu não sabia nadar. Bebi muita água! E minha mãe nem sabia que eu tinha ido para lá. Essas coisas de criança... O Aterro acabou com o Porto porque foi instalado onde era o Porto.

Tinha um caminho aqui pertinho de casa por onde a gente saía. Naquela época a gente aqui tinha medo sabe de quê? Mula sem cabeça, lobisomem... Esses tipos de coisa. Podia-se andar no bairro a qualquer hora da noite. Não

tinha medo de marginal... Isso não tinha! Essas coisas de drogas não existiam para a gente. Aqui era uma roça mesmo.

A principal rua do bairro, a Monte Castelo, era de areia. A única fábrica que tinha, e que tem até hoje, é a Texsa. Antes da gente sonhar em vir para cá ela já existia.

Eu vim morar no Jardim Gramacho com onze anos. Antes a gente morou em Copacabana, aqui em Caxias, e na Doutor Laureano. Só que enchia muito e mamãe tinha pavor de casa que enchia. A primeira casa que a gente morou aqui no Jardim Gramacho não tinha água e a gente tinha que ir na pista da Variante, hoje Rodovia Washington Luiz. Naquela época havia somente duas pistas pequenas. Você se lembra daqueles barris que rodavam? A gente tinha que ir lá pegar água assim. Meu irmão, coitado, carregou muita água. Não tinha nem o viaduto nessa época. Não tinha nada! O que tinha lá do outro lado era um posto. A gente foi até na inauguração, pois fizeram festa e tudo. Um postinho de gasolina. E do outro lado tinha o laboratório. Depois de um tempo Seu Martinho vendeu esse terreno para o meu pai. No Jardim Gramacho tinha até onça, você contava as pessoas que moravam aqui. Contava!! Aqui era igual a uma fazenda. Aqui onde a gente está agora, era uma casinha de dois cômodos. Ventava muito por causa da baía. A casa era quarto, sala e cozinha de tijolo. Os terrenos ao redor eram vazios. Minha mãe e meu pai gostavam de plantar. Mas meu pai não tinha dinheiro e comprou na palavra, pagando em pequenas prestações. Aí mudamos pra cá, casa de meia-água num lugar que só tinha a gente e uma outra vizinha. Não tinha luz. Era lamparina. A gente usava lamparina. Depois que a gente conseguiu luz... nos reunimos com os vizinhos. A gente fez abaixo assinado, aquela coisa toda com os moradores. Aí que chegou a luz. Isso demorou uns três meses. Depois que chegou a luz, começaram a pipocar os vizinhos!

Minha mãe botava a gente numa explicadora, porque não tinha escola. O Colégio Estadual Lara Vilella ainda não existia. O Lara veio depois. Não demorou muito não, veio logo, mas... Depois de mais crescidinho a gente estudava no Colégio Estadual Álvaro Negromonte. A gente nunca deixou de estudar não. Andávamos a pé até lá. Chegava com a blusa branca, da cor do barro. Aí já viu, né? Tinha aquele *bullying*... eu sofri muito. Muito, muito, muito... Eu tenho a pela morena e o pessoal falava que eu não tomava banho, que não lavava

roupa... Aquelas coisas todas. Mas não era não, era porque a gente tinha que andar a pé até lá. Andava a pé daqui até no Álvaro todo dia. Mas os professores eram ótimos. Tive muito professor bom. Meu Deus do céu, muito, muito, muito... Eu gostava daquela escola. Era simples, casinha de meia-água também... Não era esse Álvaro que você vê hoje em dia não. Tinha muitas crianças, porque só tinha o Álvaro Negromonte.

Guardo boas lembranças da escola. Tinha cozinha, tinha merenda. A gente comia Sagu. Hoje em dia as crianças nem conhecem. Era muito boa essa parte da escola... A parte da comida, a parte dos professores, do pessoal da escola... Boas lembranças. As amigas da escola, o pessoal da escola... Eu não tenho o que falar não. A escola era boa. Nossa! Muito boa. Ali perto ficava o ponto do ônibus. Antigamente tinha um ônibus chamado “Cata-corno”. E a gente pegava ele ali em frente ao Álvaro. Então meu pai vinha do trabalho e atravessava a Variante para pegar o ônibus e ir para casa. Dois ônibus. O Variante, parava na Variante. Aí tinha que atravessar a pé... Não tinha passarela, tinha que atravessar a pista. Não tinha viaduto. Tinha que atravessar a pista pra pegar o “Cata-corno”. As meninas do Lara Villela adoravam paquerar os motoristas...

Outra coisa linda do Jardim Gramacho era o mangue. Aqui no mangue tinha catanhanha, tinha siri, tinha caranguejo, peixes... Tinha corrida de cavalos. Sério. O pessoal trazia os cavalos, para fazer corrida aqui. Nessa época não tinha a rua Remanso, tinha o manguezal. Essa faixa era o manguezal todinho. O manguezal vinha até bem para cá... Bem, bem, bem, bem... O manguezal era na rua de trás e chegava na ponta das casas aqui. Ali na Remanso tinha uma rua, uma rua mesmo... Mas do outro lado era o manguezal todo. Todo manguezal. Aí alguém teve a idéia de: “Pow! Vou construir uma casa aqui, porque eu estou precisando...”. Aí pronto. A Remanso nasceu antes do Lixão. Ela só cresceu depois do Lixão... A Remanso foi criada porque alguém que veio e precisava morar. Aí foi a invasão!

Eu conheço o Aterro desde quando começou. Na primeira vez que eu entrei naquele lixão e olhei para o mangue vocês não têm ideia do que eu senti dentro do meu coração. Eram apenas árvores secas! Lembrei daquele filme “O dia seguinte” em que cai um meteoro e destrói tudo. A impressão que eu tive foi essa... Dá uma sensação de morte mesmo, de a gente morrer por dentro. Eu fui

às lágrimas porque é uma sensação terrível. Depois de alguns anos o biólogo Moscatelli veio recuperar o manguezal. Fizeram a canalização do chorume do aterro e a cobertura do lixo. Ele vinha plantar... era engraçado porque ele botava usava uma atiradeira para lançar as sementes... Depois de um tempo eu fui lá ver de novo e o manguezal estava se recuperando. A natureza toda linda, muito bonito. Aquela coisa, aquela sensação daquele manguezal que era só pau puro, pau seco? Não tinha mais. Floresceu todinho. Lógico que não dá mais catanhanha como antes, não dá mais siri, não dá mais caranguejo... Isso aí é difícil de se ver. Mas o reflorestamento do mangue, você sobe ali... Você tem que ver, é a coisa mais linda que tem. E o que eu sinto? O mangue é o nosso pulmão. Ele é o nosso pulmão. E quando eu dou aula pras crianças, quando eu dou aula pros adultos, eu falo isso. Gente, o povo precisa de moradia, mas não pode invadir o manguezal, pois estarão acabando com o pulmão. A gente respira porque ele existe. Então essa é a importância para a gente do manguezal aqui... E não é só para o Jardim Gramacho, é para Duque de Caxias. Ele é nosso pulmão. Ele faz a gente respirar.

O ar hoje não é puro por causa do gás lá de dentro. Não sei como aquele povo convive, porque está sendo envenenado todos os dias. Tem uma firma de gás dentro do aterro, se você chegar lá, você fica impressionada de sentir o cheiro do gás. Tem a Petrobras também que contamina tudo. E a nossa salvação é esse pedacinho de mangue, e que agora está só o pedacinho, e nem está tanto assim. Ainda foram fazer a comunidade do Maruim para terminar ele ali. Eu acho que... assim, no meu pensamento, as pessoas precisam de moradia, mas precisam preservar a natureza também. Não adianta você ter uma moradia bonita, linda e maravilhosa, e não ter ar pra respirar, adianta? O que vai adiantar?

O mangue ainda hoje sofre com ocupações irregulares e com os impactos do Aterro. Eu lembro bem quando anunciaram que o lixo viria para cá. Foi assim: os políticos da Câmara resolveram, assinaram e decretaram que o manguezal do Jardim Gramacho iria receber o aterro porque era o lugar ideal para colocar o lixo. Um detalhe: A nossa rua era de barro... era de areia, depois de começar carro pra lá e pra cá, virou barro. A rua principal que se chama Monte Castelo foi asfaltada. Oh! Que beleza! Progresso! Eu fui em muitas reuniões em que os engenheiros do aterro disseram que o aterro era maravilhoso e que veio para o

progresso do Jardim Gramacho e de Caxias. Mas eles não falaram para a gente que vinha poluição para o manguezal e para a água dos rios, que viria muita gente que sobrevivia da catação, que iria aumentar a população de miseráveis e de gente de todo tipo que você pode imaginar. De gente boa, de gente ruim, entendeu? Morar lá dentro do aterro, não é? Aí, toda essa situação, eles não contaram isso pra gente. Outra situação, a de poluir todas as águas, de poluir manguezal, de aumentar as favelas, né? As mazelas das pessoas... Se você for lá pra dentro, continua. Você quer ver a África, não precisa ir à África, é só ir ali.

A gente tinha uma associação de moradores, mas a gente não tinha entendimento. A gente não sabia o que traz o lixo, quais as consequências dele, entendeu? Não avisaram a gente que viria tudo isso, entendeu? O tráfico... Tudo, tudo de ruim. A gente não sabia que tinha que ter contrapartida. A gente tinha que ter cobrado da empresa uma boa escola, uma boa creche, um posto de saúde. A gente não sabia disso. E vivemos anos, anos e anos na ilusão... Eles falando para a gente que foram maravilhosos e que o Jardim Gramacho só teve progresso por causa do lixo. Eu era da Associação e também muita gente boa. Muita gente da Igreja Católica, porque começamos a Associação de Moradores na igreja. Muita gente boa, muita gente com boas ideias, querendo melhorar o Jardim Gramacho. Desde essa época, em 1976, a gente luta por mais escolas, água... que na época aqui não tinha água da CEDAE e esgoto. Nada aqui foi de graça. Até próprio o Lara Vilela foi movimento da gente. O movimento da luz e de tudo. Muito abaixo-assinado. A Igreja Católica nesse ponto aqui foi muito importante.

Quando o aterro veio, eu era muito nova. Eu era nova e queria ajudar as crianças que trabalhavam lá e fazer um trabalho social. Foi assim que comecei e isso de uma forma me ajudou muito. Foi uma coisa boa pra mim. Eu quis fazer a minha parte. Eu tentei fazer né? Como um grão de areia. Eu falo que eu sempre fui um grão de areia nessa história toda aí. Hoje eu vejo... naquela época eu não via não, eu não tinha essa visão... Eu não tinha essa dimensão toda. Depois de todos esses anos de Aterro, a gente descobre que os engenheiros, os especialistas, as pessoas que estudaram, que o Aterro não foi colocado no lugar que deveria. Descobriram que o mangue, ele não é viável. E que poderia acontecer uma tragédia de tamanho gigantesco para Caxias, porque se aquele morro caísse na baía de Guanabara, o tsunami iria não só acabar com o Jardim

Gramacho, mas com a cidade. A gente ainda corre esse risco, porque o morro cai... Você viu a altura que ficou e tem uma fenda lá enorme. Depois de... trinta anos. Ainda não aconteceu uma tragédia porque Deus é pai.

Tem também o povo que só não passa fome, porque ainda tem o "podrão". Ainda tem as crianças que catam no "podrão" para comer. O "podrão" é a comida que o povo joga fora, resto de comida que as lojas não querem. Aqui não tem lixão, mas tem ainda o "podrão". São aterros irregulares e aumentou muito. Cada vez que a gente vai, está diferente. Está mais pobre, está mais miserável... Não muda para melhor. Muda para pior.

As pessoas que trabalhavam no Lixão tinham dinheiro na hora. Catavam lá, vendiam e tinham o dinheiro. A economia ali era diária. Hoje não se tem isso. Hoje até os depósitos estão com dificuldade para conseguir lixo reciclável. Tem lixo, se você for lá, você vai ver lixo espalhado por tudo o que é lugar, mas não mais que dê condições das pessoas viverem. E aí não deram nenhuma alternativa. Lá dentro, tem muito o que? Muita igreja, muita doação de comida, cesta-básica, muita doação de roupa... É por isso que eu estou dizendo, é melhor do que a África, porque a África não tem isso né? Mas é isso o que salva o povo. Gente, eu trabalho nisso há mais de vinte anos, mas é uma coisa que me deprime. Eu chego arrasada em casa, quando eu vou à casa de alguns alunos meus. Eu saio doente. E eu já convivo com isso há muitos anos. Não é aceitável não.

Eu sonhei muito em ver isso aqui melhor do que está. Hoje em dia eu vejo assim... eu nem sei. Acho que a gente tem que sempre sonhar, não é? Tem que sempre acreditar. Mas eu não tenho sonho, aquele sonho, aquela ingenuidade... Mas eu te digo mais, eu vou falar uma coisa que eu penso de verdade, aí não é só para o Jardim Gramacho não, acho que é para o mundo... Enquanto uma criança ainda nascer, Deus acredita na gente. Enquanto uma criança ainda vir ao mundo, eu acho que a gente sonha. Acho que Deus está acreditando na gente.

Ninguém constrói nada sozinho, gente. Nada é construído sozinho. E eu acho que eu faço pouco. Eu estudei com muito sacrifício. Fiz o curso normal, depois parei para trabalhar. Após muitos anos voltei, concluí durante o noturno. Depois, com força, paguei a faculdade de Pedagogia e, quando pude, fiz também a pós-graduação em Gestão Escolar. Durante anos fui responsável pela escola

comunitária e depois pela creche comunitária, ambas ligadas à Igreja Católica. Hoje continuo trabalhando para uma organização não governamental como Pedagoga. Recentemente fiz um curso de cuidadora para ajudar minha mãe... A gente entende tanta coisa. E o que eu quero hoje? O meu sonho hoje? Eu tenho que ir a serviço. As crianças do Jardim Gramacho querem ser felizes. A escola tem que ser um espaço feliz. A gente tem que gostar de ir. Quando a criança não gosta de ir pra escola, eu falo: "gente, tem alguma coisa errada".

Transcrições

Neusa

Eu vim em setembro e meu filho nasceu em abril do outro ano. Ele fez cinquenta anos. Criei meus filhos aqui. Quando a gente veio pra cá meu marido era motorista lá na cidade. Trabalhou naquela empresa (Paranapan) lá na cidade. Ele trabalhou em várias empresas, porque ele era motorista né? (Paranapan), Jurema, Carioca... tudinho. Tinha que andar da Washington Luiz pra cá, porque não tinha ônibus, não é? Aí vinham aqueles homens que trabalhavam à noite, vinham andando pra cá, vinham todos juntos pras casas. Porque moravam aqui a maioria. Todo mundo gostava porque era tranquilo. O bairro era tranquilo, o problema era só esse negócio... a distância. Os problemas eram só esses. Não tinha violência. A distração no tempo de São João era a caipira. A gente se juntava e todo mundo fazia a caipira.

O Jardim Gramacho antes era só casa de sapê, de estuque... Desde a entrada do bairro era aquele capim da Angola... [Planta que cresce principalmente em terrenos úmidos e até pantanosos]. Não entravam ônibus aqui dentro. Não era calçado. Depois que foi loteando, que foi fazendo... Vendendo e fazendo casas, né? Condução não tinha, com o tempo que foi botando. A gente morava aqui e para fazer compras, ou qualquer coisa, tinha que comprar em Caxias. Nem tinha essa pista, depois é que veio fazer. A Washington Luiz também não tinha. De lá de Caxias o carro deixava num barzinho que tinha na entrada e que agora é um bar grande, mas ele era um barzinho pequeno.

Essa minha rua aqui, era uma fila de jaqueiras. Todo mundo chamava de Rua da Jaqueira. Depois que foram vindo aqueles cacos de ônibus velho, quando chovia não entrava carro, porque era tudo enlameado. A gente tinha que sair daqui com sacos de cinco quilos de arroz no pé, para depois chegar lá fora, quando a gente tirava o saco, limpava o pé e pegava a condução.

Aqui era bom porque tinha menos gente, eram só aquelas pessoas... o único problema que tinha era a falta de água, a falta de esgoto, de luz. Mas era mais tranquilo. Era cavalo, era boi, era cachorro, tudo pela rua. Ninguém tinha muro, era cerca de arame. Tinha uma vacaria naquela encruzilhada ali [apontando para a esquina], onde tem o bar. Vacaria é onde os bois ficavam, vendiam leite, mas os leites vendiam nessas garrafas, né? Aí depois que foi melhorando, melhorando. E depois que melhorou, eu acho que piorou.

Nas casas da gente também por aqui, porque a maioria era de madeira, assim de mangue, muitas eram sapê. Muitas vezes você encontrava dentro da parede um ninho de cobra... Embaixo de cama, atrás de roupa, dentro de cesto de papel... tudo encontrava. Aqui mesmo encontramos muitas, cada uma enorme. Ninguém morreu porque Deus não quis mesmo. E era cobra assim, de dois metros e pouco... e até mais. Nunca aconteceu dela pegar alguém e aqui a rua era cheia!

A gente andava... Podia vir de lá de fora a pé pra cá, duas horas da manhã, uma e pouca... O meu marido trabalhava lá embaixo, na cidade. Ele vinha duas horas da manhã. Ele e um outro colega dele que morava naquela igreja ali. Vinham e não acontecia nadinha, nadinha. Única coisa que tinha era ficar cansado, porque vinha da cidade pra cá, né? Luz, a gente tinha que pagar na Rua Larga, lá em baixo. Agora eu nem sei mais como é que é o nome da Rua Larga. É lá perto da Central, aquela rua grande, onde tinha a Light... Esses negócios assim... No Centro do Rio lá. Lá que pagava a luz, lá que pagava imposto, tudo era assim.

A gente chama a rua Manicoré de Doutor Pizarro, porque antigamente ali tinha uma casa grande que era do Doutor Pizarro. Ali era lindo, tinha um casarão, todo mundo gostava de ficar passando por ali. Quando você passava na frente dava para ver o jardim com os anõezinhos da branca de neve. Um jardim lindo! Tinha piscina, tinha tudo. Aí de tanto a gente falar Doutor Pizarro, continuou com esse nome... O pessoal que mora aqui há muito tempo fala: "É na rua do Doutor Pizarro?" Era até ali onde tem a casa da família do Seu Cabral. Aquela na esquina, perto do barbeiro. Do lado de cá. A única casa que tinha era ali, e a do Doutor Pizarro, era encostada ao terreno deles, até lá embaixo onde termina aquele terreno todo ali. Agora lotearam, fizeram uma porção de coisa por ali.

A distração daqui era acompanhar a Folia de Reis. O pessoal ficava até de madrugada acompanhando a Folia de Reis, acompanhando... Tinha festa caipira. As meninas ensaiavam esses negócios tudo na igreja, arrumavam condução e iam para a Vila.

Naquele tempo só tinha um colégio aqui dentro, o Álvaro. E para arrumar vaga era muito difícil. No tempo em que eu procurei, aí foi atrasando muito o estudo, porque quando ela foi começar a estudar já estava com 8 anos e pouco já e foi lá em Paraíba do Sul, acima de Três Rios, até a quarta série num Colégio

interno. Aí eu fazia assim, num domingo eu ia pra Paraíba do Sul. Eu saía daqui da rodoviária as nove horas da manhã, e voltava as quatro horas da tarde. Aí os que vieram depois já teve mais... Porque aí fez o Lara. Teve mais horário pros estudos, de manhã, de tarde... Primeiro era só de manhã, depois a tarde. Porque como era só o Álvaro, tinha muita gente aqui dentro e não tinha como todo mundo estudar. Ficava todo mundo catando vagas.

As brincadeiras das crianças eram saudáveis. A gente brincava de pique-alto. Muitas vezes quando um caía quebrava o braço, o outro caía e se machucava... Subia em árvore. Furava o pé, se machucava. Tinha um mangue que a gente se fazia, então a gente ia para o mangue. Era todo mundo numa dificuldade. Ia pro mangue ali, lá em baixo tinha tipo um laguinho, tinha uns peixinhos, aí pegava aqueles peixinhos, barrigudinho que a gente chamava. Aí pegava um preá no meio do mato, botava aquele negócio que a gente chama de (tuta), não sei se você conhece isso... É tipo uma armadilha que a gente faz pra poder pegar preá. Bota de um lado e do outro, e bota uma madeira com uma borracha no meio. Aí quando ela vai tentar pegar a comida, ela ficava presa ali, aí matava ela, trazia ela... Era a nossa carne. Pelava, dava aquele banho de água quente pra poder tirar aquele pelo dela, limpava, cozinhava... E também caranguejo... Lá no mangue, lá em baixo, mais lá pra dentro...

Plantação, plantava de tudo. Todo mundo plantava de tudo. Todo mundo tinha horta... Porque ninguém tinha dinheiro para comprar, e não tinha nem onde comprar também né? E lá... no mangue, lá a gente ia pegar caranguejo. Aí ficava de vez em quando com o pé furado, porque tinha uns galhos... uns tocos... Mordidas, porque o caranguejo agarrava e a gente enfiava a mão dentro do buraco para poder pegar ele. Aí depois todo mundo aprendeu que quando ele agarrava bastava abaixar a mão e encostar na lama que ele soltava... Era a carne que a gente tinha.

Naquele tempo não tinha padaria, não tinha farmácia, nadinha. A gente tinha aquilo o que fazia. Todo mundo criava porco, criava galinha, criava pato... pra ter ovos e carne. E essas outras carnes que a gente pegava... Passarinho também não escapava de ninguém, todo mundo andava com atiradeira matando passarinho... Rolinha, Anum, Pardal, Garça... Foi uma vida boa. Era muito bom. Todo mundo com o pé furado, todo arranhado, tudo ralado... caía de pé de árvore pegando frutas. Mas todo mundo sobreviveu bem, né? Até hoje, graças a Deus,

a maioria daqueles do nosso tempo... Ninguém deu para fazer coisas fora da lei. Uns com filhos, outros netos, bisnetos... A maioria foram vendo os filhos dos outros nascerem, os netos... chegaram a ver os bisnetos dos outros. E nisso já se foram cinquenta anos aqui de Jardim Gramacho.

No mangue tinha uns cipós que eram bons mesmo, da grossura de um dedo. A criançada pegava, pendurava, balançava, ia até para o outro lado e voltava, ia e voltava... Só que o negócio escorregava mais do que caía, mas fora isso não arreventava não. Era o balanço que a gente fazia. Pegava aquilo, pegava um pedaço de tábua qualquer, uma madeirazinha e amarrava. As crianças sentavam, botavam uma perna pra um lado e outra pro outro e se balançavam. E tinha um no rio também, que eles ficavam se balançando pra lá e pra cá, pra um lado e pro outro e pulavam.

Quando a maré enchia ficava gostosinho pra caramba. A gente quase se afogava, mas era bem divertido. A maré vinha e quando enchia mesmo os caranguejos só faltavam entrar para dentro de casa. A gente via caranguejo aqui na porta de casa... A casa era ali, o caranguejo passava... Todo mundo ali comia. Era a nossa carne. Até fazia aquelas pencas pra vender. Você conheceu aquele Guaiamum? Os caranguejos grandões desse tamanho assim. No fundo do quintal dava muito, quando via aqueles buracões assim já podia enfiar a mão. Enfiar a mão, mas também quando ele agarrava no seu dedo, vou te dizer, era dóido. Se deixasse, ele cortava o seu dedo fora.

Mas aí, o que a gente fazia? A gente pegava alguma coisa, cutucava assim, ia cavando com a enxada ou cavadeira... Aí cavava bastante, quando via que estava chegando nele, pegava um pedaço de pau e botava, quando ele segurava no pedaço de pau, a gente suspendia. Guaiamum dava pra gente pegar assim, no fundo do quintal, mas caranguejo não dava pra gente fazer assim, porque era mais fundo, lá pra dentro do mangue... Aí tinha que enfiar a mão mesmo, tinha que deixar ele agarrar na sua mão. Luva a gente não tinha mesmo, era aqueles pedaços de roupa velha... camiseta velha, roupa velha, a gente enrolava na mão, fazia tipo luva. Porque quando ele mordida, mordida o pano primeiro. Porque ele cortava. A gente não tinha medo de nada, só aa mão pelada que a gente tinha medo. Era tipo um cachorro amarelo, selvagem, ele ficava pra dentro de mata, pra dentro de mangue assim... Ele corria atrás. Ele nunca conseguiu pegar ninguém porque na hora do sufoco, era pé nas costas... Muitas

vezes ele corria atrás, mas a gente não sabia se eles estava correndo atrás, atacando a gente, ou se ele estava com filhote, e achando que estavam querendo pegar os filhotes dele. Porque ele corria até um certo tempo, depois ele parava e voltava. Por isso eu acho que ele não corria atrás da gente... Devia ter cria pelos matos mesmo, né? Então eu acho que era isso. A gente tinha medo dele.

O Porto era um rio muito largo, água limpinha mesmo, todo mundo podia pescar, tomar banho... Quando chegava o final de semana, juntava os pais, as mães, os filhos e caminhavam até o Porto. A nossa distração era passar o dia no Porto. Os pais ficavam pescando e as crianças ficavam tomando banho num rio de água salgada. Depois que fizeram esse aterro lá, aí tampou tudo. Era muito bom, tinha um rio muito bom, bem fundo assim... tinha que ficar na beirada mesmo, se não até se afogava, porque era fundo. No meio dele assim tinha mais de três metros de fundura. Era bem fundo. Tinha uma parte que ele... em vez de o rio fazer assim, ele ia lá pra onde era o chamado Dick, que era perna de mar né? A gente ia seguindo o curso do rio, e ia passando por dentro do mangue. Atolava até o joelho... Aí a gente ia pra lá, era muito lindo lá. Não tinha sujeira. O pessoal levava coisa pra fazer churrasco, pegava peixe lá mesmo, salgava lá e assava espetado no vergalhão e com madeira de mangue seca. E pescavam, né?

Aqui era cheio de lagoas, ali mesmo onde passa o ônibus, tinha uma lagoa que quando chovia, enchia tanto que tinha que passar por cima do morro, que não dava pra passar porque era muito funda. Aqui nessa rua aqui, ali embaixo [apontando com as mãos] era uma lagoa. Você indo mais pra frente, tem um bar ali... Ali era uma lagoa de você ver assim, ficar brotando aquela água... Aquela nascente d'água assim... Aquela areiazinha branquinha, branquinha mesmo. Aí a gente ia ali e pegava rã também... Rã, a gente comia tudo o que tinha. O que não era líquido, a gente comia. A gente também pegava rã e vendia.

A gente pegava rã ali, tomava banho. As crianças levavam corrida de cobra. Onde tem rã, tem cobra, né? Estavam pescando, aí vinha aquela cobra tentando pegar a rã. E aí, quando pegava a rã, pra testar e ver se a cobra não tinha mordido ela pegavam essas vassouras de piaçava, com aqueles fiapinhos, e enfiavam na rã. Se ela tremesse, é porque a cobra tinha mordido, se botasse nela e ela [não tremesse], é porque não tinha não. Todo mundo ia aprendendo

essas coisas. Muita gente chegou até a ver onça, lá dentro de onde chamavam de ilha. Era uma ilha mesmo, só tinha uma casa lá. Ainda tem a casa velha ainda. Mas agora não dá pra fazer isso, porque agora está perigoso.

Uns dez anos, mais ou menos, depois que teve essa coisa lá dentro, que o pessoal chamava de rampa [o Aterro Metropolitano], foi começando a sumir também as plantas, tinham muitas espécies, tanto de remédio, como flores... O ar parece que foi ficando contaminado, foi acabando muitas mudas de plantas. Minha mãe tinha tanta planta aqui, tantas flores, tantas coisas assim, e agora não se vê mais... Os vizinhos também tinham muitas, também já modificou. O ar mesmo, modificou. Porque aí depois... também tinha a Petrobras, né? Quando ela fazia limpeza dos tambores, vinha um cheiro de gás tão forte, que você ficava como se tivesse com um botijão de gás aberto. Assim escapando...

Outras vezes era coisa de perfume. Outras vezes era um ar... um produto de... desses negócios perfumados. Ela também era bem menor, a REDUC era bem menor, tinha bem menos coisas. Aí foi aumentando tudo. Já teve muito cheiro de gás, muitas coisas... Porque teve vezes de... explosões lá. No começo né? Depois que como ela cresceu bastante, eles arrumaram um jeito de... mais proteção. Teve uma vez que explodiu, uma explosão num coisa de gás, derrubaram as portas todinha das casas que tinham por aqui, foram todas arrombadas com a explosão... Até a minha porta abriu. Arrombou as portas e janelas todas.

Teve muitas coisas que era difícil, mas pra outras coisas era muito bom. Pena que naquele tempo a gente não tinha condições de ter uma filmadora, uma maquina fotográfica para a gente poder tirar algumas fotos, de algumas coisas assim para ver como é que era. Quando a gente olha lá pra baixo e ve aquele morrão que foi lá pra dentro a portaria do vazadouro. Aquilo lá, você olhava, era retinho, era tudo plano, enxergava até o rio. Acabou depois que começou esse negócio, eu não sei nem o que, que aconteceu com aquele rio né? Porque aí acabou... modificou muito. O ar ficou contaminado, e coisa assim. Estragou muita coisa aqui no bairro. E com isso veio muita gente morar aqui dentro pra ir trabalhar lá dentro. Montaram uma favelinha lá pra dentro... O pessoal fez os barraquinhos deles.

Valéria

A gente veio para o Jardim Gramacho em 1962. Isso já tem cinquenta e oito anos... Já faz muito tempo... Antes a gente morava no Centenário. E aqui, a princípio morávamos lá perto do Maruim. Depois meu pai comprou aqui e viemos pra cá. E naquele tempo, a minha mãe falava que ajudou muita gente.

Eu fui trabalhar... Eu sou Técnica em enfermagem. Eu trabalho ali no Adão e trabalho lá na Ilha, no Paulino Werneck.

Eu tenho dois filhos, o L e o L. Nunca pensei em ir embora daqui, mas agora eu já passo a pensar. Eu já tenho vontade, eu já penso. Se eu tiver que me mudar hoje, eu não vou sentir tanto.

Aqui brincadeira de criança era jogar pedra, era atiradeira para o passarinho, eram essas coisas assim... O Porto era lá onde é o mangue. Então o Porto era o mangue. Como ali no Maruim, ali tudo era água. Aí foram aterrando... E o porto virou o Aterro. Mas ainda tem o mangue. A gente ia pegar catanhanha, caranguejo... Lá tinha aquelas arvoretinhas de mangue. Era assim que era. Eu nunca mais fui lá...

A gente ficava brincando na rua, mas nem precisava pegar barco pra ir no mangue. O mangue era pertinho. No final da tarde, a maré começava a encher. Aí a gente brincava de pegar catanhanha, que são aqueles caranguejinhos pequenininhos. Era isso a brincadeira. De manhã ele esvazia e a tarde ele vai subindo.

De escola tinha o Álvaro. A gente saía daqui e ia estudar no Álvaro. Aí depois de muitos anos teve o Lara. Mas o Álvaro sempre existiu. Tinha que ir andando... Não tinha ônibus, o ônibus não vinha aqui. A gente pegava o Variante, e o resto a gente fazia à pé, porque não tinha. Aí depois... você pegava uma ficha lá no Variante... Tinha um que vinha até o Álvaro, e ia até lá no final. Ele só fazia esse trajeto, do Álvaro até o final. Um campo que tinha lá dentro. Perto da Síntese. O ponto final dele era na Síntese. Mas também era só esse o trajeto. Não tinha o viaduto, não tinha a passarela, não tinha nada. Então, o ônibus era lá do Álvaro aqui. Mas depois de muito tempo mesmo...

Foi maravilhoso botar o nome do meu pai na escola, pelo menos não ficou no esquecimento. O nome é porque meu pai foi muito antigo aqui. Ele tinha uma barraca e vendeu muito. Então ele era muito conhecido. O ponto de referência

do bairro era a "Barraca do Cabral". Ele era muito antigo, um dos primeiros moradores daqui. Ele foi uma pessoa muito boa aqui pro bairro.

As crianças hoje não têm dificuldades, tem facilidades e ainda acham difícil. E assim vai, vai dando, vai dando, vai dando... E ninguém sabe nada, né? Tinha merenda, mas a merenda não era almoço como é hoje. Era uma sopa que cada um levava um legume... É, os alunos levavam um legume. Não tinha... Hoje tem refeição, né? Leite, o governo dava o leite. A merenda era leite, mingau, entendeu? Aí quando tinha que fazer uma sopa, cada um levava um legume. Era bom a sopinha. Levava na canequinha. Era numa canequinha de alumínio. Não tinha almoço como hoje, hoje tem café, almoço, janta e tudo. Uniforme, caderno, lápis, borracha... Era o que o governo dava. Mas também não tinha livro.

Aqui era um bairro pequeno, com poucas casas. Só que não era barro, era pedra aqui... Quando a gente veio era pedra... Umas pedrinhas, não era lama o chão, mas também a estrada era pequenininha. Eram caminhos. Não tinha assim uma rua aberta. Aí quando a draga passou para abrir caminho para o ônibus, que virou lama né? Era mato. Mato. Aqui tinha um morrinho, era muito morrinho aqui. O que existia? Existia o Sete Portas, sabe lá o Sete Portas? O Sete Portas... Seu Lima que mora lá dentro...

O ônibus era assim, era só do Álvaro pra cá. Aí muito tempo depois fizeram o viaduto e a passarela, mas morreu muita gente ali naquela travessia da Variante. Muita gente boa morreu ali. Gente conhecida da minha família. É que a gente tinha que atravessar aquela pista e já era estrada. Aí era muito perigoso... Depois fizeram a COHAB. O que tinha quando a gente veio pra cá: o Doutor Pizarro, ali na Dona Alzira. Não tinham dez casas aqui no bairro todo. Bem pouquinho. A família do Seu Pizarro já morreu. Ele era advogado. Mas já morreu há muito tempo. Quando fizeram a COHAB começou a modificar o bairro. Porque você vê que é uma subida, a COHAB. Mas era bem extensa mesmo, a subida ali da COHAB. Aí já ficou melhor né? Muita moradia, muita coisa. Tu fecha o olho assim, quando vê, já cresceu, né?

Esse bairro mudou muito, aqui era tão gostoso, tão tranquilo... E hoje em dia não é mais. Eu andava isso aí tudo... De noite que eu digo. E assim bem (grandinha) já. Hoje eu não ando sete horas da noite. Quando eu venho de lá de fora, o ônibus era até onze e meia da noite, perdeu o de onze e meia já era. Tinha que... viação canela. Tranquilamente, você podia vir à vontade, andando,

não tinha nada na rua. Ninguém te roubava, ninguém não te assaltava.

Meu pai era muito conhecido aqui. A barraca dele era ali, onde é o bicheiro. Aqui na esquina mesmo. Vendia bebida, pão, cereal...

Quando meu pai abriu a barraca eu deveria ter uns sete anos. A barraca era grande. Ele vendia para muitas pessoas. Era a única que tinha, não tinha padaria, não tinha nada, porque não tinha nada no bairro. Ficou muitos anos. Depois ele morreu... com sessenta e cinco anos. E ele fez muitas casas também, porque ele era pedreiro. Ele construiu muitas casas aqui. Isso quando a gente era pequeno. Ele plantava, fazia a horta, essas coisas... Ele colhia e a gente ficava vendendo nas portas. A gente saía vendendo (verdura fresca). Tenho sete irmãos. Três mulheres e quatro homens. Aqui só moram dois. Um lá em Itaguaí, o outro lá em Santa Cruz, os outros moram aqui. Dois moram aqui. O que tinha muito aqui era mato e mosquito. Isso tinha. Dava seis horas da tarde, a gente não podia ficar mais do lado de fora. Maruim mesmo. E não é qualquer coisa que mata ele não, a gente naquele tempo usava serragem, ou então fezes de vaca seca. Era isso que conseguia combater o maruim. A gente não ficava na rua, porque não tinha nada aqui.

Aqui não tinha lazer nenhum não. Mas hoje também, não tem lazer nenhum aqui. Nosso bairro, ele é muito carente.

O bairro mudou aos poucos com o Aterro... Eu sei que na época com a chegada do Aterro ficou sem movimento nenhum pra lá né? Se a gente for pra lá, é um deserto. Começou a ter depósito de reciclagem de lixo e o campo se acabou. Tem muito é lixo.

A luz e a água chegaram tudo junto com a COHAB. A COHAB chegou, aí veio um monte de coisa. Porque como aumentou a população, veio muita coisa. Até então, era água de poço e essa rua aqui não tinha energia. A maioria das coisas eram frescas, e se usava muito carne suína, que ficava na banha guardada.

Helena

Eu moro aqui tem 36 anos. Eu tinha quinze anos. Fiz cinquenta e um, dia seis de setembro. Quando eu vim pra cá, aqui em casa era de madeira... Aliás eu não morei aqui primeiro não, eu morei ali atrás, onde tem uma igreja... Não sei se você sabe... Aqui perto do Adelino, sabe onde é o Adelino? Aqui na esquina? Eu morei ali, ali tem uma igreja, tem uma casa ali. Foi alugada, eu morei ali. Aí depois uma senhora que estava vendendo isso aqui, nós compramos. Isso aqui era uma casa de madeira, tinha acho que dois ou três cômodos de madeira. daquelas madeiras que você corta a árvore. Aí a gente foi construindo aos pouquinhos. A minha casa tinha um cômodo. Aí depois eu conheci o meu marido e ele foi melhorando a nossa vida. Estudei, fiz faculdade, foi ele quem pagou. E assim vai indo.

Aqui para o Jardim Gramacho veio a minha mãe, veio o meu padrasto, minha irmã e meu irmão. Veio todo mundo. Aqui era tudo mato. Essa área aqui é área da Marinha. Era puro mangue aqui. O pessoal foi aterrando. Antigamente isso era baixinho, tinha todos os tipos de bicho. Não tinha essas casas todas. Aqui era tudo mangue. Daqui pra lá como eu te falei, ali é tudo da Marinha, pra lá... A única casa que tinha aqui, era essa aqui e aqui do lado tinha uma casa que era de uma senhora, que era uma taperazinha, que agora é uma casa melhorada. Só tinha isso. Ali onde está aquele galpão era uma vila. Era uma vila antiga, morava um pessoal ali. E somente, aqui só tinha isso.

Aqui [apontando para o outro lado da rua], onde tem aqueles caminhões ali, os sacolões vinham e jogavam o resto de feira. O pessoal vinha e pegava para comer. Eu vinha ali pegar para minha tartaruga. O pessoal começou a pensar que eu estava pegando pra comer. Foi um moço lá em casa levar linguiça e queijo pra mim. Ele falou: "Você não está comendo podrão?" Ah, eu nunca mais vim buscar. Não pego mais, não pego mais. O pessoal vinha com carrinho de feira pra pegar para casa. Aqui enchia tá, de gente. Ficava igual a rampa. Havia muita gente desesperada para comer. De noite aqui é horrível. Não tem iluminação.

Estamos terminando a construção de uma biblioteca comunitária para fazer atividades com as crianças. A gente vai fazer uma varanda. A gente tem esperança que as pessoas venham aqui buscar livro pra ler, né? A gente tem

essa esperança. E assim é a nossa casinha aqui. Essa é a Biblioteca Comunitária que não tem nome ainda, a gente tem que ajeitar um nome... A gente podia fazer uma enquete *online* pra ver isso, um nome. Aqui é assim, aqui as crianças não tem nada. Aí geralmente, eu mesmo falo que as crianças... Eu mesmo falo pro pessoal da biblioteca que as crianças do Jardim Gramacho, elas não sabem o que é brincar. Elas não sabem o que é brincar. Eles não aprenderam o que é isso.

Quando eu cheguei aqui, eu ainda estava no primário. Estudei no Álvaro... Aqui no Jardim Gramacho, eu só estudei no Álvaro. Meus filhos já estudaram no Lara. Eu estudei no Álvaro aqui e depois estudei no Flama, lá em Caxias.

O meu pai morreu, aí a minha mãe conheceu o meu padrasto... A minha mãe veio morar com o meu padrasto pra cá. Só que como eu estava estudando, eu fiquei morando na casa de uma moça lá. Eu fiquei lá pra terminar de estudar. Antigamente não fazia transferência, igual a se faz hoje. Você tinha que ficar na casa de alguém pra terminar de estudar. Aí eu ficava lá e vinha embora fim de semana pra casa. E assim foi, estudei assim...

Antigamente quem trabalhava na Rampa [Aterro] era a minha mãe, o meu padrasto, minha irmã mais nova... Puxavam aqueles burrinhos sem rabo. Não tinha antigamente aqueles caminhões, não tinha aquela coisa toda... antigamente. Não sei se alguém já te contou isso... Antigamente o pessoal que catava na Rampa, eles puxavam a carroça, mas só que sem o cavalo. O cavalo era a pessoa, no caso era a minha irmã que puxava. Aí eles trabalhavam na Rampa, enquanto eu ficava em casa tomando conta da minha sobrinha que está com trinta e três anos. Muita gente que trabalhava na Rampa, pegava o que caía para comer... Coisa mesmo que sobrava do mercado, coisas que jogavam fora porque passou da validade... A minha mãe não, a gente aqui não usava esses produtos da Rampa. A gente usava o dinheiro mesmo. A minha mãe até trazia, mas trazia para o pessoal que precisav. Aqui tinha uma senhora com vários filhos, então minha mãe até trazia pra ela, alho, cebola... Coisa que a minha mãe achava que dava para aproveitar.

A Rampa aqui está fazendo muita falta. Porque nem todo mundo aqui é alfabetizado, você sabe. Quando eu vim pra cá, como eu te falei, aqui só tinha a minha casa. Aí começou a vir o pessoal do "Norte" e eles não eram alfabetizados. E eles me pediam pra ler as cartas deles. Aí tem cartas de namorados, cartas

intimas... E eu tinha que ler. Assim, você fica sem graça... Aí me chamavam: "Lê aqui pra mim!" Aí eu tinha que ler, era desagradável. Aqui quem lia as cartas era eu. Aquela igreja ali, quem escreveu o primeiro nome daquela igreja foi eu também. Aqui ninguém sabe ler. Ali a primeira coisa, foi eu que escrevi: "Assembleia de Deus". Não tinha ninguém para escrever. A igreja começou pequenininha. Era humilde, era uma casinha com uma plaquinha. Antigamente a Rampa era uma forma de arrumar dinheiro. O pessoal ia pra Rampa, arrumava um dinheiro e iam construindo as casinhas. Quando a Rampa terminou, que foi há pouco tempo, deram aquela indenização pra cada um... Até quem nunca foi na Rampa pegou esse dinheiro, eu não peguei e minha mãe trabalhou na Rampa e numa cooperativa.

As pessoas perguntam: "Você mora no Jardim Gramacho?" "Mora no Lixão?" E quando as pessoas te olham: "Você mora na comunidade do Jardim Gramacho?" Gente, que comunidade? O que é comunidade para esse povo? "Você é um favelado? Você é uma favelada?" Não é isso gente!

Denise

Eu nasci na Expedicionário, na Variante. Eu vim morar no Jardim Gramacho, assim que eu fiz cinco anos, bem pequenininha. Eu morava perto da padaria do Redondo. Não tinha casa nenhuma por aqui. Na Rua Raul Veiga (nome da rua em que morava) tinha a nossa casa e acho que mais duas casas na rua toda. E nessa rua aqui (Rua Amapá) tem duas casas de dois moradores que quando a gente veio pra aqui já tinha. Fora isso, não tinha nada.

Eu sou professora de Ciências e Biologia. Tem pouco tempo que eu terminei a graduação. Foi em 2014 e logo em seguida já comecei no Estado. Tem pouco tempo de tudo.

Ali onde é o Maruim, por exemplo, era manguezal, tinha um sítio. Quando começaram a construir a COHAB o sítio era divisa com a COHAB. E o manguezal ali... O dono do sítio era padrinho do meu irmão. A gente ia pra lá, ele dava Catanhanha pro meu pai... Ele dava coisas que ele pegava lá. Era muito legal. Não tinha poluição, nem a própria Baía de Guanabara era tão poluída. Então, a gente podia até tomar banho. Então, era muita coisa legal.

A gente não pode dizer que todo mundo ia pra lá tomar banho, porque tinha um sítio, era uma propriedade. Apesar de que o dono era uma pessoa muito bacana... Mais tinha ido também... Lá pra dentro eu só fui uma vez. Onde que falam que muita gente ia tomar banho, eu até esqueci o nome do lugar. Então assim... Tinha aquela área lá também. Mas tudo aqui, você sabe né? Era manguezal. Muita gente vivia do que tirava dessa área, dessa região. E aí, depois que veio o Aterro... Nessa época... Pra você ter uma idéia de como aqui era... Lá no meu terreno não era muro, mas era cerca... E a cerca abria igual roça mesmo, que o pessoal chama de (colchete). Era uma coisa daquelas quando a gente veio morar aqui. E tinha também um barco no terreno que o antigo dono provavelmente usava para pescar.

Antes do Aterro, que eu me lembre, veio a COHAB. Começou diversos tipos de moradores, entendeu? Então, assim... Já começa a criar um impacto no bairro, né? Outras coisas também daquela época... Tinha Vacaria. As vacas andavam... O pessoal carregava vaca pra cima e pra baixo. Naquela época tinha muito temporal, tempestades de verão, morreu uma vaca ali em cima com um raio. O morador foi pra cima... Carregou a vaca. tadinho. Eu me lembro até que

uma vez roubaram... Eu acho que roubaram um bezerro da vaca, a bichinha ficava pela rua aqui chorando... Ela chorava, passava o dia todo chorando. Então, pra gente ir pro sítio a gente ia por um caminho que não tinha casa. Era tudo mato mesmo. Quando chovia a gente brincava na enxurrada... Ali na Raul Veiga, chovia e a gente brincava... A água era limpa, não tinha esgoto. Era uma delícia mesmo.

Quando a gente pegava o ônibus... Descia pelo terreno... Os terrenos são grandes aqui, todos esses terrenos... A gente descia ali e pegava o ônibus lá na Monte Castelo, lá embaixo. A Monte Castelo existia, mas era só barro. Eu me lembro que quando chovia muita criança não ia para a escola. Eu ficava me perguntando porque as crianças faltavam? Depois que eu fui entender que era muita lama. Pra você ter uma idéia, quando chovia e o ônibus passava, tinha área que não dava pra gente passar na Monte Castelo. Mas como eu não ia pra escola pela Monte Castelo, eu ia pela Raul Veiga, já saía lá depois do mercado.

Aí depois que eu fui entender, analisar essa dificuldade e tal ... O ônibus sempre foi uma linha só, não tinha também o viaduto... A gente atravessava a Variante... A Washington Luiz, o nome dela era Variante. Aí a gente atravessava... O ônibus ia até ali. Era uma poeira que não acabava mais, porque era uma estrada de barro. Aí eu me lembro que a gente tinha uma fichinha que você... Eu não estou lembrada se daqui pra lá a gente pagava passagem e lá a gente dava... Primeiro era uma fichinha, tinha até um potinho no ônibus, a gente depositava a fichinha. Primeiro foi a fichinha, depois foi talãozinho... Esses talãozinhos, igual de meia... Era uma ficha mesmo de plástico... Você pagava a passagem no ônibus Variante, e aí lá eles te davam a ficha, depois o talãozinho. Aí chegava aqui, você dava ao motorista para não pagar outra passagem. Mas atravessava a Variante, que é a Washington Luiz.

Esse ônibus rodava só aqui dentro, não tinha como ele... Quer dizer, devia ter, ele devia ter um retorno lá pra cima, não sei pra onde... Mas era inviável, aí ele circulava só aqui dentro. Um ônibus bem ruinzinho, tadinho. O bichinho não tinha como ficar bom, porque havia muito buraco, poeira, muita poeira... Eles fizeram o viaduto também... Aí, COHAB, viaduto... Aí depois do viaduto, o ônibus passou a circular direto. Mas sempre aquilo né? Tem hora que tem, tem hora que não tem. Do jeito que você sabe.

A COHAB também foi outro impacto. Veio muita gente diferente de uma

vez. E aí veio gente de boa índole e gente de má índole.

Eu vi a COHAB ser construída. A COHAB são são casinhas assim, olha... Quando eu vim morar aqui, a Raul Veiga, o nome dela era Altamira. Altamira é uma cidade da Região Norte, famosa. O nome era Altamira. Anajás é também de lá, da Região Norte, Amapá é o estado. Se você observar... Almerim também devia ser alguma coisa, alguma cidade de lá da Região Norte. Aí escolheram esses nomes. Se você observar o nome dessas ruas são relacionadas a Região Norte. Aí depois que foi mudando. Mudar pra Josefa Teixeira, eu não sei quem é, eu não conheço Josefa Teixeira.

COHAB é só aquele conjunto habitacional. E é só um terreno pequenininho, com as casinhas todas iguais. Só que o pessoal foi mudando. Mas se você olhar com atenção, você vai ver que algumas ainda são assim, nesse modelinho assim, com uma varandinha bem pequenininha na frente.

Quando estavam fazendo a COHAB, a gente ia lá. A gente foi lá, olhava a obra, passava... Eu era moleque, eu era moleque, não era menininha não. Eu era moleque. Gente, brincadeira de menina era muito chata... Bonequinha... Eu não gostava não. Eu me lembro que um dia, ali mesmo, onde é a escada... Só que ali, quando começaram a fazer a COHAB, aplainaram lá em cima, aí vinha um barranco delicioso pra escorregar.

Era legal, tinha muita coisa boa assim no Jardim Gramacho! Tinha cobra aqui naquela época. Aqui também tinha uma jaqueira enorme. Aqui tem história de várias jaqueiras. Tinha jaqueira e mangueira.

A gente comprava leite quando o leiteiro passava de carroça e vendia leite no vidro mesmo, na garrafa. A gente tinha a leiteira, tinha uma leiteira de alumínio, se quisesse podia comprar leite na vacaria. O padeiro passava também na bicicleta.

A padaria da Praça foi a sensação do bairro: a Joia do Obelisco. Aquela padaria, a Joia do Obelisco, foi a sensação, o primeiro grande comércio. A barraquinha que tinha era a do Seu Cabral, que era ali também. Fora isso não tinha nada. Toda vez que gente queria comprar um doce, a gente ia lá na barraca do Seu Cabral.

Eu fui embora do bairro para Pernambuco quando eu tinha treze anos, em 1977. E em 1978 um conhecido mandou uma foto para gente da Raul Veiga, só que pegando o asfalto, mostrando que tinham asfaltado a Monte Castelo. Aí todo

mundo: "Oh! Que maravilha! Asfaltaram a Monte castelo!" Aí a gente assim: "Nossa! Foi só a gente sair de lá que já começou a melhorar". Um engano... Eu fico pensando... Eu não estava aqui na época... A idéia que tiveram na questão da entrada do Aterro, foi justamente que era o progresso, que estava melhorando... Naquela época se falava muito nisso, na questão do progresso. "Olha! Já começou a asfaltar a Monte Castelo. A gente está progredindo!" Aí nós moramos lá por cinco anos. Quando eu fiz dezoito anos eu voltei. Quando eu voltei, realmente... Vou te falar, foi um choque. Eu não sei se por isso, até hoje eu não me conformo com as condições do bairro... Porque esse bairro, ele é muito sujo... Ele é muito sujo, ele é muito abandonado.

E tem mais, na época em que eu vim morar aqui, não existia coleta de lixo. Não tinha nada. Como é que iria ter coleta de lixo?

Há pouco tempo a Gás Verde foi multada. Há um ano, dois anos, não sei... Eu sou chata porque eu cobro Educação Ambiental para o bairro, mas nem isso é feito. A própria prefeitura deveria ter medidas compensatórias pra um bairro em que você está causando ainda tanto impacto... E da Washington Luiz pra lá é limpo. Se você for na Chacrinha, se você for na Vila São Luiz, você vê que alguém varre, alguém limpa. O que há de ruim traz pra cá. Sempre o que não presta traz pra cá. O transbordo ia pra outro bairro, mas os moradores de lá não aceitaram. Mas aqui a população é muito passiva. Uma sugestão minha seria desenvolver a questão do ambiente relacionada diretamente à saúde, porque se a gente começa a educar essas crianças sobre a importância do ambiente limpo, podemos transformar o nosso bairro.

Eu conheço pessoas que foram embora do Jardim Gramacho porque a Rampa ia acabar... Detalhe, o Jardim Gramacho não tinha favela nenhuma, essa história você conhece? A primeira favela que surgiu no Jardim Gramacho foi exatamente por causa do Lixão. Porque o lixo era no Rio, não sei aonde... Quando o lixo saiu do Rio e começou a ser despejado aqui... Falava-se Aterro Sanitário, mas de sanitário mesmo... Era um lixão e que botavam um barro por cima. Na verdade, nunca teve estrutura... Quando o lixão veio pra cá, veio o primeiro grupo, que segue o lixo. Eles vieram, então nasceu o que? O Beco do Saci. Ali foi a primeira favela do Jardim Gramacho. Ali tem muitos anos, foi justamente quando eu voltei... dessa época que eu falei que eu morei fora. Quando eu voltei, já existia aquela favela. Que veio com o pessoal que veio

mesmo pra catar. Por quê? Porque quem morava aqui já era morador daqui, cada um tinha a sua atividade.

Eu trabalhei no Censo em 2000, nessa época aquela área do Parque Planetário, não sei se você conhece... Aquilo ali estava sendo aterrado ainda. Estava sendo aterrado, agora está assim de casa, de lixo... Ali é muito lixo. As pessoas têm lixo no quintal.

Há uma praça chamada Alcir Cavalini, por causa do Alcir que morreu ali... O Moacir da Ambulância, morador antigo do bairro e tal, jogava bola ali. Ali tinha um terreno baldio que eles jogavam bola e ele jogava bola ali também. Como que ele conseguiu, o Moacir da Ambulância, esse jeitinho de ser... Como ele conseguiu ser vereador? A rapaziada de antigamente, alguns até já morreram, alguns morreram de doença, morte natural... Uma rapaziada que se dividiu depois, mas era um grupo de amigos, um grupo muito grande e que se juntou pra apoiar o Moacir. Eles até falavam "O Grupo de Amigos do Moacir da Ambulância". Se juntaram pra apoiar ele e conseguir se eleger para vereador. Foi assim que o Jardim Gramacho teve o primeiro vereador. No dia da votação... Lá no José Medeiros (Escola Municipal) parece que colocaram uma faixa e isso não podia no dia. Então o Alcir subiu no poste pra tirar a faixa, levou um choque e caiu eletrocutado. Dizem que foi levado com vida, mas outros dizem que ele morreu na hora. Mas enfim, faleceu. E a praça recebeu esse nome por isso.

A gente foi na Cúpula dos Povos, com faixas, uma faixa dessa... uma faixa amarela, assim: "SOS Jardim Gramacho", só que não era esse SOS, era só uma faixa... A nossa faixa era "SOS Jardim Gramacho, o Lixão continua"... Era uma coisa assim. A gente tinha denúncias de que tinha lixões clandestinos, de que o lixo continuava. Porque a promessa era a de que ia acabar. Aí quando a gente chega num determinado local lá da Cúpula dos Povos, quem estava lá? Todo esse pessoal dos catadores, todos reunidos...

A coleta começou... Eu vou até olhar aqui pela data que eu criei o grupo, eu sei quando que a gente começou. O grupo começou um pouquinho depois, eu criei o grupo um pouquinho depois. Grupo criado em março de 2016. Em março, nove de março.

O Movimento SOS Jardim Gramacho está envolvido com outros e a gente fez a primeira manifestação há uns três anos. Quando fechou o Aterro, já no primeiro ano começaram a juntar montanhas de lixo em toda esquina.

Então nessa época a gente já estava se reunindo com o Secretário e aconteceu a manifestação. Logo depois da primeira manifestação, a prefeitura veio e se comprometeu a fazer uma limpeza no bairro. E realmente eles fizeram. Só que, prometeram também um pouquinho de Educação Ambiental, mas só distribuíram panfletos e um grupo de pessoas pendurou nas portas. Isso não é Educação Ambiental!

A coleta seletiva só surgiu depois porque a gente se organizou, mas a prefeitura ajudou e deu suporte para a criação do Centro de Triagem.

O Centro de Triagem foi criado com esse pessoal das cooperativas e que não eram regularizados. Ao todo eram sete cooperativas com dois responsáveis de cada cooperativa. O objetivo foi criar um espaço que eles chamam de base onde jogam o lixo e eles separam... Aqui vai o material reciclável, mas a gente separa pelo menos o orgânico pra base. Essas cooperativas já deviam trabalhar dessa forma lá. A forma que eles trabalhavam, porque eles não eram legalizados, era das piores condições. Então a prefeitura ajudou. O plano piloto deles de coleta seletiva pra receber material doméstico foi na Vila São Luiz. Apesar do Centro de Triagem ter sido criado pra atender essas cooperativas, ele não foi criado pra fazer Educação Ambiental no Jardim Gramacho.

Era muito difícil conseguir vaga em escola pública antigamente. Na época, era o DECO (Escola Particular que funcionou durante muitos anos no prédio que hoje abriga a Escola Municipal José Medeiros Cabral). Minha filha estudou no DECO na 1ª e 2ª série, na época. Aí depois trouxe ela para a Escola Municipal Jardim Gramacho. Aliás, eu já ia me esquecendo de falar que essa escola só aconteceu por causa de uma manifestação em mil novecentos e antigamente. Porque essa escola funcionava dentro da igreja católica, essa da Nossa Senhora da Penha, aqui da Pistóia. A escola funcionava lá dentro. Porque a Escola Municipal Mauro de Castro veio depois. Eu sei que ela era uma escola municipal, mas funcionava dentro da igreja. Então, eu fiquei sabendo que ela era uma escola porque a igreja começou a ser destruída e muita gente reclamava. Durante a semana tinha divisórias e estava tudo esquisito, estava tudo sujo e estava tudo feio. A igreja estava horrível. A manifestação foi organizada pelo falecido Ricardinho, que era bem novinho e nem era candidato ainda.

A manifestação foi no centro de Caxias. A gente andou numas ruas lá do centro de Caxias, chamaram a gente pra conversar... Eu não sei se foi na

Secretaria de Educação... Porque na época, eu acho que a Secretaria de Educação era aqui na praça Roberto Silveira. A prefeitura toda era ali. No ano seguinte começaram a fazer a escola. A escola saiu. Então, a primeira escola municipal do Jardim Gramacho, só saiu por causa de uma manifestação. Isso a população não sabe.

Eu me lembro que quando eu estudava no Lara, a gente tinha um livrinho pequenininho, o nome do livro era "Paisagem", esse livro ele falava da história da Baixada Fluminense, da cana de açúcar... Então eu não esqueci nunca mais dessa questão da cana, do café, das fazendas, e coisa e tal.